

Verdades da Vida

REVELAÇÕES NOS
SOCORROS MEDIÚNICOS

J. B. GARCIA

EME
EDITORA



Verdades da vida

ÍNDICE

Homenagem e respeito.....	01
Justas reflexões.	
Homenagem	*F
Agradecimentos	H
Palavras ao leitor.....	13
Algumas razões deste livro	17
Descobertas em serviço	23
O Grupo Espírita Valerium	29
Passos	33
Explicações e apelos necessários	37
Regressões sem tabus	41
Tranquilidade ecumênica	47
A ferramenta de Jesus	1 51
O braço.....	53
Talentos enterrados.....	61
Formatura.....	65
Caçando provas	67
Instruí-vos.....	; 71
Vinculações	73
Férias viúvas.....	77
Penosa terapia desvinculatória	81
O preço de um pacto	85
O casamento do professor	39
O filho rebelde.....	
Crianças... Anjinhos?	99
O caso Antônio	103
O caso Alfredo.....	107
Fora do corpo... a verdade	111
Flores a um conhecido.....	125
A mídia do Além	131
Hospital Espiritual do "Grupo Valerium".....	135
Poder... Ah! O poder!	139
Os Espíritos azuis.....	143
A fascinante atividade mediúnica	155
Atlântida e os Espíritos verdes.....	161
Tipos e cores de ectoplasma	165

Cromoterapia.....	171
Nossas incríveis "porções"	177
Entrevistas e "Manual de Entendimento".....	183
Por que a "Série André Luiz"	187
Mensagem de Emmanuel	193
A dádiva do nosso hospital	

Homenagem e respeito

Quisemos ouvir a oportuna e necessária opinião de alguns amigos, vultos significativos do Espiritismo, sobre o conteúdo deste livro. Recebemos valiosas sugestões que fazem parte, agora, do texto. Mas entre *sugestões e contestações* existem diferenças. E por respeito a esses amigos, homenageando-os pelos serviços que prestam à Doutrina, cometemos a falta de caridade que é incomodar um ser humano como Chico Xavier, a esta altura de sua encarnação atual; e fomos acompanhados até Uberaba, a fim de ouvi-lo, sendo atendidos como sempre por sua paciência e bondade. Não fomos buscar prefácios nem avais do Plano Espiritual, não por orgulho, mas porque os temos aqui, em nossos trabalhos, de nossos Mentores. Fomos ^ isto sim — ouvir a *opinião pessoal* de um homem respeitável como Chico Xavier, e por cuja mente já passaram cerca de **400** obras vindas do Plano Espiritual, capacitando-o, assim, a opinar sobre dois pontos contestados do livro. Eis o resultado da entrevista generosa:

1 - Comunicação de pessoas vivas sem que estejam dormindo e até estando presentes. Verdades da Vida

Respostas:

CHICO XAVIER — *Os telepatas, usados inclusive nas guerras, demonstram isso. Não estão dormindo quando enviam ou recebem suas mensagens.*

KARDEC — "O Livro dos Espíritos" - Livro II - Cap. VII, nº **420**: "O Espírito não está encerrado no corpo como numa caixa: ele irradia em todo o seu redor; eis porque pode comunicar-se com outros Espíritos, mesmo no estado de vigília, embora o faça mais dificilmente. "

2 - Regressões às vidas passadas

Respostas:

CHICO XAVIER — *Desde que a regressão não seja provocada e não haja recebimentos de dinheiro, é um recurso muito importante nos socorros mediânicos.*

KARDEC -É- "O Livro dos Espíritos"- Livro II - Cap. VII - nº **399** - "Integrado na vida corpórea, o Espírito perde momentaneamente a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse. Não obstante, tem, às vezes, uma vaga consciência, e elas podem mesmo lhe ser reveladas em certas circunstâncias. Mas isso não acontece senão pela vontade dos Espíritos

superiores, que o fazem espontaneamente, com um fim útil e jamais para satisfazer uma curiosidade vã”.

Justas reflexões

Prof. Jayme Monteiro de Barros (1)

O presente trabalho já está, propriamente falando, prefaciado pelo autor, em seus fundamentos básicos, e por bem dizer com muita precisão.

Necessário destacar a excelência do aprendizado espírita do autor, tendo como origem uma fonte pura de estudos e trabalhos espíritas, desenvolvidos no Centro “Luz, Caridade e Amor”, na cidade de Igarapava, onde a mediunidade cristalina de Aristides Nery deslumbrava a todos, justamente numa época em que a Doutrina Espírita era tida como obra de Satanás na infeliz concepção religiosa da Igreja Católica.

O “Grupo Espírita Valerium”, já com seus trinta anos de estudos à base da codificação kardequiana, nascera na vivência do ideal espírita de alguns confrades, sob a direção do autor deste livro, grupo que vem lutando no decorrer desses anos todos, no aperfeiçoamento de seus anseios e de seus ideais, passando pelo crivo das mais justas experiências nas modalidades medianímicas, concluindo pela opção mais íntima, ou seja, pelos árduos e generosos trabalhos da luta contra a obsessão, tentando assim eliminar, da vivência humana, uma das suas mais tristes e dolorosas chagas, tanto física como moralmente.

Necessário destacar que, no decorrer suave e atraente da leitura dos capítulos desta obra, não encontramos apenas as consequências justas dos trabalhos de pesquisa, de assídua investigação quer no campo social, quer através do intercâmbio entre os dois mundos em que vivemos, assegurando-nos orientação precisa dos postulados espíritas, como igualmente sentimos ao término de leitura respectiva os sublimes impulsos à nossa fé, à nossa esperança na conquista da evolução, no acervo dos valores morais da vida e na justa glorificação do nosso próprio viver com destino a Deus.

Aqui aprendemos as lições das experiências do saber nas investigações essencialmente científicas através do deslumbramento da inteligência, conduzindo-nos ao encontro da Verdade, como igualmente sentimos o acalanto da paz no conforto das alegrias espirituais que o autor, de maneira muito precisa e

1 () - O Prof. Jayme Monteiro de Barros é uma das maiores autoridades em Espiritismo, no Estado de São Paulo, realizando seguidas aulas e palestras doutrinárias em várias cidades. Ex- diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da USP de Ribeirão Preto; professor Catedrático de Patologia; é um dos fundadores da Federação Espírita do Estado de São Paulo e da USE (União das Sociedades Espíritas).*

digamos afetivamente, justapõe aos seus conceitos pessoais sobre a vida humana, vida inspirada no sublime da Imortalidade e dos divinos valores morais do espírito.

Aí estão, pois, algumas justas reflexões, aplaudindo esta obra que, através do variadíssimo acervo de conhecimentos e de experiências concisas, nos proporciona, com muita simplicidade, — conhecimento, encanto e paz.

Ribeirão Preto, janeiro de 1994.

Homenagem

O Espiritismo Brasileiro perdeu um dos seus mais ilustres e dedicados trabalhadores, com o desencarne do Prof. Dr. Jayme Monteiro de Barros, ocorrido em novembro de 1996. E quando, na sessão mediúnica, na noite do dia de seu sepultamento, fizemos uma prece por ele, o "telão" dos videntes ofereceu-nos a seguinte mensagem: "Vocês estão tristes aí e nós estamos alegres aqui." Vemos por aí o valor espiritual desse trabalhador dedicado, que para muita honra nossa, avalizou com seu prefácio as contações deste livro, muitas das quais tiveram sua presença e participação. Verdades da Vida

Agradecimentos

Prof. Dr. Márcio José Lauria Bei. Rogério Brochetto Prof.ª Sílvia Wiermann Garcia J. B. Garcia

Palavras ao leitor

Este novo livro que entregamos ao leitor é trabalho que passou pelo crivo de alguns revisores e recebeu diversas sugestões e críticas no sentido de que, depois de pronto, correspondesse à visão kardecista.

Entretanto, nem todas as opiniões foram aceitas pelo autor, que manteve o original de acordo com a sua vontade, direito que lhe asseguramos em suas descrições e novas informações, apoiadas em experiências vivenciais. De nossa parte, é necessário esclarecer que não concordamos com todas, antecipando assim o caráter polêmico da obra.

O Prof. J. B. Garcia é nome bastante conhecido, dedicado companheiro da seara espírita com mais de 25 anos de experiências práticas no campo da mediunidade e desobsessão, há muito tempo ligado à equipe de colaboradores do Grupo Valerium, composto de cerca de 40 médiuns entre psicofônicos, videntes, médiuns fornecedores de ectoplasmas e de apoio vibratório. Entre os profissionais que servem naquela instituição encontram-se professores, médicos, advogados, farmacêuticos, contadores, empresários, engenheiro, bióloga e outros, algo pouco comum por esse nosso Brasil, embora com isso não se esteja querendo

discriminar, o que seria uma leviandade.

Felicidade a deles, que conseguiram reunir um grupo de pessoas com expressiva cultura para a prática espírita, no desenvolvimento das atividades desobsessivas.

Segundo o autor, além de Chico Xavier, visto espiritualmente em suas atividades, "entre os orientadores do espírito Valerium ('Bem-aventurados os Humildes' — Waldo Vieira) — têm sido vistos por aqui desde muitos anos —, Bezerra de Menezes, Emmanuel, Lívia com mais frequência e o papa João XXIII. Outra coisa: existe na sala dos trabalhos, uma espécie de camarote (espiritual), onde frequentemente fica um grupo de anciãos, cabeças branquinhas, muito iluminadas, assistindo aos trabalhos".

Mas vejamos o que disse J. B. Garcia, em **15.05.97**: "fiz várias modificações nos relatos do livro, mas por questão de comunicação, respeitando o teor de várias sugestões dignas de apreço. Precisei até, por exemplo, acrescentar todo um capítulo, sobre a importância da leitura e do estudo da magnífica obra de André Luiz, importância que se firma cada vez mais neste dealbar do Terceiro Milênio, quando no mundo todo milhares de pessoas procuram avidamente uma religião que lhes dê informações lógicas, baseadas em narrativas de fatos objetivos e concretos sobre aflitivas questões existenciais, e que fujam, assim, a balelas como inferno, céu, paraíso, satanás, santidades, etc. Nunca a fé raciocinada, pregada por Kardec, foi tão avidamente buscada".

Em virtude de colocações feitas pelo conselho editorial da EME, sobre alguns temas do livro, o autor houve por bem consultar o querido médium Chico Xavier: —"... quando foi arranjada a entrevista a resposta veio em **12** dias da seguinte maneira: por se tratar de livro, que é coisa muito séria, podem vir mas apenas duas pessoas".

O relato dessa consulta consta nas primeiras páginas. Continuamos firmes com nossa opinião: Chico Xavier é médium, na atualidade o maior e mais destacado intermediário entre a Terra e o Além. Não é editor de livro e não está investido de responsabilidade neste campo. Responde apenas pelo que psicografa.

Em algumas notas de rodapé manifestamos a nossa não concordância com algumas conclusões do autor e com a generalização que faz de sua interpretação de assuntos limitados a algumas personagens, como sendo coisa que atinge o mundo dos encarnados ou mesmo o planeta no campo espiritual.

J.B. Garcia sabe que seu livro não vai encontrar concordância plena, e em carta dirigida ao editor assume a responsabilidade: "Caro Editor, não publicando o livro que é de nossa inteira responsabilidade, você, como pessoa e como espírita, deixa escapar excelente oportunidade de prestação de serviço ao plano espiritual. E presta um lamentável desserviço à 'religião dos espíritos', conforme declara Emmanuel já no próprio nome da obra citada, um dos seus melhores livros".

E continua: "Que este livro vai causar polêmicas, isto vai. E daí?... Polêmica não é só acusações, porque em tudo existem os prós e os contras. Acredito piamente

que muitos centros e grupos já passaram pelas nossas experiências e não as tomam públicas por inúmeras razões, entre as quais, podem estar a falta de confiança, falta de quem escreva os relatos, etc. Mas quais as novas ideias que não desacomodam os acomodados e que, bem por isso, estrilam, dificultam, sofismam, combatem... Além do mais, meu caro, é fácil: que os espíritas, em seus centros, intensifiquem os intercâmbios e tirem suas próprias conclusões. Nós estamos apenas contando o que nós aprendemos."

Após três anos de troca de correspondências, telefonemas e até conversas pessoais, chegamos a um bom termo, em **26.12.97**, quando o autor da obra, J. B. Garcia, manifestou por fax sua não concordância com nossas notas de rodapé e assumiu a responsabilidade editorial em nome da Instituição Hospitalar Grupo Valerium (que já edita a Revista Depoimentos), passando a Editora EME a se incumbir dos serviços de impressão de Verdades da Vida.

Apesar da batalha argumentativa que mantivemos, aí está o livro. Sem que se perca o respeito, sem que nos atinja a desconfiança. Uma publicação que vai, como todos queremos, em busca da verdade, que um dia nos libertará.

É hora de baixar as armas. Autor, editor e revisores sentem sua missão cumprida. Com a palavra, o leitor.

Capivari-SP, **09** de janeiro de **1998**.

Rodrigues de Camargo

Algumas razões deste livro

I "Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes" - *João, 13:17*)

A maioria dos fatos aqui contados surgiu ao longo dos trabalhos mediúnicos de desobsessão e cura, realizados na Instituição Hospitalar Grupo Valerium, de Ribeirão Preto. Mas não somos um laboratório de pesquisas frias: conceituamo-nos uma oficina de caridade mediúnica, cujo desiderato, em nome do Amor ao próximo, é ajudar pessoas "vivas", vitimadas por um dos maiores e infelizmente mais ignorados flagelos da humanidade, que é a obsessão, com seu elenco de danos morais e materiais provocados por espíritos *desencarnados*, ("mortos") e, muitas vezes, também por *encarnados* ("vivos").

Isto, entretanto, não nos impediria relatar diversos outros fatos mediúnicos ocorridos ao longo dos trabalhos desobsessivos, alguns deles surpreendentes, mas que, logicamente, não poderiam ser inseridos na codificação kardequiana. O próprio Mestre Jesus, na sua admirável visão didático-pedagógica nos alertou sobre que "há tempos de semear e tempos de colher" Pasteur revelou-nos o mundo fascinante dos micróbios, mas deixou aos seguidores a tarefa de estruturar a microbiologia, pelo estudo sério e pelo labor honesto. O mesmo ocorreu a Galileu com o seu primeiro canudo de olhar o firmamento...

O mestre de todos nós — Allan Kardec — no seu luminoso trabalho de codificação, deu-nos a chave, ensinando aos homens como abrir as portas do mundo espiritual, até então barradas aos "vivos" pela ignorância de muitos e pela má fé do sectarismo religioso. Entretanto, portas adentro do Mundo Espiritual, descobrimos fatos e situações inéditas. Mas nenhuma pretensão nos leva a convencer pessoas quanto à autenticidade dos fatos narrados neste livro. Quem faz descobertas, no campo do espírito, tem o dever de oferecer suas experiências. A partir daí, as reações individuais são da responsabilidade de cada um.

Contando as nossas experiências no campo mediúnico, sentimos imensa alegria ao afirmar que o Espiritismo, com Jesus, e Kardec, é muito mais amplo, maravilhoso e sério do que se possa supor. Kardec montou a estrutura doutrinária, mas, pela sua missão específica de codificador, não contou tudo: codificou o que lhe revelaram. Entretanto, o Plano Espiritual, "rasgando véus", como diz Emmanuel nos livros que vem prefaciando, — mandou-nos posteriormente a "série André Luiz", pelo Chico Xavier, obra magnífica que amplia e explica de forma detalhada uma grande "tantada" do que Kardec, prudentemente não revelou, pois sua missão era específica. Se Kardec não revelou "tudo", alertou que aos espíritas cumpria fundar e multiplicar centros e grupos e APROFUNDAR as relações mortos-vivos. E para tal, nos ofereceu "O Livro dos Médiuns" que, a seu turno, também "não contou tudo" sobre as imensas possibilidades e técnicas das comunicações com os espíritos.

Por isso é que os grupos e os centros espíritas não são melhores nem piores entre si. Pelo próprio liberalismo estrutural da Doutrina, eles são diferenciados. E nisto se embasa toda a beleza do nosso credo e suas práticas devocionais. Como ensina a autoridade do querido benfeitor Emmanuel, "toda demonstração de fé, desde que sincera, deve ser respeitada." E ninguém pode precisar até onde ela pode chegar...

Cada grupo de pessoas estuda e pratica o Kardecismo como o entendeu e como consegue fazê-lo. Assim, um punhado de estrelas não é o firmamento. E torna-se cristalina a *responsabilidade pessoal* dos seguidores das revelações espíritas — que não vão parar nunca! — contidas na codificação kardequiana. Entrementes, a avaliação do desempenho de cada qual é do Plano Espiritual. Os Mentores, muito mais atentos do que supomos, jamais deixaram e jamais deixarão um grupo, ou um centro, sem atenção generosa e específica. Como é óbvio e justo, tal postura dos Espíritos de Luz dá aos espíritas ativos uma carga de responsabilidades densa e séria. Nem poderia ser diferente, eis que muito será pedido a quem muito se deu.

Várias outras razões nos levam a contar em livro os fatos que temos vienciado ao longo dos nossos trinta e dois anos de lides especificamente mediúnicas. Sabemos, por exemplo, que muitos destes fatos não chegaram ainda ao conhecimento das grandes majorias espíritas, o que é uma pena, porque

mediunidade é socorro e esclarecimentos. Longe de nós, entretanto, a vaidosa fantasia de achar que já vimos "tudo". Há muito que se descobrir, ainda, no que Kardec chamou de "laboratório do mundo invisível". No "expediente" da nossa revista mensal "Depoimentos" isto fica claro: "Muitas das ocorrências verificadas nas sessões mediúnicas do Espiritismo, pelo maravilhoso conteúdo de caridade cristã e pelo seu alto valor pedagógico, não devem ficar restritas às quatro paredes dos centros. Sua divulgação, com certeza, poderá beneficiar a incalculável número de pessoas. Eis a finalidade desta revista."

Um dos principais encorajamentos para a publicação deste livro está contido no ensinamento de Emmanuel: "Relatemos as nossas experiências pessoais, no caminho da Fé, com o desassombro de quem se coloca acima dos preconceitos." ("Religião dos Espíritos").

Particularmente, estamos conformados: a divulgação do que os Mentores nos deixaram ver poderá nos custar contestações e polêmicas. Mas nada disso será pior do que o silêncio sobre tantas "descobertas em serviço". Ocultar tantas coisas maravilhosas que acontecem nas sessões mediúnicas, chega a ser ausência de caridade, porque tais relatos, com certeza, *coincidirão com os mesmos problemas que estão asfixiando centenas de outros lares e de outras vidas por aí*, sem que as pobres vítimas sequer entendam o que se passa e, não entendendo, deixem de procurar no Espiritismo a solução para seus tormentos. Mas a quantos procuram temos sempre o cuidado de esclarecer que, para ser atendida, a pessoa *não precisa necessariamente ser ou se tornar espírita*.

Outra razão desta publicação é uma homenagem que precisamos prestar ao pioneirismo da cidade de Igarapava. Há **60** anos, naquela pequena comunidade às margens do Rio Grande, já existia o Centro Espírita "Luz, Caridade e Amor", fundado e mantido pelo Cel. Azarias Arantes, avô do Dr. Hércio Cintra Arantes, nosso amigo e dedicado secretário do "Anuário Espírita", respeitada publicação de âmbito nacional.

Aquele Centro Espírita, que existe até hoje, contava, na sua mesa de médiuns, com pessoas que particularmente se nos fixaram na memória juvenil, *pela sua postura responsável ante a doutrina*, como Alfredo Vilela, D. Iaiá, Prof. Edmundo Dantès de Castro, Nhazinha Vilela, Tietre Diniz Cintra, Juca Alves, Aristides Nery e outros. "Seu Aristides", assim carinhosamente o chamávamos, era médium vidente, de incorporação, de cura e psicografava diagnósticos e receitas do Dr. Bezerra de Menezes. As sessões eram deslumbrantes por seus ensinamentos, e encantadoras pelas doutrinações eruditas e pedagógicas do Prof. Dantès, socorrendo os espíritos infelizes. (Estamos falando de Espiritismo de **60** anos atrás, quando só de se proclamar espírita a pessoa corria o risco de ser presa e "excomungada" pelos "donos" do Céu...)

Embora menino, prestávamos atenção também às conversas dos adultos, que geralmente tinham à mão o "Reformador" (revista oficial da Federação Espírita

Brasileira) e os livros de Kardec. Mas quando o assunto era o próprio Jesus, seus ensinamentos e atos dos apóstolos, invariavelmente era citado como "tira-teimas" em qualquer discussão, o livro "Parábolas e Ensinos de Jesus", de Cairbar Schutel, o "apóstolo de Matão". Lembramo-nos, outrossim, de que a 50 quilômetros dali, na outra margem do Rio Grande, na cidade de Sacramento, já em Minas Gerais, a obra de Eurípedes Barsanulfo era outra formosa estrela a brilhar, na atmosfera espiritual da região. Até hoje, quanto mais passa o tempo, mais agradecemos ao Senhor que nos permitiu começar, desde cedo, a beber em fontes tão puras a água-viva dos seus ensinamentos. In memoriam, a todos esses vultos respeitáveis e queridos, nossa comovida homenagem na singeleza destes registros.

O Autor ⁽²⁾

Descobertas em serviço

Com o Espiritismo deveria ser diferente, mas não é. A ausência de maiores estudos e de perseverantes atividades práticas no campo das comunicações vivos-mortos, tem privado milhares de pessoas, encarnadas ou não, de benefícios incalculáveis e de descobertas fascinadoras. Entendemos, louvamos e adotamos o zelo consubstanciado na expressão "preservar a pureza doutrinária", em relação ao Kardecismo. Mas lembramo-nos, ao mesmo tempo, de uma das maiores distorções da Revolução Francesa, que Voltaire (?) definiu amargamente: *em nome da Liberdade, encheram-se os presídios*. Transfiramos o enfoque para o hoje do Espiritismo: *em nome da pureza doutrinária, bloqueiam-se milhares de talentos mediúnicos*. E prejudicam-se milhões de pessoas assediadas por obsessores frios e perversos.

Da dúvida ativa, mas de boa fé, sempre nascem as verdades. Na obra de Kardec, "O Livro dos Médiuns", Erasto diz que em matéria de comunicações vivos-mortos, é preferível rejeitar nove verdades a aceitar uma mentira.

No Grupo Valerium esta afirmativa é lema precioso.

Após atividades mediúnicas que já duram mais de trinta anos, temos médiuns e Mentores em quem podemos confiar e o fazemos cheios de comovida gratidão. Sem suprimir-nos o saudável exercício da vigilância, são eles, os Mentores, que nos alertam, lealmente, ao menor *risco de fraude*. Por isso trabalhamos com certezas e com fé. Mas em momento algum olvidamos que vigiar não é duvidar.

² (*) - O livro "Orminda", de J.B.Garcia (romance espírita) já está na 10ª edição, segundo a "Revista de Livros - Editora EME". O autor é Professor P-II1, licenciado em Geografia, Educação Para o Trabalho e Pedagogia. Fundador e dirigente da Instituição Hospitalar Grupo Valerium, sede própria, à Rua Paraíso, 470 - Vila Tibério - 14050-440 - Fone (016)630-2408- Ribeirão Preto - SP. CGC-(MF) 00.972.248/0001-14.

Com este livro, todavia, não estamos querendo impingir verdades prontas e acabadas. Estamos apenas relatando nossas experiências. Todavia, face aos bons frutos propiciados aos que nos procuram, estes relatos devem ser entendidos como convites a outros grupos ou centros para que aprofundem estudos e práticas mediúnicas, e, por sua vez, também descubram outras novas e melhores ferramentas de socorro a enfermos do corpo e do espírito, já que o arsenal do Kardecismo é farto, vário e sempre aberto a TODOS os trabalhadores de boa vontade. Só isso.

Surgirão dúvidas quanto a alguns relatos que constituem este livro. Isso é natural e necessário. Entretanto, quem duvida de boa mente não nega de forma peremptória. Ao contrário, procura conhecer, investigar, sempre com o propósito de somar. Biblioteca e laboratório não devem se guerrear, pois precisam caminhar juntos, entendendo-se, respeitando-se e fortalecendo-se. Só assim será possível encontrar a verdade essencial.

Este livro é uma obra aberta, em acenos e anseios de cooperação na tarefa caridosa de libertar milhares de irmãos nossos, encarnados e desencarnados, a exaurirem-se, impotentes, vampirizados nas teias crudelíssimas da obsessão. Não nos desagradará que algumas vivências mediúnicas adiante relatadas possam ser postas em dúvida ou, mesmo, contestadas. Mas a verdade é que quem não faz, não sabe. Refrigera-nos a alma, acima de tudo, a agradável expectativa de que, talvez, muitos companheiros mais ponderados, passarão a refletir sobre tudo o que se segue e começarão — quem sabe? — a dilatar seus horizontes, entrando firmes e puros nas práticas mediúnicas com Jesus, práticas que Kardec exemplificou e indicou à universalidade, propiciando recursos, assim, à felicidade de um sem-número de espíritos de boa vontade, sempre em permanente busca de médiuns e de centros espíritas que se disponham a usufruir de ignorados recursos do Kardecismo. Desta forma poderemos conseguir ajudas mais objetivas no socorro ativo a todos nós, os obsidiados do planeta, — enfermos do corpo e do espírito. "Nem toda doença física é de origem espiritual. Mas toda doença espiritual ocasionará uma doença física". E o que nos ensina Emmanuel. Lancemo-nos, pois, às desobsessões!

De nossa parte, realizamos sessões literalmente vigiadas, sempre, por *oito a dez videntes experimentados*, que atestam não só a presença mas, também, a assessoria pessoal de Espíritos de Luz.

Alguém, talvez por pouca vivência em atividades mediúnicas, porque se lança a outras leiras da imensa lavoura espírita, poderá alegar que *um* vidente é susceptível de ser enganado por artimanhas de mistificadores. Isto é verdade. Mas... *dois* videntes?... *E três!*... *E cinco!*... *E dez videntes, todos enganados?*... É muito difícil, conquanto não impossível, mas apenas em ocorrências raríssimas, e nunca de modo contínuo, durante anos e anos!

Entretanto, sempre pudemos contar com a reiterada assessoria dos Espíritos de

Luz, orientadores e executores dos trabalhos, que se dão pressa em nos alertar. Aliás, já o fizeram em *raras vezes*, quando dez videntes estavam em risco de serem trapaceados.

Entrementes, se o duvidador obstinado perguntar sobre *quem nos garante que tais espíritos sejam realmente "de luz"*, responderemos tranquilamente: "Os videntes!..." Mas obstinados Tomás retrucarão, de novo: "videntes podem ser enganados..." Ora, para escaparmos desse jogo de palavras precisaremos mobilizar mais paciência e explicar que as trevas, com todos os seus gênios de inteligência e habilidades, realmente podem muita coisa, menos imitar a LUZ DOS ESPÍRITOS, porque ela decorre da vibração interna de cada entidade, que atesta insofismavelmente o seu grau evolutivo pessoal. Quem conseguirá imitar a luz de Paulo de Tarso, sem possuir a sua grandeza evolutiva?... A luz de Bezerra de Menezes?... A luz de Emmanuel?... A luz de Cristo?... Não podemos esquecer que o perispírito é o RG de cada entidade, e no Plano Espiritual não se falsificam documentos... Os superiores podem diminuir o seu brilho, em caridade, para não nos humilhar a nós, os espíritos obscuros. Porém, *os inferiores jamais poderão aumentar o que não possuem, passando por "espíritos de luz"*.

Sobretudo, mesmo que tais disparates fossem possíveis, redarguiríamos, firmes na liça, com a feliz colocação do nosso companheiro, que também é um dos dirigentes de sessões, Manoel José Berça, respeitado promotor no Fórum de Ribeirão Preto: "*mesmo que tudo fosse falso, onde estaria o Todo Poderoso?... Ele jamais permitirá que filhos seus, pequeninos mas leais, sejam enganados na boa luta, tão perversamente, durante mais de 30 anos, por espíritos mistificadores.*"

Não temos por que, então, viver bloqueados por receios e tabus, prejudicando socorros a tantas pessoas. Além do mais, é pelos frutos que se conhecem as árvores. Faz muitos anos que vimos colhendo frutos — e dos melhores, conforme o atestam centenas de necessitados do físico e do espírito, que nos procuram e ficam livres de seus problemas.

"Poucos centros dispõem de tantos médiuns..." alegam os que gostam de obter coisas prontas. É verdade. Quando começamos, eram poucos os médiuns. Hoje, contamos com mais de quarenta. Os centros e grupos que, através de anos humildes de estudos em torno de trabalhos sérios e disciplinados, mostrarem aos amigos e atentos Mentores que desejam alargar e aprofundar suas tarefas socorristas no campo mediúnico, nem precisam pedir recursos em suas orações. Os generosos prepostos de Jesus, — *temos certeza!* — *no tempo e no espaço adequados*, se incumbirão de tudo. E os médiuns irão surgindo... "Quem perseverar no Bem até o fim, será salvo"... (Jesus.)

J. B. Garcia

o Grupo Espírita Valerium

"As regiões inferiores jamais estarão sem enfermeiros e sem mestres. Uma das maiores alegrias dos céus é esvaziar os infernos." (Emmanuel)

Começamos a nos reunir há cerca de **32** anos, em nossa residência. Certamente que, sem outros méritos além da sinceridade das nossas intenções, percebemos o "acréscimo da misericórdia divina", configurado nos ventos favoráveis que nunca nos abandonaram.

Vencendo muitas dificuldades, umas decorrentes das nossas imperfeições, outras armadas pelas trevas que *sistematicamente atuam contra grupos e centros espíritas*, — ninguém se iluda quanto a isto! — embora tudo pedagogicamente controlado pelos espíritos de boa vontade, fomos, aos poucos, tangidos pela certeza de que desobsessão é das mais poderosas alavancas do Espiritismo. Só a partir dela as pessoas ficam livres e conseguem começar a sua reforma interior. Por isso, fomos desativando atividades não ligadas às práticas mediúnicas, para nos concentrarmos, então, com inquebrantáveis firmeza e Fé, *plenamente*, nas tarefas fascinantes e fecundas das desobsessões. Em tais labores, fomos descobrindo muitas outras "verdades da vida". E, já que nos foram mostradas, certamente seria para que as incluíssemos em nossos relatos.

O tempo e o serviço ativo nestas tarefas nos conscientizaram de que, para um mínimo de eficiência, as práticas mediúnicas, do ponto de vista técnico, requerem, além de médiuns de incorporações, também médiuns videntes, sessões de cura física e regressões a vidas passadas.

Isto tipifica uma *situação ideal*, mas ninguém, neste campo, recebe sem fazer por merecer, o que às vezes demora meses e anos de persistência e atividade.

Confirmando estas convicções, pela silenciosa ação dos Mentores, *aos poucos* foram surgindo médiuns de todos os lados e começaram a se manifestar conhecidos Espíritos de Luz, até que veio a entidade Valerium, declarando-se responsável pelo grupo que, assim, por consenso adotou o seu nome.

Decorridos agora mais de trinta e dois anos de atividades ininterruptas, atualmente realizamos em média duas sessões normais todos os dias, mas muitas vezes reunimo-nos até mais, para atender a emergências, sem dia e hora marcados. Todos esses horários de sessões têm suas equipes específicas de médiuns e dirigentes, e contam com a indispensável presença de Mentores Espirituais, *confirmada pelos videntes*.

Graças à ajuda dos amigos espirituais, depois de longos anos passamos a contar com cerca de quarenta médiuns em plena atividade, entre fornecedores de ectoplasma e incorporadores, dos quais pelo menos **20** são dotados de Vidência, — essa faculdade maravilhosa e *principal fulcro do "controle de qualidade" dos trabalhos*. (Ver parágrafo **9**, do Cap. "Descobertas em Serviço"). Impossível que

todos compareçam todas as vezes em todas as sessões. *Mas toda comunicação é vigiada sempre por seis a oito videntes.* Evidentemente isto não significa que para realizar desobsessões, os grupos precisam ter esta ou aquela constituição estatutária e muito menos este número de médiuns. Mas podemos testemunhar que "quem persistir no Bem até o fim será salvo."

Se estamos contando o que somos e como somos, é porque muitos dos fatos deste livro requerem, para sua credibilidade, notícias das origens, das pessoas e do funcionamento do Grupo. Mas em nenhum instante nos arvoramos em modelo ou norma. Seria ridículo. Apenas estamos passando as nossas descobertas em trabalhos mediúnicos, mas reafirmando que o conseguido até hoje é produto de muita luta, risos, lágrimas, trabalho e confiança serena na vitória final do bem. Não temos placa na porta e a frequência às sessões não é livre. Somos uma instituição hospitalar, e não um templo ou centro para *frequentar*. Só é permitido acesso a pessoas para tratamentos, assim mesmo após entrevista pessoal com o paciente, para estudo de cada caso e após, no mínimo, duas a três semanas de passes, orientação doutrinária e leituras preliminares do material impresso e especificamente preparado, o que inclui nosso "Manual de Entendimento", esquema para Evangelho no Lar, etc. Isto porque largas parcelas de pessoas que nos procuram são de outras religiões. Ou não têm religião alguma. Ora, pelos ensinamentos espíritas, todos sabemos que sem apoio consciente e firme dos próprios interessados, as ajudas ficam difíceis. Temos, então, por questões éticas e técnicas, que orientar as pessoas, *para que aprendam a se ajudar*. Nas emergências e em casos mais graves, segundo o testemunho dos videntes, sabemos que os Mentores colocam sob custódia as entidades perturbadoras, no hospital espiritual anexo ao centro e, *com o paciente temporariamente aliviado*, tem início o processo normal das leituras para compreensão e possível adesão consciente às tarefas socorristas.

Na verdade somos, mesmo, simplesmente *um grupo de pessoas afins*, irmanadas e felizes, movimentando-nos com acentuada motivação pelas avenidas largas e iluminadas da obra de Allan Kardec e do Evangelho do Mestre Jesus, configurando a fascinante e imprevisível *oficina kardecista*, onde a curtos intervalos encontramos ferramentas e técnicas novas, além de inimagináveis recursos para o trabalho desobsessivo.

Do ponto de vista legal, constituímos-nos só muito recentemente em um pequeno "colegiado", formado por sete dos mais antigos companheiros. Pelos estatutos devidamente registrados em cartório, este "colegiado" elege um Dirigente-Geral, que não precisa necessariamente estar entre os "sete". E este Dirigente-Geral escolhe *livremente* os auxiliares de que necessitar para as tarefas em andamento, ou outras que forem estabelecidas. *Ninguém tem tempo definido de mandato, nem o próprio Dirigente-Geral*. Quando desencarnar ou impossibilitar-se um membro do "colegiado", os remanescentes o substituirão em consenso por um outro

companheiro. E assim o grupo tem sobrevivência assegurada, ao menos teoricamente.

Como se percebe, somos como centenas de outros grupos que existem no Brasil e no mundo. Diminutos pontinhos de luz que só conseguem ser notados porque este ainda é um planeta de pesadas trevas. E a Suprema Misericórdia jamais deixará de cobrir todos os seus filhos, do pântano ao fulgor dos cimos

Passos...

Desde que perfumada de Amor e praticada com naturalidade, é a Religião o grande apoio das criaturas nos domínios instáveis da convivência. Abençoada corda de luz descida ao abismo das contradições humanas, ela oferece- nos ainda, como tesouro maior, o ensinamento da Imortalidade e o estímulo da Oração, — corredor de abastecimento e troca, entre nós e o Pai.

Iludidos pelos acenos da vida vulgar, afastamo-nos da convivência amorosa com as Forças Superiores que nos cobrem os destinos. E, por isso, só nos lembramos do apoio religioso quando o látigo das circunstâncias nos vergasta as horas de turbulência.

Arrojados, assim, ao rescaldo das ilusões desfeitas, só então nos volvemos para Deus através da oração. E o Divino Suprimento nunca falta a nós como nós faltamos a Ele... Surge, à feição de oxigênio puro, em nossas câmaras de angústias. E a alma, retemperada pela prece, se levanta, de novo, reabastecida de alentos, retomando a caminhada eterna da sublimação, ignorando cacos e calhaus dos dias errados.

Sem o apoio da oração vemos os caídos que não aprenderam a se levantar, os sedentos que não descobriram o Manancial Divino. Incréus, observamos os "suficientes", os "poderosos", os que se atiram à própria psicofera desarranjada, areia movediça onde mais se afunda quem mais se debate em desesperos e revoltas.

Conjuremos, assim, hoje e sempre, a revolta, nós que já aprendemos a crer, e exoneremo-nos dos que, mesmo descobrindo os primeiros conhecimentos da Fé Raciocinada, só sabem se dirigir ao Pai para pedir. O tempo os passará a limpo.

E preciso incorporarmos o hábito da oração silenciosa, que se expressa na postura interna de amar vinte e quatro horas por dia. Libertemo-nos das preces recitadas e formais, como hábito. Assim alcançaremos, pelo esforço e pela humildade, a vigilância das antenas ligadas.

Por que abandonamos a imitação de Cristo e ligamos nossa atenção à "gente de má vida"?... Já explicou Emmanuel que o tempo gasto por nós, cultivando o mal, é igual ao tempo que os Santos empregam na edificação do Bem. Por que, pois, repetir os maus se temos a liberdade de seguir a Jesus?...

Pela religiosidade, lúcida e calma, alcançaremos um estado natural e

permanente de ligação com o Plano Espiritual Superior, vivendo-o a cada minuto da encarnação, seja no trabalho, na rua, no lar ou no lazer.

Mas esta graça não desce a esmo: é produto de esforço auto-regenerativo muito pessoal.

Só você sabe da sua vida. Você e os Mensageiros de Cristo, que nos olham amorosamente, enquanto "os olhos das trevas" também espreitam as brechas do nosso ainda imperfeito comportamento cristão. Recebemos pelo que somos.

Para ser religiosa, uma pessoa não precisa agir como os "escribas e fariseus hipócritas que se põem a orar nas praças públicas e a ofertar esmolas nos templos de pedra." O chamado "estado de graça" não é e jamais será um privilégio de castas ou de "iniciados" profissionais da fé, que até hoje (e cada vez mais!) vivem à custa da Religião.

Pare de desculpar sua preguiça evolutiva. Use a Vontade e acione sua consciência cristã para amar. Unicamente a sua vontade e o entendimento do pensar de Jesus podem vigiar o seu coração e fazê-lo encher-se de Amor.

Ame. Ame tudo. Ame a pedra, a folha, a flor, o fruto, o animal, a pessoa. Ame o que estiver à sua volta e verá que em breve tempo você estará também envolto no próprio amor, recebendo por similitude o infinito amor de Deus. E sua vida, com o dever retamente cumprido e plena de Amor, será um permanente estado de graça. Sem privilégios.

Explicações e apelos necessários

A página **22** do seu livro "Libertação", parágrafo **2**, André Luiz reproduz palavras de um Mentor: "As almas decaídas, quaisquer que sejam, não constituem uma raça espiritual sentenciada irremediavelmente ao satanismo, integrando, tão-somente, a coletividade das criaturas humanas desencarnadas, em posição de absoluta insensatez. Misturam-se à multidão terrestre, exercem atuação singular sobre inúmeros lares e administrações e o interesse fundamental das mais poderosas inteligências, dentre elas, é a conservação do mundo ofuscado e distraído, à força da ignorância defendida e do egoísmo recalcado, adiando-se o Reino de Deus, entre os homens, indefinidamente..."

O conhecido e respeitado confrade José Antônio Castilho, que fez sobre nosso romance "Orminda" (10a. edição - Ed. EME) elogiosas e argutas observações favoráveis, no seu livro "Literatura Espírita" compilou CRITÉRIOS DE KARDEC alertando que nem tudo o que vem dos espíritos deve ser divulgado. Observação oportuníssima. Quem é do ramo, sabe. Interessante quando Kardec, o Codificador — diz que, em se tratando de colaborações de encarnados, de **30** apenas **5** ou **6** seriam aproveitadas para publicação... "No mundo invisível como na Terra, não

faltam escritores, mas bons são raros”.

Militando no rádio, no jornalismo e no magistério há longos anos, estamos acostumados às avalanches de textos que nos são enviados, e sabemos o quanto Kardec foi responsável e competente na editoração da sua substanciosa “Revista Espírita”.

A dificuldade seletiva para nós do Grupo Valerium, tanto nas edições da nossa revista “Depoimentos” e, agora, na produção deste livro, ficam muito reduzidas porque temos, assistindo-nos, conforme já falamos, um experimentado corpo de médiuns videntes e a presença constante dos Espíritos de Luz. Nosso ponto de honra é justamente não recebermos puxões de orelha... Mas eles acontecem sempre e, já faz muitos anos, ao invés da mágoa dos primeiros tempos, qual fôssemos intocáveis, somos e seremos eternamente gratos!

Sem a menor pretensão a qualquer paralelo, o que seria ridículo, esta publicação “Verdades da Vida”, relatando experiências do Grupo Valerium, poderá ser, no máximo, réplica do beija-flor que tentava apagar o incêndio da floresta, indo e vindo ativamente ao riacho recolher água com seu delicado biquinho. Vendo-o naquele afã, o elefante o alertou quanto à inutilidade do seu trabalho frente à extensão das chamas. Entretanto, sem interromper o trabalho, o beija-flor respondeu:

— Pelo menos, estou fazendo a minha parte...

Cada vez que libertamos um obsidiado e o municiamos de conhecimentos e condições preventivas que lhe permitam se defender de novos ataques e, assim, construir e manter sua própria felicidade,—sentimo-nos largamente recompensados.

A EDITORA EME, com a publicação deste livro, está propiciando que nossas experiências cheguem a milhares de outras pessoas e centros espíritas, como um convite a mais estudo e mais reflexão, comprovando, ou não, o imenso potencial kardecista que nem sempre todos conhecemos e, por isso, deixamos de movimentarem benefício de milhares de pessoas, famílias e instituições que sofrem as crueldades impostas pela obsessão.

Aval para estes relatos nós o temos dos generosos Espíritos de Luz que dirigem esta casa; da seriedade de nossos médiuns, todos pessoas dignas e responsáveis; e temos ainda o valioso PREFACIO, feito do próprio punho, por um dos confrades que mais entendem de Espiritismo no Brasil, que é o saudoso Prof. Dr. Jayme Monteiro de Barros.

Tudo o que você vai ler, é de inteira responsabilidade da “Instituição Hospitalar Grupo Valerium”, com sede própria à Rua Paraíso, **470** - Vila Tibério - Ribeirão Preto - Fone **(016) 630-2408** - CEP **14050-440**.

Estamos abertos, com humildade e pureza de alma, pedindo todo tipo de colaborações e contatos — para corrigirmos explicações confusas, possíveis enganos cometidos, ou reciclarmos diretrizes, que lhes pareçam confusas ou

incompletas. Solicitamos críticas no bom sentido e de boa fé, que nos ajudem a melhorar sempre. Nosso objetivo é divulgar ao máximo a maravilhosa realidade de que o campo mediúnico está aí, e os Mentores também, à disposição dos trabalhadores de boa vontade para pesquisas, estudos, trabalhos e consequentes descobertas de novos e melhores processos de nos protegermos contra as perversidades das obsessões e converter, quanto possível, irmãos em trevas à luz de Cristo. E pedimos a Jesus nos ampare e ilumine o entendimento, hoje e sempre.

Regressões sem tabus

Desde que publicou seu livro "Céu e Inferno", e talvez para isso mesmo, Kardec destroçou de uma vez todos os preconceitos e tabus, armados pela ignorância e depois "aprimorados", ampliados e ferozmente vigiados pelo sectarismo dos que exploram os "mistérios" de tudo que se relaciona com o mundo e a vida no Além.

Os cinco livros, que compõem a extraordinária obra de Allan Kardec, foram e continuam sendo tenazmente combatidos porque, de fato, vieram contrariar seculares e multiformes interesses de quantos vivem comerciando em torno da chamada "morte" e da "justiça divina" (entre outros exemplos) = vendendo "indulgências" para os ingênuos se livrarem do "inferno" e suas "penas eternas..." E toda essa guerra é porque o Espiritismo matou a Morte, e a Reencarnação destroçou o "marketing" INFERNO, que sustenta as multinacionais da Fé como instituições, inclusive cobrindo a folha de pagamento dos seus sacerdotes profissionais. Obvio: se não existe mais inferno, porque comprar céu?... Arrecadações em perigo.

O Espiritismo mostra, com fartura de argumentos e provas, que entrar pelo berço e sair pelo túmulo (reencarnação) é a coisa mais antiga e natural que existe no planeta Terra. É um fenômeno regido por leis tão naturais como as da Física, da Química, etc. Antes da reencarnação, deixamos amigos e afetos; se encarnados, os reencontramos; em desencarnando, deles nos separamos para, depois, nos reencontrarmos novamente no Além, para as grandes, inarredáveis e eternas reavaliações no campo do Espírito. E daí?... Qual o "mistério"?... Em quê isto agride a razão e fere a lógica mais simples?... Reencarnação mostra a justiça e a *misericórdia* da Paternidade Divina, dando sempre reiteradas oportunidades de reajuste aos culpados, — enquanto a doutrina das penas eternas (inferno) faz a sua negação irracional.

Mas a necroculia, com raríssimas exceções, que forma e sustenta a coorte dos interessados no comércio de flores, de rezações decoradas e repetitivas, de urnas, de túmulos, de atestados e outros papelórios, de castiçais, de velas e de "convites" — ah! esses não se conformam com a naturalidade pregada pelos espíritas, ante uma desencarnação. O "marketing" desses negociantes está *justamente na dramatização da morte*. Flui melhor a tinta das canetas e mais

facilmente se destacam cheques dos talões.

Estamos em plena era do Espírito. E preciso que se abram as portas das mediunidades e se facilitem cada vez mais as comunicações entre os vivos dos dois planos, sem tabus e sem preconceitos, desde que isto seja coordenado por pessoas estudiosas e responsabilmente competentes.

Usufruamos, pois, pela prática respeitosa, o intercâmbio mediúnico. Possibilitemos aos portadores de mediunidade vasto espaço para que desenvolvam suas potencialidades, sempre à luz do Evangelho, porque mediunidade é um instrumento de serviço ao próximo, que Jesus colocou ao nosso dispor — para quê?...

Facilitemos, com a segurança da mente aberta, entrar outras possibilidades mediúnicas, por exemplo, a maravilhosa terapia de regressão a determinados episódios do nosso longo passado, *que os próprios Mentores organizam e dirigem*, tudo sempre acompanhado pelos videntes.

Façamos isto, nós, os espíritas, como atos de caridade — porque outras pessoas, na base do hipnotismo e de pagamentos, o estão fazendo sem, entretanto, doutrinar e socorrer as infelizes entidades caídas por nossa culpa, ao longo dos séculos passados, por onde geralmente temos transitado como Atilas insanos.

Em março deste ano, em entrevista com o sempre generoso Chico Xavier, em sua casa, em Uberaba, falando sobre "regressões a vidas passadas", ele foi claro: *Desde que não seja provocada e não haja recebimento de dinheiros, a regressão a vidas passadas é válida para socorros mediúnicos*".

Façamos isto, nós, os espíritas, — porque já conhecemos o assunto desde Kardec, e porque os profissionais da área, com raras exceções, não sabem ou não querem saber de nada que possa conotar religiões e "religiosidades". Regressão às vidas passadas, sem o apoio da religião que socorrerá as vítimas, via doutrinações mediúnicas, e sem a segura assessoria dos Mentores, pode ser um trabalho profissional, respeitável, — mas incompleto. E estabelecer um diagnóstico sem curar a enfermidade. *O ofendido continuará perseguindo hoje o seu ofensor de outrora, da mesma forma.* Com o diálogo mediúnico entre vítimas e algozes, e as fraternais doutrinações, o perdão poderá desatar seculares algemas de ódio e vingança, e assim liberar almas infelizes para a continuação de suas jornadas evolutivas pelas largas avenidas da imortalidade, no clima de amor e de paz que o Pai estabeleceu para todos os seus filhos.

Observações:

1 - No Grupo Valerium todas as regressões são indicadas pelos Mentores e são eles que conduzem as diligências necessárias, como programação de comunicações, captura e condução das entidades envolvidas, etc.

2 - Pela longa prática nestes trabalhos, e pela transparente naturalidade com que as sessões se realizam, deduzimos que na maioria dos casos a providência de regressões é para que não seja ocupado muito tempo das sessões ordinárias de

desobsessão, em prejuízo de pessoas aflitas por problemas urgentes. Em uma sessão de uma hora e cinquenta minutos, mais ou menos, geralmente dá para atender a cinco pacientes. Numa regressão, é comum o atendimento de apenas um paciente durar mais de **40** minutos.

3 - Os médiuns — especialmente os médiuns de incorporação e vidência — precisam adentrar com amor e respeito, corajosamente, mais esse maravilhoso campo de trabalho tão pouco explorado, oferecido pelo Kardecismo. Emmanuel já explicou: "Os amigos que operam em mais elevado nível de evolução estão prontos à prestação de serviço aos companheiros em estágio educativo na Terra, mas para isso aguardam o concurso dos irmãos amadurecidos na experiência, que se lhes erijam em suportes às boas obras que lhes caibam realizar." (Mecanismo do Auxílio - Chico Xavier, reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, **9\7Y71** - Uberaba.)

4 - Em **30** de julho de **1991**, pelo médium Chico Xavier, e com a lucidez de sempre, Emmanuel nos mandou a mensagem "Regressão de Memória", que muitos companheiros, sem conhecer pela prática mediúnica o "outro lado da medalha", usam com o fim de contestar os centros espíritas que se servem deste precioso instrumento do Kardecismo para solucionar complicados casos de obsessão. Diz Emmanuel naquela mensagem: "Se fomos trazidos à Terra para esquecer o nosso passado, valorizar o presente e preparar em nosso benefício o futuro melhor, por que provocar a regressão de memória do que fomos ou fizemos, simplesmente por questões de curiosidade vazia. (grifo nosso) ou buscar aqueles que foram nossos companheiros, a fim de regressar aos desequilíbrios que hoje resgatamos..."

Estamos falando sobre os trabalhos do Grupo Valerium. O que outros centros fazem, ignoramos. Cada grupo e seus componentes são inquestionavelmente responsáveis pelos seus atos. Neste grupo acontece: **1** - Nós não "provocamos" as regressões, pois são os Mentores que escalam os pacientes necessitados de tal tipo de socorro; **2** - Nem nós nem os Mentores somos movidos por "curiosidade vazia", e muito menos buscamos companheiros para "regressarmos aos desequilíbrios que hoje resgatamos". Ao contrário! Findos os trabalhos, é comum ouvirmos de pacientes frases assim: "Graças a Deus! Agora sei por que preciso aceitar determinados defeitos do meu marido..." Ou então: "Para mim foi uma bênção! Agora sei onde devo trabalhar para me corrigir!"

Estamos à vontade, inteiramente, com as acauteladoras colocações de Emmanuel, porque as regressões feitas neste grupo não incorrem em nenhuma daquelas citações. Primeiro, porque além de serem eles, os Espíritos de Luz, *que escalam os pacientes*, são eles também que se incumbem de trazer à comunicação as vítimas do passado, as quais, muitas vezes, há séculos se demoram nos horrores das trevas, concentradas, por ódios e revoltas, nos seus propósitos de vingança, prisioneiras infelizes de cenários e personagens resultantes de suas próprias formas-pensamento. Os Mentores escalam regressões e pacientes porque eles mesmos nos ensinaram que ninguém pode dar um passo à frente — tendo débitos

do passado a resgatar. Se o paciente já alcançou o ponto evolutivo que lhe permite mudar de "status", é trazendo ao diálogo e ao perdão as suas vítimas de outrora que o ajudaremos nessa conquista. Até hoje, já fizemos mais de **300** regressões, todas elas com resultados abençoadamente positivos, oferecendo curas de "doenças" que martirizam pessoas há anos e anos.

Assim, se os frutos são bons, não devemos cortar a árvore. Nem deixar de ofertar suas sementes.

Tranquilidade ecumênica...

("Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa" - Paulo, Coríntios - **5:7**.) ("Meus discípulos serão conhecidos e respeitados pelos seus atos."- Jesus.)

Nem todas as contações deste livro são explicitamente ligadas à desobsessão. Mas nós as publicamos porque, além de serem cruas "verdades da vida"* encerram *valiosos ensinamentos* e alertas a muitos de nós. Poderemos, talvez, acordar pessoas a fim de que, por distração de conduta, não abram portas às obsessões. Neste caso, por exemplo, quem poderá dizer que as duas simpáticas personagens desta estória já não estejam influenciadas por espíritos gananciosos, e antigos transgressores das leis humanas?... Ou inimigos que os queiram destruir, atolando-se em erros?...Veja o leitor.

Já bem prático no seu ofício, o fiscal de rendas Moreira sabia a que horas, naquele dia da semana, o restaurante deveria estar bem mais calmo. E era disso que precisava para dar uma paulada só e matar dois coelhos. Aliás, todos o conheciam e respeitavam como bom caçador, e como *Ministro da Eucaristia* na paróquia de seu bairro. Entrou e viu que estava tudo conforme: poucas mesas ocupadas e o dono, *espírita*, no caixa, fez-lhe o conhecido sinal de "positivo". Comeu e bebeu calmamente, como sempre.

Levantou-se e pegou a pastinha, onde guardava o suporte da sua respeitabilidade, a sua ferramenta de trabalho, seu pé-de-cabra, enfim, seu talão de multas e vistorias.

Com maneiras distintas, dirigiu-se ao caixa para pagar o almoço.

- Imagina!... — fez o dono. É indagou, atencioso:
- O senhor comeu bem?... Se quiser mais alguma coisa, é só falar.
- Mas eu quero pagar...
- Imagina!... só a sua presença em nosso refeitório é uma boa propaganda.
- Tudo bem, obrigado. — E no mesmo ar de distinção:
- Posso ver o talonário?...
- Claro!... — abaixou-se no balcão, procurou um instante, achou e entregou ao fiscal. O distinto levou os talões a uma das mesas vagas (sempre havia uma, naquele dia e naquela hora) e lá ficou mais de **20** minutos, folheando, folheando...Qualquer

um, olhando a cena, veria ali um funcionário zeloso.

Aí abriu a pastinha e tirou o talão de vistorias. Pos-se a escrever, escrever...Levantou-se com o pé-de-cabra em punho e foi ao caixa.

- Tudo bem?... — indagou o dono.
- Tudo bem... — Silêncio. Espera.
- O senhor vai assinar a vistoria, então?...
- Vou... — Silêncio. Espera, espera...
- Ah! — fez o dono, lembrando-se de alguma coisa.

Abriu a gaveta do caixa, tirou duas notas gordas e deu ao fiscal. Aí o zeloso tirou do bolso a caneta, assinou a vistoria, entregou a via do dono, colocou o talão na pastinha e saiu tranquilamente, com a dignidade do bom caçador que acabava de matar o seu segundo coelho.

A ferramenta de Jesus

(Sempre que nos entregam uma ferramenta, há um convite implícito ao TRABALHO)

APLICAÇÃO DO ESPIRITISMO

Irmãos, lembremo-nos sempre de que o Espiritismo:

VISTO, pode ser somente fenômeno;

OUVIDO, pode ser apenas consolação;

VITORIOSO, pode ser somente festividade; ESTUDADO, pode ser apenas escola;

DISCUTIDO, pode ser somente sectarismo; INTERPRETADO, pode ser apenas teoria; PROPAGADO, pode ser somente movimentação; SISTEMATIZADO, pode ser apenas filosofia; OBSERVADO, pode ser somente ciência;

MEDITADO, pode ser apenas doutrina;

SENTIDO, pode ser somente crença.

Não nos esqueçamos porém de que o Espiritismo APLICADO é Vida Eterna, com Eterna Libertação.

A codificação kardequiana trouxe ao mundo uma CHAVE gloriosa, cuja utilidade se adapta a *numerosas portas*. Escolhamos com o Apóstolo, que hoje recordamos, o caminho da aplicação: TRABALHO,

SOLIDARIEDADE, TOLERÂNCIA. De coração elevado a Jesus, não temos por agora divisa mais nobre a recordar. Vivamo-la na fé consoladora. Espiritismo é Sol. Brilhemos na sua luz. (Emmanuel — Chico Xavier).

O braço

Médiuns incrédulos... Eles são muitos e estão entre nós. Muitas vezes, boas pessoas. Mas jogam fora preciosas oportunidades de investimento espiritual,

sempre que não ajudam as criaturas a compreender para, então, sentir em plenitude esta faculdade de ver pessoalmente os Espíritos, de falar com eles e escutar o que dizem. Ao contrário, insistem na afirmativa de que "não tenho certeza"... "que talvez seja coisa da minha cabeça..."

Ante estas demonstrações de insegurança, que esperança poderão ter as mães que perderam seus filhos, as noivas- viúvas, os maridos que, de repente, viram roubadas de seu lar as companheiras queridas de tantos anos?...

Os mandatos mediúnicos foram, muitas vezes, objeto de penhoradas súplicas, junto ao Mais Alto, antes da reencarnação. Os suplicantes pediram a mediunidade para a missão generosa de semear consolações e esperanças nos corações humanos. Para fornecer a Fé de que tanto nós todos necessitamos a fim de suportar com dignidade e proveito as surpresas do cotidiano. Mais: a mediunidade, dignamente exercitada, é outro acréscimo da misericórdia divina que nos permite saldar com a prática do amor — e não com a dor — muitas das nossas contas de vidas passadas, perante a Lei.

O mediunato constitui, pois, grave responsabilidade pessoal, de consolação e amor, e milhões de espíritos se interessam pelo seu desempenho. Por isso, seus portadores — os médiuns — terão que prestar severas contas quando retomarem pela "morte" à Vida Maior. Jogar fora sementes de tal valor é roubar, dos que ficaram e dos que partiram, o consolo maravilhoso do intercâmbio vivos-mortos. E, assim, relegar a gleba das emoções humanas às pragas da revolta e da blasfêmia. É um delito de desamor. E dele muito se arrependerão os "médiuns-incrédulos." Os faltadores às sessões, os que não lêem, não se aprimoram.

Se a caridade é uma das virtudes que mais aproxima o ser humano do refinamento espiritual, a mediunidade é a sublime ferramenta dessa virtude excelsa, que teve no próprio Cristo o seu paladino maior. Esquivar-se alguém do seu mandato mediúnico, ou dele tirar proveitos de ordem pessoal, ou sofismar na posse dele, é insana temeridade. Uma pessoa que não transmite fé (mas dúvidas!) pelos seus dons "paranormais", representa um exemplo de como não se deve agir perante os fenômenos maravilhosos da comunicação entre vivos e mortos.

Em resumo podemos dizer que a Mediunidade, nos seus diferentes graus e modalidades, preocupa vivamente a milhões de espíritos. É uma faculdade sabiamente concedida pelo Mais Alto, que a insere, ou não, nos mapas reencarnatórios. Não está, pois, à mercê de deliberações aleatórias posteriores, com tantos médiuns deixando de amá-la e aprimorá-la, ou como infelizmente muitos fazem — faltando fácil aos compromissos sagrados dos socorros, porque sem eles as sessões não podem prestar socorros como o previsto e necessário.

Quando finalmente fez o trevo de saída de sua cidade e ganhou a rodovia, ajeitou melhor o corpo no banco do carro e acomodou, melhor ainda, além do corpo, também as suas emoções. Sentiu toda a felicidade que cabia em seu coração, enquanto tomava consciência daquela maravilhosa realidade, dizendo alto, a si

mesmo:

— Sílvio... este é o último sábado da sua peregrinação semanal para ver a "dona" Aríete!... — soltou um assobio gaiato e emendou, triunfante:

— No próximo sábado, meu caro, "dona" Aríete já virá com você!... E desta vez ela vem para ficar!... — outro assobio e acelerou fundo.

O casamento daqueles dois caçulas era um gosto pleno das duas famílias. Nada toldava o céu azul dos noivos, a não ser a espera pelas formaturas que, finalmente, acabavam de acontecer. Ele, "o mais lindo engenheiro da turma" e ela "a mais linda médica." Há cerca de ano e meio oficializaram o noivado. Para o casamento, só faltavam as suas formaturas. E em quase todo fim de semana lá ia ele, feliz da vida... O pequeno percurso entre as duas cidades era mais um componente gostoso daquele noivado. O costume era voltar no domingo, a noitinha. Era um amor quase místico. Sentia que cada vez amava mais aquela bondade que Deus pusera na sua vida.

Faltavam uns **15** quilômetros para terminar o regresso tranquilo daquele feliz fim de semana quando, em poucos segundos, tudo aconteceu: aqueles faróis crescendo na sua frente... tentou buzinar e desviar. Já era tarde. Silvinho morreu na hora.

Os desdobramentos emocionais da tragédia foram terríveis para as duas famílias. Mas a mãe de Silvinho parecia a maior sofredora, e sua inconformação começou a virar tristeza. Cada vez falava menos, chorava o dia inteiro, caladinha. Já não se alimentava direito. A garra de uma dor perversa apertava seu coração.

Foi quando alguém sugeriu que a família procurasse os espíritas. Eram gente bondosa e entendiam de comunicação com os mortos. Quem sabe?... Contavam-se casos maravilhosos de notícias e mensagens que conseguiam receber do outro mundo.

Aos poucos a família tradicionalmente católica foi se acomodando à ideia e iniciou-se uma discreta procura de centros e de médiuns. Mas tudo em vão. Por fim decidiram pelo gesto maior: até Aríete concordou e lá se foram a Uberaba, na esperança de que Chico Xavier daria um jeito, conseguiria uma palavra, que fosse, do inesquecível. Mas, infelizmente, lá pelas quase três da madrugada na fila, só conseguiram a informação de que "o Silvinho estava bem, mas ainda atordoado pela brutalidade do desastre, e por enquanto não podia falar."

Para todos aquilo foi uma frustração. Entretanto, curiosamente, dona Amélia parecia ir aos poucos se acomodando. "O Silvinho estava bem..." — isso já não era alguma coisa?...E foi melhorando, melhorando. Meses depois, um algo, uma coisa só, a machucava ainda. A lembrança do filho no caixão já se lhe tornara familiar, mas não concordava com o desleixo da funerária, que deixara o seu braço esquerdo por baixo daquelas pétalas. Só o direito aparecia, na posição convencional.

Na ocasião dos funerais, pediu providências a um, a outro. Todos recebiam o recado com a maior atenção, mas na verdade chegou a hora dolorosa de fechar o caixão. A emoção tomou conta de todos e ninguém fez coisa alguma.

Agora, se a informação de Uberaba conseguira acalmá-la, apenas a questão do braço voltava a perturbá-la.

Tanto falou, e clamou e chorou, que o marido, homem bom e discreto, tomou a seu cargo desvendar a questão. Não que estivesse pessoalmente preocupado, mas por causa da Amélia. Na própria família já se começava, até, a murmurar sobre a saúde mental da esposa, e isso o magoava muito.

E vai daqui, vai dali, até que chegou ao próprio delegado de polícia. Velho amigo, cidade pequena onde todo mundo se conhece, o delegado condeu-se. Olhou demoradamente o pai de Silvinho, ali à sua frente, sofrimento visível até na postura do corpo. Parecia esmagado por um grande peso. Por fim, falou:

— Meu caro senhor Osório...Olhe, vou lhe contar, mas confio no senhor. Acredite: nós achamos que seria melhor não falar nada, e torcer para que a coisa "passasse de liso".

— Pode falar, doutor...Eu tenho necessidade de saber.

— Parece uma bobagem, seu Osório, mas ninguém conseguiu achar o braço do Silvinho...

— Mas, como, doutor?!...

— Não me pergunte, seu Osório...Não me pergunte, porque nem eu nem ninguém conseguiu desvendar esse mistério. Quando o tiramos daquele montão de latas e ferros, faltava um braço. A Polícia demorou uma hora para chegar ao local e nem a Rodoviária estava lá. Mas o braço — esse não foi encontrado.

— Mas, como, doutor?...Como é que se explica isso?...

— A única explicação que a gente *pensa que tem* — desculpe, seu Osório! — é que algum bicho tenha carregado o braço do Silvinho!

— Mas que horror!...Que horror!...

— Pois é, por isso que nós achamos melhor disfarçar a coisa e ver se ficava assim mesmo, para poupar mais esse desgosto a família. Mas por favor, o senhor não comente isso com ninguém, seu Osório. Imagine se a D. Amélia souber disso..jgt^ pra quê mais esse desgosto?...

Silêncio. O delegado fumava sem parar. Por fim, seu Osório — homem bom e ponderado — parecia ter se acalmado:

— Bem, doutor, eu compreendo e até agradeço a intenção e os cuidados de vocês. Fizeram muito bem. Muito obrigado, doutor. — E saiu.

Em casa, Amélia continuava com a mesma clamação do braço. E dois dias depois Osório não se conteve. "Quem sabe se a gente lhe contar, a coisa melhora?..."

Só que foi um desastre. Aí que D. Amélia mais se desgostou. E, naquela noite, só dormiu a poder de comprimidos.

Acordou tarde.

Dáí a pouco chegou Ana Rita. Amiga, boa, simpática, incrédula. Das tais incrédulas que vêem, ouvem, saem do corpo, atravessam paredes, "viajam", ficam sabendo de coisas que ainda vão acontecer, — mas não acreditam em nada disso.

(Um dia um dirigente espírita de longo curso, calmo, educado, confidenciou a alguns amigos que "Ana Rita não quer é serviço e disciplina, por isso arranjou essa estória do não-acredito...") Será?... No mínimo é uma hipótese que tem lá o seu fundamento.

A verdade é que, onde chegava, a "incrédula" era sempre recebida com agrado e muita simpatia. Por isso entrou na casa de seu Osório sem bater e foi logo contando que tivera um dos seus "sonhos" e, como de costume, "lutou muito consigo antes de vir contá-lo". A questão de sempre: "Isso é bobagem! Vão rir de mim, e eu mesma sei que não existe espírito. Morreu, acabou."

E resolveu contar. Disse que pela segunda noite consecutiva viu Silvinho em sonho repetindo o mesmo pedido: "Pelo amor de Deus, conta isso pra minha mãe!"

— Olhe, D. Amélia...Foi um sonho bobo, mas é a segunda noite que sonho com o Silvinho. Eu não acredito nessas coisas, mas ele mandou falar pra senhora não ficar preocupada com o braço dele porque já não está mais sem ele! A senhora vê que bobagem?... Estou contando porque, há duas noites seguidas, ele me aparece. E para amanhecer hoje me fez jurar que eu falaria isso para a senhora. Ele tinha um olhar meio atarantado mas rodava o braço esquerdo, que nem hélice de avião, e repetia: fala pra minha mãe parar de chorar! Meu braço tá aqui, olhe bem! —?, e rodava, rodava...Me desculpe, eu não acredito, acho que isso é coisa da minha cabeça. Eu devo estar ficando biruta. A senhora viu que sonho bobo?...Mas aí. Eu prometi e estou contando....

Dona Amélia e o marido, que trocavam seguidos olhares enquanto Ana Rita falava, se abraçaram, chorando, enquanto ela exclamava:

— Obrigado, meu Deus!... Graças, meu Deus!... Graças a Deus!...

Talentos enterrados

Era sem dúvida uma grande pena. Ana Rosa já subira aos trinta anos e sentia, feliz, seus olhos fazendo dos acontecimentos uma leitura "diferente".

Fatos até ali em vagos debuxos, ganhavam contornos mais definidos. Novas claridades coloriam horizontes alargados. Nunca pensara que a maturidade seria tão linda manhã! Ana Rosa era inteligente, cultura geral preservada por encantadora modéstia. Fisicamente, uma boniteza tranquila a vestia da cabeça aos pés. Só que não acreditava em Espírito de jeito nenhum.

E se não conseguia acreditar em espíritos, como poderia admitir que eles pudessem falar com os vivos?... Não, não dava.

O que mais intrigava seus amigos e parentes, é que provas-provadas nunca lhe faltaram. Contam que desde menina Ana Rosa ficava frequentemente conversando com pessoas que só ela via, algumas até conhecidas, como a vó Ritinha, falecida há tempos e querida de todos. Tinha amigos invisíveis, junto dos quais ria a valer. Psiquiatras e psicólogos de alto conceito não deram importância ao caso. Mas

afirmavam com segurança: louca a menina não era. E às insistências da família os doutos retrucavam que com o tempo "aquilo" iria desaparecendo... Na verdade, pelo que já se sabia até ali, os casos da paranormalidade de Ana Rosa eram tantos que dariam um livro literalmente do "outro mundo".

— Isso que você tem, minha filha — ponderava uma tia ligada ao Espiritismo — isso é mediunidade. E uma coisa que Deus dá às pessoas para ajudá-las a não se esquecer da "outra vida"... E um sinal do céu, para a gente não se enrolar com as coisas passageiras da Terra...

— Está bem, tia... — concordava Ana Rosa, dócil, simpática. — Mas nada mudava dentro dela. Só que os casos iam se repetindo.

Um dos últimos estava na notícia trazida por um vizinho de Ana Rosa, o seu Amâncio.

Mal chegou de viagem e contou que passara pela cidade de Botucatu, a muitos quilômetros dali. E, por coincidência, viu que havia um velório, bem em frente à antiga casa onde Ana Rosa (há muitos anos!) nascera e fora criada.

Ana Rosa morava com a mãe e uma tia. Viraram a notícia por todos os lados, até pelo avesso. E concluíram que nada tinham a ver com aquilo, pois os parentes de lá, tios e avós, já haviam morrido havia muito tempo. E, além do mais, a casa fora vendida aos pais da Tininha, sua melhor amiga de grupo escolar, de ginásio e curso normal. De mais a mais, se houvesse alguma coisa, Tininha a teria avisado. Nada era com elas — concluíram.

Mas na verdade não conseguiam esquecer a notícia. Volta e meia alguém tocava no assunto...

Três dias depois, Ana Rosa sonhou com Tininha. Havia muitos anos não se viam, não se correspondiam, mas também não se esqueciam. Nesse sonho, ela, sempre uma criatura festiva, sorriso constantemente engatilhado, agora estava séria e foi logo dizendo:

— Ana Rosa do céu! Acho que eu morri! — e abraçou-a em choro despejado.

— Que brincadeira é essa, menina?... Credo!

— Morri, sim. Não vê que eu estou aqui?...

— Eu também estou aqui e nem por isso morri... — brincou Ana Rosa.

— Mas eu sei que morri porque vi o meu velório! Ai, meu Deus!... Me ajude, Rosa, que estou morrendo de medo!

— Que bobagem, Tininha!...Morto não fala...

— Mas espírito fala, Rosa!... Ai, meu Deus!...Será que eu já sou espírito?...

— Deixe de bobagens!...Espíritos não existem, menina!...v -^tíje Ana Rosa acordou ouvindo a Tininha teimando "existe...existe...existe..." — tudo como nos velhos tempos.

O mostrador luminoso indicava três e meia e a madrugada estava fria. Ana Rosa ajeitou-se, cobriu-se, mas não conseguiu dormir mais. Naquele dia foi a primeira a sair da cama. Quando os familiares se levantaram, contou-lhes o sonho. A tia

espírita achou que podia ser um "aviso". A mãe foi categórica: Vocês ficaram encucadas com a notícia do velório e esse sonho foi por isso. Bem que eu falei H- esqueçam isso!

— Olhe, minha mãe, foi muito mais do que um sonho: eu me encontrei com a Tininha. Era muito real!

Ninguém falou nada.

— Quer dizer que era real, não era?...Então me explique como foi que a Tininha veio parar aqui, entrar na casa, abraçá-la e falar que morreu?...

— Isso mesmo — emendou a tia — morta ou não, se veio, veio em espírito...

— Espíritos não existem!

— ...ou então o sonho foi psicológico, — porque de vassoura ela não veio.

Riram, menos Ana Rosa, que começou a chorar.

— Eu sei que foi a Tininha, eu tenho certeza que era ela em pessoa!

Foi para seu quarto e o assunto congelou aí. Decorridos dois dias chegou uma carta para Ana Rosa. Ela abriu e leu. A mãe de Tininha comunicava o falecimento da filha, vítima inesperada de câncer.

Formatura

Logo cedo a simpática velhinha, de olhos vivos e voz suave, procurou a pessoa indicada pela amiga, como capaz de lhe "acertar" a coluna.

— É "passe" ou é "simpatia" ?...

— Nem uma coisa, nem outra. É uma simples manobra. Não dói nada e é rápido.

— Eu sei... eu sei... Minha amiga me falou.

Após o atendimento, D. Lúcia, sempre desembaraçada e falante, insistiu:

— Mas o senhor é espírita, não é?... Eu já sei. Eu também sou, há mais de **30** anos.

— A senhora frequenta algum "centro"?...

— Ah!...Sim!... E estou fazendo o curso há três anos...

— ?j..

— Mas já estou quase no fim... — os olhinhos dela brilhavam. — Se Deus quiser, daqui a três meses eu vou "se formar"!

— Que curso a senhora está fazendo?!...

— Curso de médium!...

— E que mediunidade é a sua?!...

— Bem, por enquanto eu não sei.

xxXxx

"Se não existirem rudimentos da faculdade, nada poderá produzi-los, nem mesmo a eletrização, que já foi empregada, sem êxito, com o mesmo objetivo." (Allan Kardec -"O Livro dos Médiuns", cap. XVII, pg. **243**. Ed. **51**).

Caçando provas...

"Espíritas! primeiro, amai-vos; segundo, instruí-vos"

Allan Kardec

Faltavam ainda duas horas para o início da sessão quando aquele companheiro, emoção inusitada na face e nos modos sempre calmos, procurou o dirigente do grupo, avisando que sua mãe acabara de falecer. Pedia preces e vibrações por ela, e retirou-se para as tarefas dolorosas dos funerais. A reunião, naquela noite, desenvolveu-se para nós em desusada emoção. Era um companheiro pródigo em motivos de amizade e exemplos de Fé.

Poucos meses se passaram e dona Ida nos deu sua primeira comunicação.

Sem dúvida, uma surpresa que muito nos agradou. Não sabia com certeza, mas ela já alimentava as primeiras desconfianças de que havia desencarnado. Mostrava-se pouco lúcida, mas dominava suas emoções com bravura. Disse que fora atraída para ali pelas vibrações do filho. Os videntes descreviam-na com fartura de detalhes, embora nenhum de nós a tivesse conhecido em vida. O filho confirmava, feliz, as descrições.

Na reunião seguinte ele trouxe fotos de várias senhoras, pedindo aos videntes que identificassem sua mãe entre elas. Não houve erro.

Tempos depois a entidade comunicou-se novamente. Veio agradecer à médium que lhe proporcionara sua primeira manifestação... Decorridos mais alguns meses, voltou outra vez, muito feliz, informando que pedira e obtivera permissão para "fazer parte daquele grupo." Foi uma alegria geral, principalmente para o filho.

Com o passar dos anos duas coisas foram se tornando claras: por motivos pessoais, o filho foi rareando sua presença nas reuniões, enquanto sua mãe se tornava cada vez mais assídua e desembaraçada, mais diligente e suave. Suas vestes clareavam...

Lá de vez em quando o filho reaparecia, depois sumia de novo. Todavia, nunca perdera o contato com o grupo, principalmente com o dirigente, de quem se tornara um generoso amigo. E era sempre apresentado aos novos elementos como "o filho da irmã Ida", o que gerava festivas acolhidas. Novas relações com novos médiuns, fotos mostradas, confirmações impecáveis.

"Muitos os chamados... poucos os escolhidos..." Ao comando dessa incontornável sabedoria, o grupo se renovava constantemente, vivendo da boa vontade dos remanescentes de sempre, encarnados e desencarnados. E também graças ao gosto e à determinação inabaláveis pelo serviço a essa causa fascinante que é a Desobsessão. Os anos rolando... rolando...

Numa das reuniões subsequentes, apareceu o inveterado "caçador de provas", desta vez trazendo a fotografia de um grupo de senhoras, foto batida de brincadeira por um desses fotógrafos de praça. E pediu a uma das novas videntes que identificasse ali a "irmã Ida." A médium olhou as fotos, examinando-as com

visível cuidado, e acabou confessando que a irmã Ida “não era nenhuma daquelas pessoas.” Foi uma frustração geral, uma sem-graceza que ninguém esperava.

Entretantes, a vida no grupo continuou, firme e determinada.

Poucos dias depois, eis que ao término de uma reunião, a médium informou ao dirigente que a irmã Ida solicitava ao filho trouxesse “o retrato oval que estava na parede da copa.” A vidente não sabia sequer onde ficava a casa do amigo.

O dirigente deu o recado. E logo na sessão seguinte apareceu o filho. Como bom caça-provas que era, trouxe vários retratos ovais, com fotos de diferentes familiares. A moça, num rápido exame, apontou com segurança:

—É esta!... A irmã Ida é esta aqui.

A explicação é simples, mas é preciso que não a esqueçamos... Os Espíritos, na medida em que conseguem ir se desembaraçando de tudo que os liga à vida material, da última encarnação, vão, concomitantemente, ampliando e consolidando sua evolução como entidades imortais e destinadas pelo Pai à felicidade dos justos. E é assim que a evolução moral traz o rejuvenescimento. No caso em estudo, a primeira foto mostrada fora batida informalmente com um grupo de amigas, poucos meses antes do desencarne, época em que dona Ida já estava bastante entrada em anos e, quem sabe?... — com a aparência prejudicada pela enfermidade começante. A segunda fotografia, a “oval”, era antiga e por isso a mostrava jovem e saudável, tal qual os videntes mais novos no grupo estavam acostumados a vê-la...

Isto posto, se você deseja permanecer conservado e saudável já na vida material, e, nestas condições, regressar ao Mundo dos Espíritos, — a receita é simples: comece quanto antes a encher o seu coração com a maior de todas as virtudes, que é o Amor, sentimento que nos dá serenidade e paz...

Isso é fácil. Difícil é desocupar os espaços internos tomados pelo Egoísmo, pela Vaidade e pelo Orgulho...

Instruí-vos

Muitas pessoas existem que se orgulham de ser espíritas “há mais de **30** anos!” — mas não sabem que a consciência disso, conquanto lhes encha os corações de fé e de esperanças, constitui também sérios quesitos de avaliação, para quando regressarem ao estado natural do espírito, que é fora da carne.

Tais criaturas, via de regra, ainda não estão no tempo de entender que ser espírita não é apenas ir ao centro, tomar passes, beber água fluida e acreditar na reencarnação. Não percebem que Espiritismo, em essência, é Cristianismo ao alcance de todos. E Cristianismo é o “sal da Terra”. Se não servir para preservar e “temperar” as nossas almas, para outra coisa não serve... Isto posto, ignoram que jamais poderemos chegar à essência sem conhecer e passar pelos componentes.

O episódio que segue não visa a criticar e muito menos ridicularizar alguém, mas pretende ser um ACORDA! para quantos de nós estamos nos limitando, por

falta de leituras, apenas ao crescimento vegetativo, esquecidos de que o Terceiro Milênio está às portas, requerendo cabeças novas e corações varridos.

Disse-nos uma senhora, já passada dos setenta, trabalhadeira e corretíssima, principalmente em questões de dinheiro:

- Pois é...Sou espírita há mais de **50** anos e tem coisas que não entendo.
- O quê, por exemplo?...
- Uai... Se na "outra encarnação" foi o meu espírito quem cometeu erros, o que é que eu tenho com isso, para estar pagando agora?...

Vinculações

Ensinam os dicionários que VINCULAR significa prender, apertar, ligar moralmente, firmar a posse, impor obrigação, penhorar; relativo a anexar, sujeitar a vínculo, obrigar, unir, eternizar, perpetuar.

Uma simples varredura nessa sinonímia tão fértil será suficiente para que fujamos, com vigilante determinação, a tudo que nos faça prisioneiros, e até carcereiros, seja lá do que for, como instituições, cargos, objetos, propriedades, raças, pátrias, famílias, dinheiros, títulos, ideologias e, principalmente, pessoas.

É espantoso o número de criaturas, encarnadas e desencarnadas, arrastando molestos fardos de angústias, por causa de vinculações às vezes seculares.

Em muitos casos as situações criadas alcançam dimensões de tragédias inacreditáveis, a cujos desdobramentos se debitam lamentáveis atrasos na programação evolutiva que o Pai traçou para todos os seus filhos.

Frequentemente, é sob a vergasta de inenarráveis padecimentos que conseguiremos vencer a aspereza das rampas desvinculatórias, a fim de nos sentirmos - só assim! — livres para retornar à estrada real da evolução pessoal. Mas, à chegada dessa hora, verificaremos, desencantados, a extensão do tempo perdido, pois vários dos mais caros afetos já caminham lá longe... à nossa frente...

A partir daí, mesmo de memória zerada por novas encarnações, nossa alma de vez em quando é visitada por estranha nostalgia, de mistura com uma saudade estranha, que não sabemos de quem... e que tanto nos machuca os corações!...

Tais assertivas, entretanto, não significam devamos fazer da nossa existência na Terra um frigorífico de emoções. E que cada encarnação, mesmo às vezes complexa, não vai além de um simples estágio de purificação. E como ocorre em todo *estágio*, o que nele existe é para ser apenas usado, e não senhoreado. Estagiar significa aprender, exercitar. Em um período ou estágio, as únicas coisas que serão *nossas*, que poderemos levar conosco, ao seu término, são as experiências... O resto é contrabando, fatalmente barrado na compulsão do retomo à vida espiritual. Barrado na Grande Alfândega, onde não existe corrupção, nem "jeitinho". E se insistirmos nos apegos ao que não é nosso, será infalível perambularmos como as almas penadas da erraticidade, entre a Terra que

deixamos, pela desencarnação, e as benesses da Vida Espiritual que jamais aceitará sacoleiros com bugangas e ilusões.

Se mantivermos lúcida atalaia mental quanto à temporalidade, apenas temporalidade, de *cada existência* e de tudo o que nela se contém, com certeza estaremos a salvo dessa terrível infantilidade espiritual, que é a Vinculação, — seja ela por rejeições ou preferências. A maturidade moral está, pois, em “viver no mundo sem ser do mundo”. Leve a sério este ensinamento, porque ele é do próprio Jesus, e de aplicação prática a todo instante.

Os relatos que se seguem têm por objetivo alertar as pessoas, com fatos reais, contra as mil faces sedutoras — e perigosas — dos comportamentos vinculatórios. Muitas vezes a gente não percebe que está se vinculando. Noutros lances do caminho, entregamo-nos gostosamente a uma vinculação, sem nos darmos conta da imprudência que estamos cometendo, porque o preço da vinculação é a desvinculação, quase sempre penosa. Entretanto, como nenhum de nós fica abandonado pela Paternidade Divina, somos frequentemente visitados pela Sábua Corregedoria... E tem início, então, o processo geralmente penoso das desvinculações indispensáveis à liberdade pessoal do espírito para a construção do seu futuro pessoal de criatura eterna, una e livre.

Como este grupo se dedica às desobsessões (e curas como consequência), temos assistido a situações pungentes, de larga dramaticidade, que poderiam ter sido perfeitamente evitadas, caso seus protagonistas, invigilantes, não se tivessem deixado cair nas malhas das vinculações, ao longo do caminho. Não estamos exagerando. O próprio Emmanuel, com sua larga experiência humana, afirma que na maioria dos casos “as desvinculações só conseguem libertar suas vítimas mediante verdadeiras cirurgias espirituais.” Bastas vezes, pelo menos uma das almas vinculadas só deixa em paz a outra parte, graças à intervenção cirúrgica de especialistas do Plano Espiritual, e mesmo assim pedindo, em comovido choro: — Não!... Não!... Não me separem!... Pelo amor de Deus!...

Seguem-se alguns exemplos de dramas vinculatórios, alguns com detalhes, outros em resumos, — para que o leitor possa melhor avaliar a importância da vigilância que todos precisamos manter, não só para começarmos a nos libertar *sem dor* de nossas possíveis vinculações do presente, bem como alertar as pessoas contra tantas possíveis armadilhas cujas consequências na certa acarretarão inenarráveis padecimentos futuros.

Férias viúvas

Um dia apareceu para tratamento uma jovem inteligente e simpática, mas sumamente infeliz. Neurologistas, psicólogos, psiquiatras, internações, despesas, cuidados, lágrimas em família. Matrículas escolares trancadas, trocas sucessivas de empregos, de namorados e de cursos, numa ciranda sem fim de sofrimentos em

que nada dava certo. A penosa situação se arrastava por mais de três anos.

Bastou, entretanto, uma semana de passes e explicações doutrinárias à moça e sua família, para que se obtivesse a comunicação de um espírito feminino, cujas características "físicas" os videntes descreveram com detalhes.

Foi uma doutrinação difícil, porque o espírito estava excessivamente nervoso e dizia, revoltado, que não abriria mão do "seu direito" de ficar junto à moça em tratamento.

— S-E minha amiga, eu gosto dela, quero ela, não vivo sem ela!...

— Mas que estranha forma é essa de querer bem a uma pessoa, — prejudicando-a tão impiedosamente como você vem fazendo?!...

— Quem manda ela não ligar mais pra mim, justamente agora que estou tão desesperada?...

— E por que você está tão desesperada?...

— Por causa do desastre!...

Nesse ponto os videntes informaram sobre as telas em que o Plano Espiritual mostrava um desastre de automóvel em que a moça falecera no local. A coisa acontecera havia mais ou menos três anos.

Todos sabemos que pessoas muito ligadas à vida no corpo físico — "vida material", como por costume se diz, — dificilmente entendem e aceitam que já "morreram". E quando se tenta, nas sessões práticas de Espiritismo, explicar-lhes o acontecido, geralmente entram em pânico, entregam-se à inconformação e à revolta.

Felizmente, com aquela criatura ali incorporada, não aconteceu isso. Ao contrário, ante os quadros que o Plano Espiritual mostrava e a revelação dos videntes de que ela já havia desencarnado, a entidade comunicante começou a se reencontrar aos poucos, em significativo silêncio respeitado por todos e feito de vibrações de amor por ela. Por fim falou, esforçando-se por controlar a surpresa:

— Santo Deus!... Então quer dizer que eu morri naquele desastre!...Que horror!...Ah!... Jesus!...

O que se seguiu foi o de sempre, nas sessões de desobsessão, quando os componentes de um grupo treinado não se deixam levar por curiosidades ou expectativas de ocorrências espetaculares. Com a lúcida consciência do Grupo, de que as vibrações de amor do ambiente fazem muito mais pelos sofredores comunicantes do que as palavras do doutrinador, em poucos minutos as coisas se ajustaram. E a comunicante, agora humilde e voz sumida, sussurrou:

— Estão me chamando... Sinto muito sono...Perdão, minha querida, pelos males que lhe causei. Estão me dizendo que precisamos nos separar... Vai ser difícil... Mas somos imortais, não somos?... Até um dia! Fique com Deus!

A moça encarnada só chorava... Chorava num silêncio pungente e obstinado.

Terminada a sessão, a família se dizia assombrada. E convidada a uma entrevista reservada, para o dia seguinte, os pais contaram que as duas moças,

desde a adolescência, sempre foram muito ligadas. Inseparáveis, em quase tudo o que faziam.

Nenhum namorado lhes servia, e quando, vez por outra, tudo parecia se encaminhar no terreno afetivo, particular, de uma delas, — algo acabava acontecendo e eis que mais um namoro se esboroava...As duas moças cresceram, viveram e estudaram juntas. E foram, assim, se vinculando cada vez mais...

Nessas condições, por largos anos, administraram suas vidas como melhor lhes aprazia. Flutuavam numa linda bolha colorida de sonhos e emoções, como alegres astronautas em turismo... A sucessão dos dias era uma sequência de risos e prazeres. Até que, há cerca de três anos, uma conspiração de circunstâncias as obrigou a férias em separado.

Isso nunca sucedera!

Do interior de São Paulo, estado onde moravam, uma foi para o litoral e a outra viajou para o extremo norte do país. "Vamos adorar sentir saudades..." — se diziam, risonhas e excitadas.

Mal decorridos três dias daquelas "férias viúvas", como se diziam rindo, a família da que foi para o litoral recebeu, em plena madrugada, um telefonema alarmante: a filha "não estava bem". E era urgente, segundo o médico, interná-la em hospital psiquiátrico.

— O quê?!... Internar nossa filha?... Hospital psiquiátrico?!...

—Venham urgentemente. Ela subiu ao último andar do edifício e deseja pular para morrer.

Foi uma noite de angústias, canseiras e incertezas. Entretanto, não permitiram a internação. Trancaram-se com a moça no quarto. Muda, obstinada, tinha que ficar vigiada o tempo todo, até à chegada de um tio médico.

Mas, lá pelas onze horas, o que chegou foi um telefonema do extremo norte, informando que, naquela noite, a amiga havia falecido em um desastre de automóvel.

—oo—

As pessoas que se deixam *vincular*, por paixão ou por ódio, enquanto perdurar o vínculo se buscarão, no tempo e no espaço, como flechas imantadas. A que fora para o Nordeste, tão logo ficou livre do corpo que a separava da amiga, desferiu um voo compulsivo para junto da outra.

Aquelas duas almas, se tivessem sido educadas à luz do conhecimento espírita, que de ponta a ponta nos alerta contra perigos e inconvenientes de nos vincularmos a coisas, objetos, famílias, raças, religiões, pátrias, ideologias, bens, pessoas, — não teriam passado por tantos dissabores; e perdido tanto tempo nesta encarnação.

E, nas próximas, quem saberá dizer o que ainda enfrentarão?...

Somente quem é inteiramente livre pode crescer, em espírito e verdade — amando sempre! — mas amando sem prender e sem prender-se...

Penosa terapia desvinculatória

Descendendo de famílias socialmente importantes na pequena cidade, aquelas duas jovens curtiam suas vinte primaveras alternando alegrias já não mais tão secretas e patrulhamentos sociais já não mais tão severos.

Enfrentar aquele relacionamento cada vez mais suspeito seria, forçosamente, assumir acusações de extrema gravidade. E ninguém, mesmo suas famílias, tinha coragem para isso. Ademais, as moças eram excelentes nos estudos, sumamente responsáveis e educadas na vida social. Isso foi anestesiando a maledicência, que, cada vez mais frouxa, acabou se transformando em convivência inerte. Na verdade, quem conseguiria resistir ao sorriso, à educação e à simpatia daquelas meninas?... Até que um dia, depois daquele baile gostoso da tradição local, a cidade amanheceu toda enfeitada, como se durante a noite centenas de gnomos travessos pendurassem guirlandas coloridas da novidade em todas as portas e no topo de todos os postes: Maristela, a mais alta das duas inseparáveis amigas, estava namorando firme o jovem e rico advogado Emerson Teles!...

— Isso é só fogo-de-palha...

— E sim! Elas já arranjaram outros namorados—e cadê eles?...Elas não se largam!

— Sei não... — falavam outras pessoas. Ovi dizer que desta vez a coisa vai! Por outro lado, aquele moço não é de brincadeira.

O tempo foi passando e nos últimos meses já não mais saíam juntos, os três, nas andanças alegres de sempre. Maristela e Emerson, estes sim, eram vistos frequentemente, tranquilos e felizes... Depois de quase um ano de namoro — estourou a notícia: ficaram "noivos oficiais"!

— Quem diria, heim?...

— Pois é... Tomara mesmo, gente!... E a "outra", heim?...

— Sei lá... Coitada, não é?...

— Coitada?!... Como, coitada?...

— Esquece.

Os noivos já estavam decididos. O casamento foi marcado para breve, muito breve. As duas famílias exultavam. E a pergunta da maledicência passou a ser: *será que a outra vai ao casamento?...*

Quando faltavam exatamente oito dias para as bodas, a cidade amanheceu diferente: nas portas das casas e no topo dos postes já não havia guirlandas coloridas brincando ao vento: lá esclavam faixas pretas, silenciosas e frias. As moças, naquela manhã, foram encontradas no mesmo quarto, mãos dadas e mortas. Havia bebido veneno.

xxXxx

Há séculos passados aquelas duas almas se deixaram vincular, quando eram Hellen e Frederico. Aos poucos seu amor foi adoecendo, até virar a delirante paixão que os arrastou a desmandos inomináveis na esfera do sexo desvairado e de crimes hediondos, comandados pelo egoísmo e pelo ciúme. Seus programas evolutivos perderam a marcha natural.

Muitos recursos, caridosos e pedagógicos, foram usados pelo Plano Espiritual. Séculos e séculos foram consumidos, em resgates penosos e lutas desvinculatórias. Na presente encarnação aquelas almas boas já estavam quase reenquadradas. Mas quando até as Autoridades Espirituais contavam com a vitória, S caíram de novo. E desta vez, em débitos agravados pelo suicídio. Relembrando: na gênese de quase todos os problemas de ordem emocional que afligem milhares de pessoas, — está sempre este mal dos males — a *VINCULAÇÃO*.

Examine, pois, criteriosamente sua vida, leitor, e veja se você não está, sem perceber, se vinculando a alguma coisa ou a alguém. Oremos e vigiemos atentamente, numa atalaia mental constante. Deus, nosso Pai Amoroso, por muito nos amar e respeitar, nos quer plenamente felizes. Mas só é feliz quem é livre. Livre para amar. Livre para ser amado.

Lembremo-nos, outrossim, sem fanatismo, de que o estudo da doutrina espírita lança luzes incomparáveis sobre tais assuntos. As famílias que têm para dar tais ensinamentos, prestam inestimáveis serviços de prevenção aos seus jovens. O conhecimento da verdade, de que fala o Evangelho, faz muito mais do que libertar: evita inimagináveis formas de escravidão.

o preço de um pacto

Fazer um pacto é algo muito mais sério do que se imagina. Tais "acordos", via de regra, são feitos em momentos de picos emocionais. Só que o Tempo, na sua marcha inexorável, não deixa rabiscos. Tudo ele passa a limpo. Dispersa todas as fantasias e sossega todas as emoções. Mas o confronto entre os pactos do passado e as realidades do presente, em qualquer ponto da Eternidade, será sempre inevitável e às vezes — cruel.

Largas parcelas de problemas ligados a VINCULAÇÕES, que chegam até nós, nas sessões de desobsessão, são oriundos de "pactos" às vezes selados há séculos.

E o caso, por exemplo, de dona Carmem, uma senhora fina e inteligente, bem-posta na vida sob todos os aspectos, mas que, a certa altura, começou a perceber "algo estranho" interferindo em sua tranquilidade. Dispensemos os detalhes.

Como a situação estava se tomando muito desagradável, começou a trocar ideias com as amigas mais chegadas. E a conselho delas, resolveu-se a procurar o Espiritismo, pois "as perturbações talvez fossem devidas à alma do marido,

falecido havia algum tempo”.

Concordou com o esquema de trabalho do grupo: começou a ler “Nosso Lar”, a estudar certo material doutrinário específico, já pronto, a tomar passes e, depois, a frequentar as sessões. Dentro de duas semanas, durante uma reunião desobsessiva, foi convidada a um “pai-nosso” em voz alta. Poucos instantes depois os videntes informavam que viam um militar, fardado, capacete, espingarda às costas, afastando-se por uma estrada de terra, em dia turvo e sob chuva fina.

Mais alguns instantes e outra vidente preveniu:

— O soldado vai se comunicar pela médium N...

O diálogo não foi fácil porque a entidade configurava um homem zangado. E para queimar etapas, eis o resumo da situação: ele e dona Carmem, ambos germânicos, estavam noivos, quando, por volta do século XIX, Otto Von Bismarck, estadista alemão, pensando em reunificar seu país, usou a intriga internacional em um incidente na sucessão do trono espanhol e acabou conseguindo que a França formalizasse uma declaração de guerra, conflito que passou à história com o nome de Guerra Franco-Prussiana. O noivo foi convocado. Os tempos eram de angústias e incertezas, quando ele morreu no campo de batalha.

E foi assim que essa alma angustiada errou nas trevas durante décadas infundáveis, curtindo os tormentos do ódio e da revolta causados pelo clima beligerante. Perdeu a noção do tempo e do espaço, mas nunca esqueceu o pacto com sua amada. Até que os longos anos de sofrimento continuado acabaram minando-lhe as forças. O ódio foi se apacando e o coração encharcado de lágrimas voltou-se, final mente, para Deus...

— Senhor!... Senhor!... Onde encontrá-la?... Onde?!...

Recolhido por bons samaritanos do Plano Espiritual, foi custodiado ao encontro da prometida, àquela altura já reencarnada no Brasil, desde o séc. XX. Reajustá-lo no tempo e no espaço foi mais fácil do que demovê-lo da cobrança do pacto feito... Se ela prometeu esperá-lo, não se conformava em deixá-la novamente. Perturbou a vida e o lar da senhora num processo obsessivo que durou vários meses e só terminou com a difícil doutrinação daquela noite. Tais perturbações nada tinham a ver, como foi imaginado, com o ex-marido recém-desencarnado.

Estes relatos têm a finalidade de alertar as pessoas para esta verdade simples, mas geralmente descuidada: *os pactos, muito mais do que se pensa, têm uma força irresistível para atrelar/vincular pessoas na vida futura.*

o casamento do professor

Ele era um dos mais conceituados professores naquela cidade, onde qualquer “de fora” que ali aportasse teria que lutar e sofrer muito, para ser simplesmente — “aceito.” No caso dele, a luta foi maior, porque era mulato, quase negro. Somava-se ao bairrismo primário, contra um forasteiro, também o preconceito

racial.

Quando ocorreram os fatos que vamos narrar, o respeitado mestre já havia conseguido o seu lugar ao sol, verdade que a duras penas. Duríssimas! Venceu pelo seu valor cultural, pela conduta irrepreensível, e, sobretudo, pela sua humildade.

Até que chegou o dia de resgatar um débito antigo para com alguém que ele, na feira de outras vidas, há mais de três séculos, havia desencaminhado, depois de ter usado, abusado e largado à própria sorte. Esse alguém era uma jovem bonita, pobre e pura. Abandonada pelo homem em quem confiara, e depois rejeitada pelos pais, foi rolando escada abaixo, até à sarjeta.

A Lei Maior informa que quando prejudicamos alguém, não somos responsáveis pelos atos que esse alguém passe a praticar, porque, afinal, todos dispomos do livre-arbítrio; além do mais, a ordem é para que o ofendido perdoe o ofensor, "não sete, mas setenta vezes sete."

Todavia, se não somos responsáveis pelos atos alheios —jamais poderemos ignorar o estado em que o prejudicado venha, posteriormente, a se reencontrar. E só nos libertaremos do problema quando conseguirmos, à custa de tempos, esforços e sofrimentos imprevisíveis, — reconduzir quem prejudicamos, novamente, à mesma situação donde o fizemos cair. (*"Daí não saireis enquanto não pagardes o último ceutil*

Foi o que aconteceu ao respeitado professor.

Certo dia, movido por uma força incoercível, depois de ter arranjado, a muito custo, dois amigos chegados que lhe servissem de testemunhas, o bravo mestre contratou um táxi, foi à zona do meretrício, arrancou de lá uma prostituta, levou-a ao cartório, à luz intensa do sol das 14 horas, e ali, obstinado e sério, casou-se com ela. O acontecimento, logo propalado pela maledicência, detonou o maior escândalo de todos os tempos, naquela sociedade que sempre viveu disfarçando seus preconceitos no baile de máscaras da hipocrisia.

— Este é o maior desaforo que nossas famílias já sofreram! — gritava dona Joana, trêmula de santa indignação.

— E um insulto à nossa sociedade!

E preciso consignar que, daquela jovem bonita de outrora

— quase nada restava agora: gorda, envelhecida, traços umbralinos na face parda, modos grosseiros. E ainda por cima, era ligada a práticas espúrias de mediunidade, atraindo com isso entidades perigosas, pela sua inferior condição evolutiva. Ao longo de várias encarnações, com pungentes anos de prostíbulos, bebidas, tabagismo, drogas e noitadas, aquela alma transformou-se numa ruína humana indescritível.

Mas o bravo professor, obedecendo a uma poderosa força interior, teve a coragem moral e a dignidade suficientes para enfrentar todos os preconceitos, sufocar o próprio orgulho, pôr em risco seus empregos, — a fim de encarar aquele resgate. Nada frenava a insólita força espiritual que o estimulava.

Escusado dizer que foi obrigado a se mudar da cidade preconceituosa. Ao sair, sofreu mais do que quando entrou. Mais lhe doía ver alunos que tantas vezes o festejaram, de repente fingir que não o viam. Outros lhe viravam as costas, acintosamente. Saiu da cidade como um precito. Mas não se abatia, porque sabia que estava certo. Sua fé na Justiça Divina era seu cajado.

Bpr- Se aconteceu comigo é porque eu mereço. "Deus não erra!" — pensava.

E em outra comunidade, de sociedade mais evoluída, foi recebido com fraterna naturalidade. Mas durante toda uma década suportou, no lar, pacientemente, as grosserias da esposa, malcriações, velas, incensos, altares, imagens, defumações...* fÉ justo ele, que era espírita, e tão bem conhecia os riscos dessas práticas.

Fez mais: nas novas escolas onde passou a lecionar, por exigência da esposa entregou cartas autorizando-a, todos os meses, a receber os seus salários. Quando precisava de dinheiro, — pedia a ela...

Resgatou essa parcela do seu carma com humildade e paciência, até que, decorridos aqueles dez longos anos, inesperadamente a esposa faleceu. O bondoso mestre, apesar de tudo, ficou triste, calado...

Findo o ano letivo, mudou-se novamente para outra cidade. E dois anos depois, ali casou-se, agora com uma professora, espírita como ele, linda e suave, que a gente olhava e tinha a impressão de estar na presença reencarnada de uma entidade de escol, do Plano Espiritual.

Notícias posteriores nos informaram que, como nos romances antigos, "tiveram muitos filhos e foram felizes para sempre".

xxXxx

Esta foi mais uma demonstração clara de como, por força de uma vinculação **perfeitamente evitável**, um espírito se vê constrangido a sair do seu mapa geral de evolução, muitas vezes afastando-se, por isso, dos seus mais queridos afetos, até consumir resgates tão difíceis e tão sofridos.

Desenvolvamos pois, em nós, o Amor, a Caridade, respeitando o próximo, precatando-nos contra o Egoísmo, essa grave doença espiritual, que tantas vezes nos tem levado a atravancar o caminho dos outros, programando insanamente desgraças futuras para nós mesmos, segundo a lei de ação e reação. **"A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória."**

o filho rebelde

Esta senhora L... é uma alma boa. Seus sentimentos mais profundos são de inegável pureza. Nesta encarnação sempre foi correta, inteligente e estudiosa. Atualmente, conseguiu acumular cerca de **45** anos de experiências, trabalheiras, cultura e dois filhos belos e saudáveis. Só que o mais novo — chamemo-lo Hélmer — aos **12** anos, já havia precisado trocar de escolas, embora sempre assessorado por

professores também particulares. Todavia, ao contrário do irmão pouco mais velho, nunca teve rendimento satisfatório, embora inteligência não lhe faltasse. Psicólogos competentes, caros e capacitados, quase nada conseguiram.

O que sempre se percebeu de mais chocante no comportamento do menino foram rebeldia e violência. O temperamento espiritualizado da mãe viveu amargurado com isso, lutando quase solitariamente no trabalho generoso de educar o filho.

Certa vez a mãe, não vendo mais caminhos de solução, tentou o Espiritismo. Mas deu poucos passos, porque o marido, num compulsivo e talvez até inconsciente sentimento de defesa e preservação do seu modo de viver, chegou ao cúmulo do autoritarismo, colocando esta ignorância ridícula do — “ou o Espiritismo ou eu”.(!)

Quando o Grupo Valerium iniciou Sessões Específicas de Regressões a Vidas Passadas, solidários com as lutas da Sra. L..., os Mentores sugeriram este valioso recurso de tratamento, pois nunca duvidamos de que grande parte do comportamento do menino se devia à obsessão de longo curso. Por se tratar de “só uma sessão”, e não de adotar explicitamente o Espiritismo, — ela concordou, assim mesmo às escondidas do marido.

Devemos esclarecer também que nossos mentores, atentos sempre ao problema específico que motiva cada regressão, preparam, com a competência, tecnologia e zelo de sempre, — um “clip” das longas histórias dos pacientes, quer dizer: montam um “compacto”, só com os “melhores momentos”, ou seja, só com as cenas que digam respeito específico aos *problemas atuais, objeto da regressão*. Mostram *apenas* esse filme, nas telas à disposição dos videntes. Mas é indispensável que o paciente declare, em voz alta, se realmente deseja e autoriza seja mexido em seu passado. Feita a declaração, espíritos auxiliares lhe apresentam papeis para assinar. O paciente atende, *em espírito*, — tudo “fiscalizado” pelos videntes, sempre em número de seis a oito. Em toda regressão esta é uma rotina incontornável.

Curioso notar que, embora todas as autorizações dadas, ao surgirem determinadas cenas, as imagens de repente ficam “congeladas”. Esta é uma das muitas demonstrações dos conflitos perenes do ser humano, debatendo-se entre o seu querer consciente e a “vigilância” auto-defensiva do subconsciente. *Como encarnado*, aquela pessoa quer mexer no seu passado; mas como espírito, rejeita a ideia. É uso pleno do livre-arbítrio, patrimônio sagrado das almas, que os Espíritos, quanto mais evoluídos sejam, mais respeitam.

Quando o filme fica “parado”, há que se recorrer a nova oração do paciente e uma nova ordem-vontade, firme, a si mesmo. Em poucos instantes, o filme rola de novo. De tantas regressões realizadas, só tivemos um único caso de fracasso: atendíamos a uma psicóloga e ela não teve vontade suficiente para vencer seus bloqueios defensivos internos.

Embora disponhamos também do “Método Bezerra de Menezes” (estado alpha),

ensinado por esse querido mentor ao eminente psiquiatra espírita do Recife, Dr. João Vaz, autorizando-o a passá-lo a quantos por ele se interessassem, — nunca usamos nenhum “grau” de hipnotismo, nem mesmo o simples estado de alfagenia. *Evitamos assim que o paciente reviva emoções de um passado felizmente esquecido.* Uma coisa é ver cenas de um filme. Mas outra, muito diferente e penosa, é revivê-las dentro de si e projetá-las no seu painel mental.

O objetivo imediato dessas regressões parciais é atrair para a doutrinação libertadora estritamente aquelas entidades cujas mentes estejam ainda cristalizadas em fatos que, embora só existindo em suas memórias, as induzem compulsivamente a interferir na vida das pessoas beneficiadas pelo esquecimento, graças à reencarnação. (Os processos usados para essas *atrações* de entidades pertencem a uma “tecnologia” do Plano Espiritual, que desconhecemos, mas que vem funcionando com segurança e proveito em cerca de **200** regressões realizadas no Grupo.)

Mas vamos ao resumo desse “clip” do caso Hélmer.

As primeiras cenas mostram a atual Sra. L.... como índia de uma tribo “xeroquis” (Estados Unidos), esposa grávida do primeiro filho de um jovem e bravo guerreiro. Os homens foram à caça e à transumância, demorando-se vários meses, como de hábito. Mas o anseio obsessivo do guerreiro era o regresso à tribo a fim de apertar ao peito o primogênito dos seus sonhos, “o futuro cacique”, talvez. Eram dois espíritos vinculados desde muitas encarnações. Entretanto, com ou sem intenção, o fato é que a mãe abortou o filho. Ora, “rejeitar” o filho de um guerreiro é a maior afronta que existe para um bravo. Ferido no seu orgulho feroz, iniciou-se um drama que duraria séculos. O guerreiro tomou-se de ferrenhos ódios. Sua revolta contra a esposa tornou-se-lhe “um tormento que só a vingança aplacaria...”

Queimando várias etapas, o “clip” mostrou cenas em que a Sra. L..., já reencarnada numa família branca, de “pioneiros”, aparecia no curral de uma fazenda, rifle na mão, com seu pessoal, rechaçando um ataque de índios, entre os quais, os ex-guerreiro e seu ex-filho, que acabaram morrendo na peleja, sempre cheios de ódio e vivendo para a vingança, o que os impedia de progredir espiritualmente.

Sucederam-se cenas da Sra. L... agora na Inglaterra, depois na França, e finalmente no Brasil, sempre estudando, crescendo espiritual e intelectualmente.

Por fim, os videntes informaram que o guerreiro estava sendo trazido e iria ser tentada sua comunicação, o que realmente aconteceu. Estava encolerizado, o mesmo ódio e a mesma persistência na vingança. O diálogo difícil com a entidade era entrecortado de informações complementares do Plano Espiritual, alternadamente através dos videntes que davam cobertura à reunião.

Resumindo ainda mais: durante centenas de anos, de tempos em tempos, o Plano Espiritual vinha promovendo a reencarnação do filho, pela mesma mãe, com duas finalidades: afastá-lo da influência nociva do “pai” e proporcionar à mãe chances

de resgate e reajuste por causa do aborto. E, depois, pela morte quando do ataque à sua fazenda. Informaram ainda os Mentores que, durante essas tantas encarnações, o menino acabou conseguindo até amar sua mãe. Mas o guerreiro, do Plano Espiritual, em face das vinculações que lhe permitiam fácil acesso à mente de Hélmer, instigava-o na rebeldia e mesmo nas agressões contra a Sra. L..., martirizando-a.

Mas o índio não se conformava nem tinha noção dos séculos decorridos. Estava irreductível. Foi quando tivemos a intuição de dizer-lhe que todos os seus companheiros daquelas épocas longínquas já estavam modificados e trabalhavam para o "Grande Espírito" (Jesus). Feita esta colocação, para espanto e profunda emoção de todos, o Plano Espiritual, como que abrindo cortinas, mostrou um completo acampamento xeroquis, de cujas tendas impecáveis começaram a surgir caciques e índios vestidos a caráter, porém cheios de luz, sorrindo para ele!...

Graças a isso, — e só assim! — o endurecido guerreiro se convenceu dos novos tempos, da necessidade do perdão e do banimento da vingança. Partiu, levado carinhosamente pelos antigos companheiros...

Encerrando a reunião, os Mentores informaram à Sra. L.... que não haveria mais nenhum incitamento do menino contra ela. Porém, levaria um bom tempo, ainda, para que a "deseducação", longamente implantada pelo guerreiro na mente de Hélmer, fosse substituída por novos princípios.

xxXxx

Estes casos que acabamos de ver, sobre vinculações e desvinculações, são simplesmente uma pequenina parte das centenas de exemplos, alguns intensamente dramáticos, originando obsessões terríveis, que descobrimos ao longo dos trabalhos desobsessivos. Pensamos que esta pequena amostragem acidental ou randômica possa servir de sério alerta a todos nós, sobre os altos preços que um dia pagaremos para nos libertarmos das vinculações em que, inadvertidamente, nos enredamos...

Crianças... — Anjinhos?

Não nos deve ser motivo de preocupação a existência de outras religiões. E muito menos nos deve importar a proliferação de tantas "seitas", por aí, geralmente alimentadas por grupos de pessoas desavisadas, que se deixam liderar por inventivos "missionários", cujas "doutrinas" não passam de adaptações falaciosas dos ensinamentos de Jesus aos seus objetivos comerciais, na conhecida exploração da ignorância e da boa-fé da "pobre multidão", como falava o Mestre.

Preocupação com a multiplicação de tantas seitas ou "religiões" que proliferam nos tempos atuais é bem do Catolicismo Romano, porque está perdendo, só no Brasil, cerca de **600** mil fieis por ano, conforme declarações do próprio papa João Paulo II, quando esteve entre nós. Para quem vive da coleta de dízimos, e tem

largas folhas de pagamento a sacerdotes remunerados, a perda de "fieis" é preocupante. A nós, espíritas, que não vivemos da religião, a proliferação de grupos e instituições religiosas em nada afeta.

Os espíritas, não aceitando o profissionalismo religioso, rechaçam qualquer forma de pagamento no campo da Fé, tentando assim, nos atendimentos gratuitos, — sua iniciação no sublime aprendizado do amor ao próximo, como ensinavam e praticavam Jesus e seus seguidores.

Entretanto, esta postura de não nos preocuparmos com religiões e credences alheias não autoriza omissões no campo educativo da Fé. As pessoas que buscam no Espiritismo algum conforto para seus problemas físicos e espirituais, quando desiludidas dos recursos médicos e das suas religiões de origem, chegam até nós com minguados saldos no tesouro pessoal da Fé.

Ora, todos sabemos que ausência de Fé constitui um dos principais obstáculos ao socorro espiritual. E como plantar Fé em corações esterilizados pela desilusão religiosa—sem explicações serenas, mas claras sobre as diferenças fundamentais que apartam o Espiritismo das demais religiões?... Nestes casos, então, sim! — temos que substituir as desilusões religiosas das almas em naufrágio, por explicações evangélicas indispensáveis ao seu revigoramento religioso através da Fé raciocinada, que o Kardecismo tão limpidamente nos proporciona.

O desconhecimento dos valores da reencarnação, por exemplo, ou mesmo a própria negação da sucessão das existências terrenas, tão ao gosto das religiões profissionalizadas, gerou e mantém, entre outros, o hábito de se chamar "anjinho" a toda criança que "morre". Por analogia, na pregação equivocada das religiões profissionalizadas, todo espírito que acaba de reencarnar — e só por isso! — vira "anjo", compulsoriamente, mesmo que tal espírito seja um velho delinquente, de coração e sentimentos curtidos em seguidas reincidências no erro, em vidas anteriores...

Ora, o que os Mentores nos explicam (Espiritismo é a opinião dos espíritos) — é que a Sabedoria Divina, nunca apartada da Misericórdia, concede aos recém-nascidos, na aparência, nos gestos e na voz, inconfundível atmosfera de ingenuidade e graça, cuja finalidade é induzir as pessoas a amá-los e protegê-los. Entretanto, se soubéssemos quem está ali, naquela aparência de "anjinho", talvez nem aceitássemos a simples presença dessa criança, quanto mais o desejo de amá-la e a grave responsabilidade de educá-la.

Todavia, a lúcida consciência de tudo isso que nos passa a doutrina espírita, deve postar-nos, diante das crianças, de maneira conscientemente ponderada. E, com ela, ao entendimento de que muitas efusões confundem e deseducam.

Criança não é brinquedo, nem façanha sexual de pai machão. É tarefa de multifárias e graves responsabilidades. Tão importantes que, muitas vezes, abastecendo-as em obsessivos exageros de roupas, carinhos, alimentos e brinquedos, desvirtuamos o que deveria ser, apenas, suporte físico da obra

educativa.

Refreemos, pois, muitos dos nossos impulsos afetivos no convívio com as crianças, a fim de que elas consigam assimilar, paulatinamente, em nossa companhia, não só a existência mas também os valores do respeito, da ordem e da responsabilidade.

Pieguices afetivas, no trato com crianças, poderão, na maioria dos casos, resultar em abastardamento de parâmetros, com ruinosas consequências.

Aqui estão alguns fatos ilustrativos do que se disse acima, sobre a importância de mantermos, perante as crianças, conscientes posturas educativas, porém, transmitindo-lhes indispensáveis sensações de afeto e segurança.

O caso Antônio

O casal nos procurou por problemas de relacionamento no lar, tanto entre os cônjuges quanto, especificamente, da mãe com o filho Antônio, de 12 anos. Ela, há anos, não conseguia dormir satisfatoriamente, e os assuntos profissionais do marido também "iam mal". Levado o problema a vários profissionais da área, pouco conseguiram. O casal estava à beira do pânico. Percebemos claramente a obsessão generalizada e a falta de religião na família.

Duas horas, quase, durou a entrevista. Mas à medida que era o casal informado sobre a importância da Religião em nossas vidas, porque só ela é capaz de desenvolver o nosso imenso potencial de sentimentos, marido e mulher iam se acalmando. Transpareciam, do olhar, entendimento e interesse. Ao final da entrevista, foram municiados de material doutrinário pedagogicamente preparado, inclusive um "MANUAL DE ENTENDIMENTO" e sugestão de um roteiro para instalação do evangelho no lar. Concordaram também com duas semanas de passes, trazendo o filho, e com a leitura da série André Luiz, principiando pelo "Nosso Lar". (Ver no capítulo "Notas Finais" o tópico "Por que André Luiz".)

Na segunda fase do tratamento, quando é permitida a presença dos pacientes às sessões, logo na primeira, de desobsessão, comunicaram-se alguns espíritos vinculados negativamente à família. E à vida no lar começou a voltar confortável normalidade. Mas uma coisa ainda perturbava o casal: a esposa, que também trabalhava fora de casa, continuava com problemas para dormir. Insônia, sonhos entrecortados, pesadelos, dores em várias partes do corpo, *principalmente nos rins*.

Certa manhã o marido nos procurou, bastante preocupado: naquela noite a esposa acordou de um cochilo, pela madrugada, com fortes dores nos rins e urinando sangue. Fora hospitalizada e ele vinha pedir socorro.

Tomou passes no hospital mesmo, obteve alta em dois dias e trouxemo-la à regressão, sempre por indicação dos Mentores. Descobriu-se, então, que o filho

era seu mais terrível inimigo, ódio que se arrastava desde várias encarnações. Os videntes descreveram os quadros e viram mais: à noite, o "anjinho" saía do corpo com espantosa desenvoltura e descarregava sua raiva com surras ferozes na mãe, principalmente nos rins. Os mentores fizeram mais: tiraram a criança do corpo e trouxeram-na para doutrinação. Conversamos o que podíamos com aquele espírito revoltado. Não prometeu nada, mas, pelo menos, saiu mais calmo.

Cumpram aqui um esclarecimento, em respeito a muitos amigos e companheiros espíritas que, por falta de vivência ou de oportunidades de percurso, discordam da possibilidade de haver comunicação de pessoas vivas. Ou melhor: concordam, "mas desde que a pessoa esteja dormindo."

Como este fenômeno é muito repetitivo em nossos trabalhos, sempre confirmados por médiuns videntes e realizados pelos próprios Espíritos de Luz, na entrevista que tivemos com Chico Xavier (vide o capítulo "Regressões Sem Tabus") ele disse muito com poucas palavras: para pessoas vivas se comunicarem, juntas ou à distância, não precisam estar dormindo. Assim trabalham, por exemplo, os telepatas.

Ao encerramento da regressão, um Mentor explicou que se o menino continuasse a agredir a mãe, eles iriam criar um campo magnético em torno dele, restringindo-lhe, assim, a liberdade noturna. A família entrou em paz e não nos procura há mais de seis meses. Não sabemos se é por causa do campo magnético ou se o "anjinho" criou juízo...

O caso Alfredo

Este o quadro que a esposa, desesperada, nos apresentou: o casal vive em constante clima de terror, pelo marido sumamente violento. Grita e xinga frequentemente, humilhando a mulher — mansa e moça — com palavrões que assustam e revoltam os próprios vizinhos. Quando ingere alcoólicos, o que vem ocorrendo com assustadora frequência, seus gritos lembram urros de monstros e feras. E passa da fúria às sevícias. Espanca indistintamente quem estiver ao seu alcance.

Por sugestão dos Mentores, a esposa atormentada, logo nos primeiros dias de passes e frequência às sessões de desobsessão, foi convidada a uma sessão especial de regressão a vidas passadas.

Percebemos que a esposa deveria ser o fio de amor que vinha mantendo em grupo, abnegadamente, para os reajustes necessários perante a Lei Maior, aqueles espíritos vinculados pelo orgulho, há séculos. E a estratégia do Plano Espiritual era "puxar", por aquele fio de amor, entidades responsáveis pelos desencontros familiares. Realmente, foi o que ocorreu, em socorros repetidos e pacientes, que duraram meses.

Mas, no interesse restrito ao assunto "anjinhos", vamos destacar apenas as

ocorrências e revelações surpreendentes, relativas ao pai e ao filho Alfredo, este de apenas 12 anos. No lar atual, os dois eram o grande foco de ódios que detonavam todas as brigas. E as alimentavam.

As sessões, eles se apresentavam aos videntes como destacados generais da antiga Grécia. Da mesma pátria, sim, mas mentalmente algemados em rivalidades constantes e disputas ferozes. Em sucessivas encarnações, a cada nova chance de reconciliação que o Todo-Poderoso lhes concedia, acabavam sempre se matando.

Finda a sessão, a esposa se dizia assombrada. E nos contou que só agora conseguia entender os motivos de tantas brigas "à parte" ou "particulares", dos dois, dentro da confusão geral da família. Ouvimo-la, espantados, contar que em vários lances de espancamentos, o filho (de apenas 12 anos!) fica de olhos vidrados e diz ao pai, com feroz convicção: "*Pode me bater agora, seu desgraçado! Mas eu juro que quando eu crescer, eu vou te matar!*" O pai dá uma risada estranha e retruca, com espantosa naturalidade: "*Eu vou esperar!*"

xxXxx

Temos inumeráveis outros casos que ilustram este capítulo. Mas, ao leitor inteligente vamos poupar tais narrativas que seriam simples "reforço" para o assunto "anjinhos", essa mistificação mercadológica e antieducativa impingida pelo catolicismo.

Antes de encerrarmos este capítulo, para maiores esclarecimentos aos leitores informamos que o outro "general" — o atual pai de Alfredo — estava recebendo, também, tratamento desobsessivo, frequentando outras sessões, em outros horários, em separado da família, não só por óbvios motivos técnicos como em função do gênio explosivo do pai.

Ao final, convidamos o leitor, isto sim, às graves e profundas ponderações requeridas pela paternidade. Só quem já experimentou, sabe dizer das alegrias e emoções que invadem nossos lares e nossos corações, quando se espera pelo filho que vai nascer. Mas, que essas alegrias e emoções que tanto encanto nos trazem à vida, não se transfigurem em gáudio vazio, pelo risco de esquecermos que um filho é sempre um entrelaçado de lindas esperanças e perspectivas de resgates, de importância fundamental, — para nós e para os reencarnantes. Resgates e esperanças que tanto menos se frustrarão quanto mais tivermos em conta os valores da Educação, sempre temperada de energia e brandura, mas tudo feito à luz e ao aconchego do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Como estão chegados os tempos da final separação joio-trigo, urge tomemos consciência de que, sem Evangelho entendido, sentido e vivido, não há nem mansuetude nem pacificação em nossos lares e em nossas vidas. E sem estas duas conquistas, criatura alguma permanecerá na Terra, para usufruir da nova sociedade do Terceiro Milênio, anunciada pelo Mestre.

Fora do corpo... a verdade

É um erro acharmos que o Espírito só deixa o corpo por ocasião do seu desencarne ou "morte". Muitas vezes, durante cada existência, a Divina Sabedoria, com seus acréscimos de misericórdia, permite-nos períodos de libertação. Instrutores Espirituais de Allan Kardec, ensinando sobre o sono, por exemplo, explicam bem, ao dizer que "morremos" todos os dias, à hora do sono, quando o espírito fica livre "para tratar dos seus legítimos interesses". As práticas mediúnicas nos têm mostrado fartamente que, mesmo em vigília, em pleno ramerrão diário, damos escapadas, algumas mesmo fugaces, do corpo físico. Mas, mesmo que rápidas e imperceptíveis à nossa consciência, essas fugas nos permitem, em frações mínimas de tempo, receber mensagens valiosas dos amigos espirituais — ou dos nossos obsessores, aos quais sinalizamos por nossos defeitos e invigilância.

De forma bem esquemática podemos dizer que existem várias condições em que o Espírito sai do corpo. Notar que, aqui como em outros lances destas contações, percebemos e confirmamos o óbvio: quanto mais sessões mediúnicas são realizadas — mais recursos do Kardecismo vão sendo descobertos, qual estivéssemos nessas motivantes feiras de máquinas "multi-service" dos dias que correm, e donde, entrando, não queremos sair mais... por fascinantes que são. Eis, a seguir, alguns dos muitos exemplos que temos sobre saídas do corpo:

Saídas Conscientes — É uma faculdade mediúnica geralmente conhecida por "desdobramento". Durante as sessões, quando nos entregamos com amor e fé aos trabalhos, sob a segura assessoria dos Mentores, o médium, em espírito, se desloca para onde for necessário.

Nas desobsessões, vai à casa do paciente, ou a algum antro trevoso, e de lá descreve o que está *vendo e fazendo*. Graças a isto, o dirigente da sessão fica sabendo qual o ambiente espiritual daquela residência e do paciente, ocasião em que, se houver merecimento deste (a avaliação é dos Mentores), — são capturadas várias entidades perturbadoras ali arranchadas, bem como "trabalhos" de "terreiros" são desmantelados, etc. Em muitos casos, dedicados trabalhadores do Plano Espiritual, *literalmente*, com rodos, escovas e mangueiras donde jorram líquidos que desconhecemos, — lavam paredes, pisos e tetos impregnados de substâncias geralmente viscosas — suportes de energias prejudiciais.

As casas onde as famílias vivem responsabilmente do ponto de vista moral e religioso, cultivando o Evangelho no Lar e o respeito de uns para com os outros, configuram residências limpas, saudáveis, iluminadas e — naturalmente protegidas contra o assédio das trevas. A importância e a utilidade dos desdobramentos conscientes, nos trabalhos de desobsessão, são importantes e inimagináveis.

Quem não faz, não sabe. Mas quem se dedica ao serviço ativo nesta área do Kardecismo, conhece bem e sente as inumeráveis ferramentas do "sonambulismo",

que o mestre Kardec tão bem equacionou, deixando aos pósteros as motivantes pesquisas que a prática mediúnica estimula e permite.

Saídas Inconscientes - A mais comum das nossas saídas do corpo acontece diariamente, à hora do sono. O que conseguimos lembrar do que fizemos durante ele, em geral, não passa de fragmentos esparsos, ínfimos, e via de regra não costumam fazer sentido. *Dormir, pois, é sair do corpo.*

Entretanto, é bom lembrar, existem muitos casos de espíritos que saem de seus corpos, *inconsciente mente*, sem ser pelo sono. Explicando melhor: não é preciso estar dormindo para os espíritos saírem do corpo. Há casos em que tais pessoas chegam a ser vistas em locais distantes, por alguns encarnados, na maioria videntes.

Havendo a influência de uma força magnética poderosa, atributo dos espíritos mais elevados, um encarnado, sob Controle do Plano Espiritual, é tirado do corpo e levado às sessões espíritas, onde se incorpora e dá comunicação qual se fora a de um desencarnado.

Este tipo de trabalho, realizado pelos Mentores com toda naturalidade, visa "doutrinar" ou esclarecer um espírito que, no corpo, é inabordável, por incrédulo, truculento, sem religião e sem qualquer reverência para com as Hierarquias Administrativas do planeta Terra.

Familiares, presentes à reunião, reafirmam, assombrados, que "realmente é meu pai (ou marido) mesmo, *porque ele é desse jeito...*" Mas o melhor é quando nos confirmam, nos encontros seguintes, que "a vida na família tomou outro rumo, com as modificações comportamentais do paciente, face à doutrinação recebida quando se comunicou."

Saídas Obsessivas — Entidades obsessoras, após longos treinamentos, conseguem também submeter entidades túbias a longos e penosos períodos de sofrimentos, povoando consultórios e hospitais. Mas, com todo respeito às instituições que se mantêm dignas, bem como aos profissionais da área que engrandecem sua atividade, entendemos que é nas sessões espíritas, mediúnicas, de desobsessão, que se consegue ajudar e, muitas vezes, *até curar* as infelizes vítimas encarnadas. O ideal é a medicina holística, com a união da Ciência e da Religião, antigo sonho de Kardec e que já vem colorindo as auroras do Terceiro Milênio — praticada, entre outros, desde já pelo ilustre médico do Recife, Dr. João Vaz da Costa, Rua Gen. Cândido Borges Castelo Branco, **154** - CEP **50670-170**, e que, assim, vem realizando curas inimagináveis, e conseguindo alívios "milagrosos" para centenas de pessoas.

Fenômenos inusitados, pelo menos para nós, quando ocorreram nas primeiras vezes — foram desdobramentos com ou sem o controle da consciência por parte dos encarnados. O fenômeno ocorre, por exemplo, quando espíritos "tecnicamente capacitados" — bons ou maus, o provocam. E aí mora o perigo.

Desmaios extemporâneos, causadores de tantos acidentes, e as chamadas

crises epileptiformes em geral, são apenas alguns exemplos (tristes) da ação "técnica" de perseguidores espirituais.

Entretanto, quando praticamos mediunidade em trabalhos socorristas com Jesus, as ajudas dos Mentores têm conseguido maravilhas para milhares de pessoas, através da doutrinação. Quando há merecimentos do paciente mas o perseguidor se torna irredutível — ajuízo do Plano Espiritual — o seu afastamento é compulsório.

Isto se verifica quando *os Mentores* promovem os desdobramentos de médiuns e de pacientes. Já presenciamos isso muitas vezes. Não sabemos (nem perguntamos) aos Mentores como isto é feito, porque, conforme reiteramos, não somos pesquisadores, somos socorristas cristãos. Em uma sessão de desobsessão as lides são dinâmicas, e exigem muita concentração, sem esbanjamento de tempo com indagações paralelas. Na verdade, testemunhamos que o fenômeno configura um dos recursos para inumeráveis prestações de serviços aos pacientes, como reuniões no Plano Espiritual, tratamentos médicos no perispírito, conforto a algum amigo, advertências, etc. E comum ouvirmos esta colocação:

— Eu e o companheiro tal estamos aqui no hospital, onde o paciente está sendo beneficiado por uma cirurgia no abdômen (ou no braço, ou na cabeça, etc.)

Entretanto, muito nos tem surpreendido o uso desse recurso para as chamadas "comunicações de pessoas vivas."

As mais comuns indicações são para lares em perigo, dado o comportamento inadequado de alguém da família. Todavia, fora do corpo e em presença de algum Mentor, ou de um ancestral evoluído e que essa pessoa respeite, tal espírito incorpora-se e fica ao alcance de uma doutrinação adequada. E geralmente promete que, a partir daquela noite, virá pelo sono ao hospital espiritual do grupo, conversar com orientadores, etc. Ao voltar ao corpo, conscientemente não se lembra de nada. Mas com o passar dos dias, na maioria dos casos, a família informa sobre suas impressionantes mudanças de comportamento.

Mediante este processo, temos alcançado resultados surpreendentes nas mais variadas conjunturas. Realmente, este recurso funciona.

Não obstante, muitos outros aspectos das comunicações de pessoas "vivas" nos causam espanto. Um deles é a chocante diferença de personalidade de um mesmo espírito. Quando ele sai do corpo (corpo que no dizer de André Luiz é uma câmara abafadora dos sentidos), — liberta-se de todos os condicionamentos psicológicos a que está sujeito na presente encarnação, e, então, mostra toda a realidade da sua evolução espiritual. Vamos citar o exemplo de um jovem que, no corpo, é inteligente e muito simpático. É filho de uma companheira, no momento em sérios problemas com o marido. Foi trazido pelos Mentores, à comunicação, numa sessão muito reservada e especial. Julgamos que seria para pedir-lhe mais apoio à mãe. Mas veja o leitor.

— Você precisa trabalhar seu pai, ajudá-lo olhar sua mãe e suas duas irmãs com

mais compreensão e bondade...

— Meu pai é um bobo. Está para se aposentar e não tem nada. Eu tenho que cuidar é de mim mesmo... O resto que se dane.

— Seu pai pode não ter nada material, mas tem dignidade...

— E daí?...

— Como "daí"?!... Onde está a *sua* dignidade?...

— No meu bolso...

— E sua honra?...

— No meu bolso...

— Mas você é uma autoridade! Onde está sua responsabilidade?...

— No meu bolso...

Repetimos: quem vê aquele jovem, e conversa com ele, jamais poderá pensar que ali esteja, *na realidade* uma entidade espiritual desse naípe.

xxXxx

Outros exemplos das chocantes diferenças que existem entre um espírito quando "abafado" pelo corpo, ou livre dele, — na sua autêntica condição evolutiva:

Caso **1** - Jovem mãe, em tomo de **25/26** anos, compleição frágil, mas dócil e muito educada, apresentando um visual bem razoável. Em tratamento por causa de antigo processo obsessivo ("depressão"...) — apresentava melhoras muito aquém dos nossos padrões, e recaídas inexplicáveis. Nas primeiras sessões de desobsessão uma das causas ficou clara:

a vidência informou que a moça, fora do corpo, apresentava-se com várias feridas no corpo espiritual (perispírito) e, chicote na mão, espancava furiosamente alguns escravos. Daí a sabedoria de que *todo caso de obsessão deve começar com a doutrinação do obsidiado...*

Caso **2** - Um advogado, bastante gordo, com **42** anos, inteligente e simpático, nos procurou por dois problemas: cismou que iria morrer por complicações nos rins (já até começava a sentir "dores", etc.); e porque, embora todos os acompanhamentos médicos, remédios e regimes, não conseguia livrar-se da obesidade. A vidência informou que todas as noites, ele, fora do corpo, percorria restaurantes em companhia de outros *espíritos gulosos* (!) e se fartavam de comer, comendo através dos fregueses, em flagrantes casos de vampirização. Mais: seu perispírito tinha o dobro de tamanho do seu corpo físico. E os espíritas sabemos que o perispírito é o modelador do corpo de carne.

Caso **3-0** proprietário de um estabelecimento comercial, sempre simpático e atencioso, fora do corpo se apresentava como um gorila, só tendo pele à volta dos olhos. Como todos o conhecemos *no corpo*, ficamos aturdidos ao vê-lo em espírito — com aquele aspecto animalesco. A esposa, com o tempo, nos confidenciou que o marido, em casa, não é nada do que parece aos olhos dos outros. É autoritário, brigador, pessoa muito difícil e em constante complexo de rejeição.

Caso **4** - Um jovem casal, mais por parte da moça, estava ficando desesperado

por não conseguir uma gravidez. A paciência do esposo com relação às "crises" da companheira era comovente. Foi descoberto, entretanto, que fora do corpo ele é um oficial nazista e por isso impedia o engravidamento da esposa — porque, como espírito, descobriu que o futuro filho era judeu, por sinal, uma de suas vítimas na última guerra.

Caso 5 - A avó de uma de nossas médiuns, embora toda a acentuada boa vontade do grupo, não conseguia melhoras. Sentia secreções no aparelho respiratório, erupções constantes pelo corpo, cansaço, etc. É que todas as noites ela saía do corpo e ia para o pântano, nadar e mergulhar em companhia do esposo, numa vinculação mais que doentia. Por sinal que os videntes descreveram o marido como um autêntico polvo, em espírito. (Leia "Nosso Lar", de André Luiz/Chico Xavier)

Caso 6 - Um adolescente, filho de um casal de cientistas, de trânsito internacional, professores universitários, espíritas, — fora do corpo apresentava-se como jovem oficial nazista. Declarou-nos (comunicação de pessoas vivas), com espantosa naturalidade e convicção, que juntamente com milhares de outros nazistas desencarnados, fazem reuniões constantes, em vários pontos do planeta e, pelo fichário que tem dos "companheiros" encarnados sob sua "jurisdição, — cumpre seus deveres para com a pátria, estimulando-os e orientando-os para o ressurgimento do Nazismo na Terra.

Depois de várias sessões de desobsessão, com doutrinações difíceis, o jovem, comunicando-se outra vez, mostrou-se finalmente bem menos radical na sua postura de que "tenho meus superiores", etc. E aceitou conversar com os Mentores. Para queimar etapas, informamos que quase um mês depois, para surpresa de todos, o ex-jovem oficial nazista se apresentou sem a farda, junto com outros companheiros, dizendo-se muito feliz, etc. Foi então quando os Mentores mostraram aos videntes a desintegração do quartel onde os nazistas da região se reuniam. Muitos "oficiais" cristalizados no racismo foram presos, e nunca mais tivemos notícias de jovens nazistas "ativos". Reencarnados, filhos de outros companheiros e pacientes do grupo, sim. E muitos. Curioso notar que o verificado aqui, deve ter ocorrido no planeta todo, porque alguns obsidiados do Paraná e Santa Catarina, como os "carecas" de São Paulo — desapareceram das manchetes. Lembramos aos leitores o livro "Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho" (Humberto de Campos-Chico Xavier). Aqui, no Brasil, Jesus não permitirá recrudescimentos e implantações de ideologias contrárias ao Evangelho.

Caso 7 - Numa família de três irmãs, a do meio, normalmente boa menina, de repente apresentava comportamento insolitamente agressivo para com a mãe, o que causava preocupação e espanto na família. Convocada a ser paciente em sessão de desobsessão, descobriu-se que a filha mais velha saía do corpo, incorporava-se nela, e então extravasava suas antiquíssimas e seculares idiossincrasias de encarnações passadas, contra a mãe. Depois, passada a "crise", voltava a seu próprio corpo, e a outra irmã é quem passava por malcriada. Claro que a

considerada "briguenta" sofria horrores, pois nada tinha contra a mãe, tinha consciência do que se passava, mas não conseguia se controlar. Depois de tal sessão, tudo se normalizou. Os Mentores haviam prometido repreender a irmã obsessora e barrar-lhe a liberdade de sair do corpo, como vinha fazendo.

Caso 8 - Veja o leitor as inacreditáveis ocorrências provocadas por espíritos encarnados, fora dos seus corpos, nestas revelações que obtivemos. O jovem e simpático conde era o amante de eleição da rainha, naquela fase em que a monarquia francesa experimentava seus mais expressivos tempos de glória. A paixão pelo conde era tal, que, não bastassem as regalias a ele concedidas, como sua presença constante em todos os eventos palacianos, — a rainha concedera-lhe também o segredo que abria a passagem secreta do subterrâneo e lhe permitia, assim, chegar com facilidade aos seus aposentos. No brilho das festas em palácio, os sorrisos, olhares e mesuras apenas preparavam o delírio dos encontros, depois que todos se retirassem — inclusive o conde. E as luzes se apagassem...

O conde era um simpático espertalhão e com isso usufruía e cultivava com muitos proveitos a paixão da formosa rainha. Entretanto, a sua verdadeira e desvairada adoração era outra, era aquela cigana, de olhos de fogo e voz de mormaço, acampada na zona norte de Paris. O conde era um grande ator. Representava na corte o modelo refinado da aristocracia. E junto dos ciganos era a figura perfeita e romântica do nobre "incompreendido" por aquela sociedade frívola, que "não aceitava" a simplicidade dos seus modos... Ademais, o que faltasse à perfeita representação dos seus papéis, nos dois palcos, era plenamente suprido pela simpatia da sua figura e pela generosidade da sua bolsa. Os ciganos, com algumas restrições, aceitavam-lhe a convivência.

Séculos e séculos são dobrados, até os nossos dias... Entretanto, as muitas reencarnações já vividas não conseguiram ainda desfazer aquele triângulo vinculatorio, — vértices solidamente fundidos em amor e ódio.

A cigana daqueles idos é a esposa evoluída e dedicada de agora. Mas, apesar de todos os seus esforços calcados no conhecimento espírita-cristão, não consegue aceitar a ex- rainha, "sogra atual". E isto gera frequentes e "inexplicáveis" desentendimentos com o marido. Tudo parece ridículo, já que os dois, decididamente, se buscam e se amam em comprovada profundidade. Mas a rejeição pela sogra está além da sua formação cristã, fecha todos os canais da aceitação. Por isso os Mentores sugeriram uma regressão a vidas passadas. Via de regra, o conhecimento das causas ajuda a aceitar os efeitos.

O que se descobriu ultrapassou, em dramaticidade, a mais imaginosa expectativa: fora do corpo, frequentemente, a sogra, antiga rainha, incorpora-se à nora e, assim, consegue relações sexuais com o próprio filho, no qual ela vê unicamente o "seu" conde de antigamente...

Caso 9 - Distração

Lá pelas **3** da madrugada ele ouviu um barulho e o melhor que tinha a fazer seria

mesmo levantar-se da cama e encarar. No corredor próximo havia um interruptor cuja alavanquinha, acionada, iluminaria os lados de fora da casa. Uma jogada psicológica até agora não totalmente entendida: se visa assustar possíveis ladrões... ou confortar o morador.

Lá se foi ele, só que, por mais que insistisse, não conseguia sentir o "téc" do interruptor sendo ligado. Pelejou umas três vezes e nada. Só então caiu em si: voltou ao quarto, entrou no corpo, ergueu-se do leito, foi novamente ao corredor e "téc"!

Nota: Nada é por acaso. A pessoa em questão precisava de algo mais objetivo e palpável, para o seu espírito sem formação religiosa, mas dando os primeiros passos no Espiritismo.

Flores a um conhecido

Quando Paula e Arnaldo se conheceram e trocaram pela primeira vez aquele olhar inconfundível do "já te vi", o rapaz era órfão de pai havia muitos anos. O amor puro que cada vez mais permutavam entre si, tinha jeito de semente guardada, esperando apenas uma senha do Tempo para germinar. O Tempo chegou, a semente brotou, cresceu e floresceu. A família de Arnaldo acolheu a moça com todas as delicadezas e emoções que só o carinho maternal é capaz de proporcionar.

A única coisa que a alma delicada de Paula não entendia, fia nova vida e na nova cidade onde agora morava com Arnaldo e sua família, era o sutil desvio da conversação, sempre que o assunto começava a apontar para o sogro falecido. Parece que descia no ambiente da família uma neblina clara, sim, mas que velava sentimentos e imagens. Isso fazia o coração de Paula doer, inexplicavelmente. Nunca vira uma fotografia, sequer, do pai de Arnaldo. Entretanto, experimentava pelo sogro que nunca vira, uma sensação comovida, de afeto e ternura que não sabia explicar. Sensação que, bem no seu íntimo, não queria fosse afastada. Não dizia nada a ninguém. Mas confessava a si mesma uma recôndita solidariedade por aquela pessoa.

Que pessoa?...

As noites lhe davam sonhos confusos, dos quais só guardava sensações e emoções na maioria indefiníveis, mas que depois lhe perduravam na alma o dia todo. Ela não via, mas "sabia" que o pai de Arnaldo estava presente nas confusões daqueles sonhos. Até que certa manhã, com jeito e carinho, conseguiu descobrir o túmulo daquele a cuja memória se ligava por aquelas atrações cheias de mistérios e afagos. E enquanto almoçava, uma ideia lhe amadureceu: sem falar nada a ninguém, escolheu flores de que mais gostava e foi depositá-las no túmulo simples do pai de Arnaldo. Sem saber por quê, deixou-se ali ficar, por longo tempo, de joelhos, orando e chorando, profundamente emocionada...

Na volta sentiu que era invadida aos poucos por ondas delicadas de paz e

felicidade como havia muito não experimentava. Na família, isso foi notado por todos, mas ninguém falou nada. Tardinha e o marido chegou do trabalho. Após o jantar a sogra brincou:

— Arnaldo...Se prepare!... — e seu ar de fraternal malícia contagiou a todos.

— O que houve, minha mãe?...

— Só de olhar para Paula você não percebe que ela está "diferente"?... ?— e todos riram.

.— Eu?... Diferente?... E por que estaria?... — fez a moça, corando.

— Eu conheço de longe essa felicidade, meninal!... — riram de novo. Nisso chegaram visitas e a conversa parou por aí.

No quarto, interpelada pelo marido muito, sério, a moça esclareceu que as "suspeitas" da mãe eram mais uma projeção dos desejos dela. Não havia gravidez.

A noite transcorreu calma e feliz para todos. Mas Paula teve um sonho limpo e lindo, sem as confusões dos outros. Sonhou que um senhor alto, magro, muito simpático, algo triste e muito comovido, dela se aproximou, beijou-a na testa carinhosamente, abraçou-a com profunda ternura, e depois de encará-la com os olhos cheios d'água, falou de mansinho:

— Obrigado, minha filha...Muito obrigado pelas flores!... — e Paula acordou chorando também, mas irradiando felicidade.

No dia seguinte, não pôde resistir por mais tempo e contou à sogra e à cunhada a sua ida no dia anterior ao cemitério; a isso atribuía a alegria que todos lhe notaram. Por que ficou tão feliz, não sabia. Em seguida narrou-lhes também o sonho vivido, muito expressivo daquela noite. Mãe e filha se olharam com profundo espanto e por esse olhar se entenderam. Dona Carmine foi ao quarto e em pouco tempo voltou com algumas fotos, que estendeu a Paula:

— A pessoa do seu sonho está entre estas fotos?...

Paula, numa rápida varredura de olhar apontou, emocionada:

— E este! E este aqui!...Quem é ele? Vocês conhecem?

— E o nosso pai...E o pai, sim!...respondeu a cunhada,chorando. As três mulheres, como numa cena ensaiada, se abraçaram, misturando emoções e lágrimas.

Sete anos depois, amigos, parentes e vizinhos felizes, olhando o garotinho brincar, falar, rir e andar, diziam sorrindo que o menino tinha por quem puxar, "pois era o avô escrito".

xxXxx

Possuímos um incalculável acervo que reúne dezenas e dezenas de casos para narrar, todos eles mostrando as assustadoras diferenças que existem entre as pessoas que conhecemos, encarnadas, no dia-a-dia, suas almas e seus espíritos fora dos corpos.

Tais revelações são de preciosíssima utilidade para os atendimentos desobsessivos, não só conscientizando e alertando os encarnados, sobre o que

"aprontam" inconscientemente, fora do corpo, como para mais lúcida adequação e objetividade dos trabalhos socorristas.

Estas revelações, possibilitando-nos o conhecimento de nós mesmos *como almas*, nos fornecem instrumental didático de inestimável valor, a fim de orientarmos nosso aprimoramento moral. Como dizia Kardec, — em geral somos benevolentes conosco—e severos para com a maneira de ser dos outros...

Não foi por acaso que os generosos mentores deste grupo determinaram que TODOS os médiuns deveriam se submeter ao tratamento de regressões a vidas passadas, porque, conhecendo pelas regressões o "homem velho" que existe em todos nós, teremos um dos mais seguros meios de nos "livrarmos de nós mesmos". Entendemos que, *destruindo com consciência, determinação e lógica o homem velho*, melhoraremos nossa precária condição de almas imperfeitas. E poderemos, assim, agilizar a melhoria do padrão vibratório do grupo, — candidatando-nos, talvez, a novos tipos de tarefas.

É óbvio que ainda estamos, todos os encarnados, carregados de defeitos. Mas a Benevolente Justiça não avalia as pessoas pelo que elas *ainda não são*, — mas pelo esforço e boa vontade na direção e na atividade do que *desejam ser*. Para isto, temos, *pela misericórdia do Pai, as largas e iluminadas avenidas da Eternidade gloriosa que nos garante a indestrutibilidade pessoal e o direito à construção do próprio futuro*.

Nota: Entre muitas outras utilidades das comunicações de pessoas vivas, desejamos destacar esta, que constitui prêmio de inestimável valor: é quando os Mentores promovem uma comunicação de pessoa viva que esteja presente à reunião. Mas é preciso preveni-la de que, durante sua comunicação, ela deve agir com inteligência, procurando analisar suas palavras e atitudes, sem querer "ajudar" ou "bloquear". Ouvir, só, atentamente. Ao término da reunião, as pessoas se mostram espantadas, surpresas, envergonhadas, agradecidas, preocupadas. E que nós nunca conseguimos saber, exatamente, o que realmente somos, como alma ou espírito. E este conhecimento é, como se vê, de suma importância para quem esteja de fato querendo se reformular e, não, — insistir nos caprichos do Ego.

A Mídia do Além

Nada mais necessário, e lógico, que no mundo dos espíritos existam, em pleno funcionamento, meios de comunicação de massa, qual ocorre entre os encarnados. E bom lembrar que lá, como cá, existem os "primeiros mundos", "terceiros mundos", etc. — cada qual com suas características de desenvolvimento, o que inclui a tecnologia da comunicação.

Só que o termo *desenvolvimento*, no mundo dos espíritos, não tem sua base no *econômico* como aqui, e, sim, na *evolução moral* dos espíritos. "Primeiro Mundo", lá, não significa, pois, riqueza material, com a conseqüente evolução social. Dá-se o

contrário: nos vários planos ou esferas em que os espíritos se agrupam pela lei das afinidades, é a evolução *mora*/das pessoas que lhes propicia acesso a inimagináveis recursos de "materiais" e tecnologias que o Pai sempre colocou à disposição da felicidade dos seus filhos, motivando-os ao aprimoramento.

A princípio chamou a atenção dos videntes a instalação de câmeras de TV e microfones para radiodifusão, em alguns pontos da nossa sala dos trabalhos. Depois, os Mentores explicaram que as lições de sofrimentos e de alívios, de doenças e de curas, de revoltas e de regenerações por compreensão, que ocorrem em sessões do Espiritismo prático, não devem morrer entre as quatro paredes dos recintos, pois precisam ser amplamente divulgadas pelas vastas regiões de pântanos e de paisagens torturadas do umbral, chegando ao fundo de antros trevosos, geralmente instalados em cavernas de torturas, prisões e "tribunais" do subsolo.

Intuitivamente chegou-nos a sugestão de que os diálogos de recuperação com as entidades perseguidoras fossem entremeados, nos lances adequados, em voz alta, por apelos coletivos às imensas áreas cobertas pelas transmissões. Por exemplo, quando um chefe de trevas se converte ou é compulsivamente aprisionado, o dirigente formulará apelos concitando os escravos a se libertarem dos cativeiros onde padecem, ligando seus pensamentos a Jesus e pedindo sua misericórdia e ajuda.. E comovente o espetáculo das "fugas em massa" de entidades infelizes, buscando aconchegar-se à proteção dos trabalhadores e guardas do Plano Espiritual. E assim por diante.

Tempos depois a vidência informou também que, em trechos ou no todo, as mensagens e respectivas explanações evangélicas que abrem os trabalhos eram imediatamente impressas "nas tipografias instaladas nas dependências espirituais do centro", formando pilhas e pilhas de "panfletos" ou "volantes", e que naves espaciais do Plano Espiritual partiam carregadas desses volantes, distribuindo- os largamente pelas zonas de sofrimento. Isto dispensa comentários. E a comprovação de que a Misericórdia do Mestre não perde a mínima oportunidade de insistir nos seus convites ao amor e à regeneração, para encarnados e desencarnados do planeta.

A vidência várias vezes informava que as transmissões orais das mensagens chegavam, por exemplo, aos quartos e pátios dos hospitais espirituais e, no plano material, até aos mictórios de rodoviárias, clubes e cinemas, onde entidades de horrível aspecto se aproveitavam para vampirizar usuários de drogas e tabaco, que ali geral mente fazem ponto.

Um fato que também nos despertou atenção foi a existência de um salão, onde vasta biblioteca mostra em suas estantes três espécies de livros: de lombadas coloridas, significando as obras já impressas na Terra e aprovadas pelo Plano Espiritual, não havendo qualquer discriminação quanto à crença do autor, seja ele encarnado ou desencarnado, idem quanto ao médium que a recebeu. Em outra ala a

biblioteca mostra os livros considerados perniciosos, esperando o regresso dos responsáveis, pela desencarnação, quando lhes serão pedidas sérias contas pelo lixo que espalharam nas mentes dos leitores. (Remetemos o leitor aos primeiros livros que Humberto de Campos nos mandou do Plano Espiritual, onde ele conta a vergonha que passou perante as Autoridades Espirituais, ao desencarnar, por ter escrito, com o pseudônimo de Conselheiro XX, livros e contos eróticos); uma terceira série de estantes mostra os livros aprovados, já prontos, esperando publicação na Terra. Eles se caracterizam por serem confeccionados em material transparente. Também para nossa surpresa, um dos Mentores que se comunicou conosco trazia à mão um livro com apenas a metade transparente, informando que aquele era nosso, ainda não terminado... E com a delicadeza de sempre, sugeria trocássemos o título original, pelo atual, mostrando também "como sugestão" um ramo de flores na capa, em diagonal.

Hospital Espiritual do "Grupo Valerium"



Depois que os videntes informaram haver um hospital para atender aos pacientes do Grupo Valerium, construído em um plano um pouco acima da nossa sala de reuniões, quase todos os pacientes passaram a ser orientados pelo Plano Espiritual no sentido de virem à noite, ao hospital, a se apresentarem em determinadas "alas"... Daí surgiu a expressão conseguir ou *fazer* o "sono útil", expressão que os Espíritos encamparam. A técnica ensinada ao paciente é: *o dia inteiro, onde estiver, a pessoa deve enviar pensamentos a Jesus, pedindo que escale um bom espírito para ajudá-la a sair do corpo, pelo sono, e ensinar-lhe o "caminho" do Hospital, onde então, deve se apresentar na ala... "X" (PSIQUIATRIA, PSICOLOGIA, UROLOGIA, ETC, ETC., conforme o problema da pessoa.)* Essa técnica visa evitar que as pessoas, à noite, muitas vezes já saiam do corpo hipnotizadas por espíritos perversos que as levam para lugares obscuros, verdadeiros antros de trevas, onde serão vampirizadas impiedosamente, ou

surradas (literalmente) pela vingança de suas vítimas de vidas passadas, ou servindo de cobaias para experiências de cientistas loucos, etc.

A história deste desenho é simples: um jovem advogado, paciente do grupo, reclamou que era difícil vir para o hospital, no "sono útil" porque não tinha referência alguma para fins de mentalização. E sugeria então que pedíssemos aos videntes um "retrato falado" do prédio. Isso facilitaria muito dormir mentalizando o local, etc. A ideia foi aceita e o companheiro Luiz Eduardo, médium de incorporação e vidência, aceitou a incumbência com a máxima boa vontade. E administrador de empresa, mas seu "robe" é desenhos.

Quando, na semana seguinte, o trabalho ficou pronto, submetemo-lo aos videntes mais à mão, abaixo relacionados, os quais foram sugerindo esta ou aquela modificação, acrescentando este ou aquele detalhe. Até que tudo ficou mais o mais fiel que puderam fazer.

Os médiuns videntes e de desdobramento que assumiram a co-autoria do desenho de Luiz Eduardo foram: Eliana (farmacêutica); Mírian (bióloga da USP local); Cristina (universit); Carlos (gerente de banco) e Marzola, empresário.

Se o leitor observar bem, verá um campo de pouso e uma nave espacial estacionada. É uma das ambulâncias aéreas do hospital, que faz atendimentos fora de Ribeirão Preto, inclusive no exterior, como aconteceu à família da Sra. Anção, no Canadá, por solicitação do escritor Celso Martins, e ao Prof. Dr. Célio Lopes Silva, catedrático de Microbiologia na medicina-USP local, quando estava em um congresso, no México. Este caso mereceu detalhada entrevista do Dr. Célio em reportagem publicada por nossa revista "DEPOIMENTOS".

Poder... Ah! O poder

Quando se vai fazer alguma palestra pela primeira vez, em determinado centro espírita, é aconselhável se chegue mais cedo: tranquiliza-se a quem convidou e, das conversas informais com os frequentadores, sempre resultam subsídios para avaliação do nível sócio-cultural do grupo, e quase sempre se consegue captar peculiaridades que ajudem na melhor adequação do que se vai falar. Foi o que aconteceu conosco, naquele dia e naquela instituição da pequena cidade.

O "horário de verão" fizera terminar o dia, mas não conseguia esconder o sol. A tarde morna parecia resignada, esperando a noite.

O prédio simples ficava protegido por um muro amarelo. Atravessando o portão de entrada, vimos que alguém havia começado a cavar uma valeta. E já éramos umas dez pessoas conversando amenidades, quando chegou um senhor de meia idade, banho recente, calça clara, limpinha, em manga de camisa, usando tamancos e óculos escuros. Pelas saudações percebemos que era do grupo.

Apontando a valeta, indagou:

— Que "trincheira" é esta aqui?...

— É para instalar mais um banheiro... Só temos um.

— E quem mandou fazer isto?...

— Acho que foi o presidente, não sei...

O recém-chegado tirou os óculos, examinou a valeta e desabafou:

— Qual!... Assim não vai!...

— O que foi, seu Artur?...

— Eu não estou sabendo de nada!... Nada!... Afinal, faço parte da diretoria, não fui consultado e nem ao menos avisado!

Houve um silêncio constrangedor. Para quebrar o clima indaguei, timidamente:

— Qual é o seu cargo na diretoria, seu Artur?...

E ele respondeu firme:

— Eu sou o segundo bibliotecário!

Nisso chegou o presidente, o único do grupo a quem conhecíamos. Cumprimentos, apresentações, etc. Nesse instante, destacou-se um senhor de aspecto bem simples, que parecia ser o "faz-de-tudo" do Centro. Com ar de triunfo, deu a notícia:

— Seu presidente, agora temos uma tampa novinha no vaso do banheiro!

— Quem mandou colocar?...

— Foi a dona Maria José... Ela deu o dinheiro, eu comprei a tampa e já coloquei. Agora está uma beleza!

— Seu Antônio! Seu Antônio! Quantas vezes já falei para não fazer nada aqui sem a minha ordem?... Afinal, o presidente do Centro sou eu!

xxXxx

A finalidade maior deste relato é alertar — a partir de nós mesmos — a quantos figurem em diretorias de entidades espíritas. A colocação de Paulo de Tarso é perfeita: Nada do que fizeres seja por vanglória, vingança ou cobiça, mas por amor...

Trabalhamos para *determinada* instituição, como quem é torcedor de um clube?... Para uma religião, *sectariamente*... Para Jesus, na sua obra de purificação planetária, a partir da purificação de nós mesmos?... Ou trabalhamos para inflar o nosso ego?

Os Espíritos azuis

Neste grupo não invocamos, particularmente, nenhum espírito, pois sabemos que os comunicantes de cada sessão já estão programados pelos Mentores. Mais: até os médiuns, para cada centro espírita ou grupo, são encaminhados pelos Mentores, num trabalho silencioso e cheio de sabedoria. Não existe o acaso, na administração espiritual. Assim, fieis a esse esquema de muitos anos, logo em seguida aos passos de aberturas das sessões, *sistematicamente* passamos a *direção dos trabalhos ao Plano Espiritual, após termos recolhido dos videntes os*

informes relativos ao que vai pelo recinto, no campo dos invisíveis. A vidência, sempre contando com seis a oito médiuns plenamente desenvolvidos, é o nosso controle de qualidade. ("Não creiais a todo espírito; verificai primeiro se o espírito é de Deus." — Evangelho de João).

Naquela noite, tão logo lhes franqueamos a palavra, os videntes começaram, entre maravilhados e receosos, a informar que "algumas naves estavam sobrevoando o prédio, a uma altura bem baixa". Mas *sentiam* que não eram "negativas", ou agressivas.

Foi significativa também a informação da presença junto a nós, na sala de trabalhos, de uma entidade que irradiava suave luz azul. Estava acompanhada por um dos nossos mentores, e já próxima a determinada médium de psicofonia

Várias outras vidências nos eram abundantemente passadas e isso aumentava o interesse de todos por aquelas naves e por aqueles "espíritos azuis". *Ele é muito alto... Deve ter mais de dois metros!... Nunca vi uma pessoa tão bonita assim... Meu Deus! o homem está com uma vestimenta prateada e sua pele é azul...* — alternavam as informações dos videntes.

A expectativa era grande. Todos sentíamos que se tratava mesmo de entidade pacífica, ainda mais porque estava acompanhada de um dos Mentores da casa.

— Disseram-me que viesse aqui, pois vocês poderiam nos passar informações importantes, para mim e meus companheiros... (Saudações, boas-vindas, fique à vontade, — o de sempre.)

— E onde estão seus companheiros?...

— Alguns estão em nossas naves, acima de vocês. Mas a grande maioria está em "nossa cidade".

Um dos videntes avisou:

— É isso mesmo... O Plano Espiritual está nos mostrando... E uma cidade muito bonita, os edifícios são de linhas retas... A cidade é toda iluminada, mas a gente não vê lâmpadas... Parece que as paredes são de luz suave... A gente enxerga as menores coisas nas ruas... Olhem!... Todos os habitantes são também azuis, como este aqui! Um pequeno silêncio e a entidade, como que ignorando nossas reações, falou delicadamente, mas com certa impaciência:

— Por favor, é muito penoso ter que falar "assim" com vocês... Este corpo (da médium) cansa e provoca dores por todo lado...

Para ganhar tempo e poupar páginas, vamos queimar etapas. Em resumo, ficamos sabendo que aquelas criaturas são oriundas de Capela, estrela de primeira grandeza, centro de um enorme sistema planetário, tal como o Sol é para nós, respeitadas as proporções.

A estrela Capela pertence à constelação de Auriga ou Cocheiro. Tem *espectro* semelhante ao do Sol. E conhecida entre os astrônomos também por Cabra. (E bom recordar que nós, os espíritas, temos várias informações sobre as grandes quantidades de "capeiinos" que foram banidos de seus planetas de origem, punidos

por mau comportamento e "rebaixados" para a Terra, sendo acolhidos aqui, caridosamente, pelo nosso Governador Maior, que é Jesus.)

Os videntes forneceram seguidas informações complementares, entre as quais a de que eles reclamam do nosso sistema oral de comunicação, porque se entendem pela telepatia. Dispensando as palavras, a comunicação é mais fluida e perfeita.

O visitante informou-nos que construíram aquela cidade a seu pleno gosto, "com material da própria natureza" (confirmando o "fluido universal", de Kardec); que vivem muito confortavelmente; que nada lhes falta, etc. Vinha nos visitar como representante dos seus companheiros, porque Alguém Superior falou que aqui poderíamos passar-lhes informações interessantes.

— E por isso que estou aqui. Por favor... não demorem muito... E difícil falar "assim"! Estes corpos que vocês usam são uma prisão, uma tortura.

Pelo conjunto de informações da vidência, e pela generosa intuição com que os Mentores sempre assessoram os encarnados, sentimos naqueles irmãos, quase explicitada, o que poderíamos chamar "anomalia evolutiva", tão frequentemente encontrada na maioria das almas na Terra, anomalia que se configura na *desproporção* entre o desenvolvimento da *inteligência* e dos *sentimentos* (cérebro e coração).

A deslumbrante caminhada evolutiva das almas, na Terra, eternidade em fora, só ganha normalidade e sabor nas pessoas em que Coração e Cérebro se desenvolvam em harmoniosa equivalência. As luzes da Escola iluminam a inteligência tecno-científica deste assombroso estágio civilizado do Século XX. Mas a felicidade desejada pelo Pai não caracteriza ainda nossas vidas, porque trazemos corações atrofiados pela ausência daquelas virtudes imanentes das Leis Morais, que só a Religião nos pode proporcionar.

Infelizmente, foi sempre assim em nosso planeta. As mais abomináveis e cruéis páginas da história humana, incluindo-se os dias atuais, sempre foram escritas por grandes inteligências com sentimentos atrofiados. Veja-se como o Brasil, esta generosa pátria que nos acolhe, vem testemunhando, pelo sofrimento do seu povo, os desmandos das inteligências divorciadas daqueles sentimentos fraternais de que nos falou Jesus.

Mas vamos resumir estas narrativas ao menor texto possível.

A vidência nos passou que a conversa com o visitante azul era telepaticamente transmitida para a nave, de onde seus superiores o orientavam. Suas visitas se repetiram por mais duas semanas. Cada vez os achávamos mais simpáticos. A convivência tornava o relacionamento mais fácil e ganhávamos mais aceitação e confiança.

Ao cabo de algum tempo, uma coisa estava clara para nós: aquelas criaturas, maravilhosamente belas e inteligentes, abarrotadas de ciência e conforto, não eram felizes. Não *conheciam o Amor, a Compaixão, a Caridade e seus horizontes espirituais eram limitados, porque para eles só existia o que a ciência lhes permitia*

construir ou adquirir. Faltava-lhes a dimensão da Eternidade, da Magnitude Espiritual, e a conseqüente possibilidade de desenvolver sentimentos, que só Jesus, — o Grande Mestre, nos pode fazer compreender e almejar.

A constatação desta "anomalia evolutiva" propiciou-nos diálogos de expressiva fraternidade e respeito para com aquelas criaturas emocionalmente geladas. E muita coisa veio a lume.

1 - Não por acaso foram trazidos ao nosso contato: é que os componentes deste grupo, na quase totalidade, são também capelinos, incluindo-se os dirigentes espirituais, mesmo os da mais alta hierarquia... Só agora, depois de trinta anos de trabalhos, ficamos sabendo disto.

2 Quando chegaram à Terra, os capelinos, todos inteligentes mas de posturas rebeldes para o grau evolutivo do seu planeta de origem, em pouco tempo se dividiram em grupos, pela lei das afinidades, que supõe também rejeições lutas, com disputas de lideranças, de poder, tudo gerando inveja, antipatias pessoais, etc...

3 - Uma grande parte dos capelinos banidos para a Terra, definitivamente não aceitou a "humilhação" de encarnar, embora nos confessassem que as "pessoas de Cristo" os tivessem prevenido de que, na Terra, é muito difícil *evoluir sem reencarnar*

4 - Vários capelinos, depois de muito padecerem na erraticidade, aceitaram a autoridade e as diretrizes de Cristo e resolveram-se a cooperar, destacando-se facilmente pela sua inteligência e conhecimentos científicos.

5 - Os rebeldes, entretanto, empedernidos recalcitrantes, dotados de enorme potencial cérebro-mente, tornaram-se perigosos chefes de trevas, orgulhosos e cruéis, lutando insanamente para destruir o governo de Cristo, atacando sem quartel todos os agrupamentos fieis a Ele, de encarnados e desencarnados. Assim, espreitam nossas brechas e vacilações, e investem com determinação e soléncia inimagináveis. As imperfeições e defeitos pessoais dos membros dos grupos e centros são as brechas de que mais se servem tais criaturas para nos agredir. É verdade indiscutível que todos somos imperfeitos. Mas também não é menos verdadeiro que bem por isso temos *o dever de nos aprimorar à luz do Evangelho, por nós e pelas instituições que prezamos.*

Citando o apóstolo Paulo, escrevendo aos Efésios, um Mentor explicou a André Luiz ("Libertação", 17a. Edição, pág. 24, parágrafo 2) o seguinte: "... não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas e contra as hostes espirituais da maldade, nas próprias regiões celestes."

6 - A grande facilidade capelina em dominar pessoas, arregimentar escravos e asseclas, repetimos que está no seu avançado grau de força mental e nas suas conquistas tecnológicas. *Não podemos nos descuidar disto.*

Ante estas revelações, passamos a entender melhor donde vinham tantos

dispositivos eletromagnéticos, ("chips", para usar a linguagem da informática) encontrados em pessoas que procuram o centro espírita, vítimas de doenças cujas causas mais profundas, e de incrível persistência, os médicos muitas vezes não conseguem diagnosticar com suficiência, como "brancos mentais", zumbidos intermitentes no ouvido, irritações (algumas com crises de fúria) e sem justa causa, taquicardias, tonteiras, perturbações hormonais, impossibilidades de engravidar mesmo com reiteradas inseminações, repugnância alimentar, dificuldades de diálogos e de entender leituras, etc.

Outro aspecto dessas obsessões causadas por "aparelhinhos", é que os videntes pouco afeitos a estas tarefas não conseguem um bom desempenho de observação, porque geralmente se detêm na forma mais comum da perseguição espiritual, que é enxergar entidades (pessoas) com o paciente. E por isso afirmam de boa-fé que "a doença deve ser material porque não tem nenhum espírito aí."

Quando isso ocorre, o paciente se desespera, ou porque já veio de caríssimas e penosas peregrinações por consultórios... ou então, se estiver procurando o Espiritismo em primeiro lugar, ao ser informado de que seu problema "não é espiritual", terá por sua vez que começar aquela "via- crucis'..\.

Como os tais "aparelhinhos" (de substância invisível ao equipamento médico) às vezes são minúsculos como pilhas de relógios de pulso, os próprios videntes, mesmo os de longa experiência — nem sempre conseguem vê-los, sendo necessário que algum Mentor, pacientemente, alerte: S Prestem bem atenção em tal parte (assim-assim) do paciente... — Aí a perversidade é confirmada e só então removida pelos médicos espirituais da Instituição.

Reportando-nos ainda aos amigos azuis, agora já "de casa", visitando-nos freqüentemente, vamos registrar mais algumas outras "verdades da Vida" — essa Vida maravilhosa dos seres humanos, que se desdobra além da percepção dos encarnados, da qual conhecemos ínfimas parcelas.... (*"Há muito mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia..."*)

Segundo informações dos Mentores, entre os quais pontifica a chamada "série André Luiz", recebida pelo Chico Xavier, o número de Espíritos desencarnados, vinculados ao planeta Terra, é quatro vezes maior do que os "vivos" ou encarnados. Isto posto, lobrigamos mais uma vez a sabedoria do apóstolo Paulo, quando alertou que "vivemos cercados por uma nuvem de testemunhas e não sabemos disso". A partir daí, estatisticamente, em qualquer lugar do planeta, a qualquer hora do dia e da noite, cada um de nós tem quatro espíritos na convivência. E como já explicava Kardec, os espíritos circulam o dia inteiro entre nós e nada os detém, porque atravessam portas, muros, grades, etc.

Não nos iludamos, pois. Cercados por essa "nuvem de testemunhas", estamos expostos ao assédio dos maus espíritos. Mostra-nos o Kardecismo, entretanto, a vacina, ensinando que vige no campo do espírito a lei da atração dos semelhantes. Assim, só nos tornaremos resguardados se, pelo estudo e pela vontade firme, nos

tornarmos "diferenciados" de tais entidades, isto é — espiritualmente melhores que elas. Semelhante não atrai semelhante?... Diferenciemo-nos dos maus, tornando-nos melhores, à luz do Evangelho, e com certeza não conseguirão nos alcançar.

xxXxx

O simpático "líder azul" (chamemos assim o que primeiro veio ter conosco) — numa das visitas sacou de pequeno aparelho semelhante a um comando remoto de TV, digitou com cândida naturalidade seu pequeno teclado e informou que uma das nossas videntes era sua "conhecida especial", da qual se separou quando de uma das viagens de "banimentos" de Capela para a Terra, ocorrida *há mais de seis mil anos*. E partindo do feliz reencontro, aquiesceu ele a singular discipulato, tendo a moça por mestra: começou simplesmente a aprender Caridade (!). No dia aprazado para a "primeira aula prática", enquanto os médiuns, fora dos corpos, laçados por cordas de luz, iniciavam descidas a fossos, crateras e pântanos para resgatar entidades, — o "Irmão Azul" simplesmente calçou uma espécie de "skate" sem rodas, e tranquilamente desceu solto, livre de qualquer dos suportes convencionais, flutuando à vontade, para cima, para baixo, para os lados, e na velocidade que desejasse...

Embaixo, na plena lama viscosa e fétida, a "mestra" teve que arrancar os espíritos indicados pelos assessores e colocá-los nos braços do improvisado ajudante, que confessou nunca ter se imaginado num trabalho de ajuda, e muito menos num local e num corpo-a-corpo como aquele... Aquele Irmão Azul, e muitos outros acabaram sendo banidos do seu planeta, por orgulho e rebeldia. E agora se via ali, longe dos seus e dos confortos da esfera onde vivia, trabalhando na lama fétida das piores regiões umbralinas. E nós, às portas do Terceiro Milênio, estaremos preparados para figurar na nova humanidade terrestre, entre os "mansos e pacificadores", — ou teremos que ir para locais piores?

A nós, terráqueos, Jesus alertou, com vistas ao Terceiro Milênio: "só os mansos e pacificadores herdarão a Terra... Quem não estiver comigo estará contra mim... Na casa de meu Pai há muitas moradas." E Emmanuel não deixou *por menos*: existem planetas cujos habitantes não têm o menor traço de beleza e nunca ouviram falar em gentileza...

Certamente o nosso amigo azul, ouvindo por aqui a delicada canção, possa sentir, atolado no pântano, que também ele, lá na sua maravilhosa Capela, "era feliz e não sabia!"

E você, caro leitor?... Vamos acertar o passo com Cristo ou vamos insanamente correr o risco do banimento ?...

xxXxx

O leitor deve estar lembrado de que, quando apareceu entre nós o primeiro "azul", na medida em que ele falava conosco, o diálogo era transmitido para a nave acima de nós, onde seus superiores hierárquicos o iam instruindo.

Quando aquelas criaturas, com todo o seu poder de inteligência e raciocínio, começaram a compreender e a aceitar Jesus como a maior autoridade do Planeta; que a mais importante das suas leis era a do Amor; que esse Amor a gente não "ganha", mas pode consegui-lo com o serviço ao próximo, — imediatamente o posicionamento do grupo foi se modificando.

E as Autoridades Superiores que governam a cidade espiritual desta região, e que na sua maioria são também espíritos capelinos convertidos ao Cristianismo, supomos que, logicamente, começaram também *afazer a sua parte...* e iniciaram movimentos mais substantivos de fraternal entrosamento.

Tudo nos levou a essa conclusão, mormente quando a vidência nos informava, com viva emoção, que começava a se formar uma linda e larga ponte de luz, ligando as duas cidades, — a "nossa" e a dos capelinos, vale dizer que *aproximando para aculturar aquelas duas "civilizações."*

Na verdade, a aproximação dos "azuis" foi e continua sendo, para nós, motivo de muitas alegrias, mas, principalmente, fonte de muitas e inimagináveis revelações.

A todos os espíritas (os que entendem e, por isso, devem crer) sentimos o dever deste alerta: nos campos espirituais da Terra existem ainda centenas de grupos capelinos e outros, de outros planetas, formando a "ala dos rebeldes". Nem todos são dirigidos por verdadeiros gênios das trevas, inteligências extremamente desenvolvidas, mas cheios de revolta e de ódio, cujo objetivo principal é assumir a direção planetária. *Sabemos que não vão conseguir, pois isso seria a impossível derrota de Jesus.* Só que eles não pensam assim e sua luta é contínua e feroz. Bem por isso o Mestre conta com cada um de nós, na oração e na vigilância, no aperfeiçoamento moral e no trabalho em favor do Amor. Só o trabalho no Bem e o Amor no coração conseguem barrar as investidas do mal. Estas observações não significam que todos os espíritos maléficos da Terra são capelinos revoltados. A transmigração das almas representa um movimento constante entre os planetas.

A fascinante atividade mediúmica

Se a Mediunidade não fosse tão importante, não teria merecido dos Mentores e de Allan Kardec tão significativo destaque, a ponto de constituir um dos cinco livros que estruturam a Doutrina Espírita. Aliás, nem a própria doutrina existiria, eis que a sua fundamentação foi recebida mediunicamente, isto é — espiritismo é revelação.

Ora, depois de todo um magnífico livro escrito pelos Mentores e por Allan Kardec — "O Livro dos Médiuns" — o que poderíamos mais falar, pejados que estamos de tantas limitações?...

Entretanto, há que se falar mais, e muito. Não que nos mova ridícula pretensão de modificar o que existe, mas para acrescentar o que temos descoberto, já que o Codificador mesmo informou — o que aí está não é tudo, cumprindo aos pósteros aprofundar as pesquisas e enriquecer a doutrina.

Ora, por absoluta fidelidade ao título e aos propósitos desta obra, — "VERDADES DA VIDA" — título sugerido pelo próprio Plano Espiritual, não podemos deixar sem registro as nossas experiências, mas para darmos, a nós mesmos, a companheiros de outros núcleos espíritas e aos leitores em geral, alguma noção mais objetivada tanto que não sabemos. Como consequência, estimular pesquisas e pesquisadores, o que não é o nosso caso. O campo mediúnicamente está aberto, é fértil e ilimitado, esperando agricultores do Espiritismo com Jesus.

O potencial de prestação de serviços da Mediunidade é exuberante de tal forma, que ousamos dizer: entre os encarnados ninguém conseguiu além, sequer, de uma pequena visão das suas possibilidades. Vale lembrar que o próprio Mestre, puxando as orelhas dos apóstolos, quanto ao seu incipiente uso do poder mediúnico, foi decisivo: *Se tiverdes Fé, — fareis o que eu faço e muito mais, porque vós sois deuses.*

xxXxx

Os primeiros anos do Grupo Valerium foram empregados na exploração de tudo o que o Espiritismo poderia nos dar e sugerir, face à nossa compreensão limitada da época. Efeitos físicos, psicografias, desenvolvimento provocado de mediunidades, e até caridade material, quando montamos cozinha para sopa aos pobres, etc.

Depois, os fatos e as intuições nos levaram a convergir todo esforço e dedicação para tarefas desobsessivas, dado o incalculável número de vítimas ignorantes das perseguições espirituais, que nos procuravam. E graças a estes novos rumos, e com trabalhos mediúnicos de razoável produtividade, e observando rigorosa disciplina, viemos a compreender melhor uma das mais pedagógicas definições de "médiuns", que já vimos. É do caro Emmanuel: *médium é ajudante de Espírito*. E é isso mesmo. Fizemos disto nossa norma de trabalhos. Os Espíritos orientam e fazem, nós apenas os ajudamos, em que pesem nossas limitações.

Por esta específica atividade desobsessiva, todos os trabalhos têm seu fulcro maior na mediunidade. Lembrar que já informamos da realização diária de duas a três sessões e, conforme as emergências, até mais. E é claro que dos mais de trinta médiuns aptos para o trabalho à mesa, nem todos comparecem ao mesmo tempo, nem há espaço físico para todos; todavia, nunca nos reunimos com menos de **6 a 8** videntes, pois não abrimos mão desse imprescindível controle de qualidade, defendendo-nos das mistificações e do animismo. Quem souber de outro tipo de controle, suplicamos nos ensinem, por favor. E repetimos, com larga experiência: mistificação e animismo são os dois grandes danos das sessões mediúnicas.

Eis alguns dos serviços comumente executados pelos médiuns, incluindo-se os

da "concentração de apoio", que se colocam em círculo à volta dos companheiros "da mesa", e se "desdobram" (saem consciente ou inconscientemente do corpo): deslocam-se pelo salão, mantendo a ordem interna junto aos pacientes desencarnados; deslocam-se em naves espaciais, sempre à disposição do Grupo, entre as quais há uma ambulância. Com as naves, buscam entidades alojadas em locais distantes, prisioneiras das trevas, vítimas de acidentes, etc.

Esses "ajudantes", a critério dos Espíritos que os dirigem, usam macacões, alguns dos quais, em determinadas circunstâncias, os tornam invisíveis nos territórios trevosos. Luvas, capacetes, espadas de luz e bastões que liberam intensa quantidade de energia para defesa pessoal, são outros tantos equipos de que esses trabalhadores são munidos, enquanto, desde já, vão se iniciando nas tarefas socorristas do pós-desencame. (Grande conquista deles!)

Em algumas tarefas, servem de "iscas", vestidos de freiras, padres, militares, romanos, egípcios, etc. com o fim de atraírem e dialogarem com determinados espíritos "emburrados" em locais que, muitas vezes, só existem no imaginário de suas formas-pensamento.

Tais entidades são trazidas, caridosamente, à doutrinação. E claro que, em todas as suas incursões, esses "ajudantes de espíritos" estão cobertos pela firme mas carinhosa proteção dos Mentores.

Todavia, algo muito especial nos foi explicado, ainda. Vários médiuns começaram a reclamar de certas dores, irritações, falta de ar, enjoos de estômago, etc.

Enquanto estes problemas ocorriam *apenas durante as sessões*, eles compreendiam que estavam somente "dividindo" ônus de tarefas com os médiuns já desenvolvidos, aflorando assim suas próprias potencialidades mediúnicas, a fim de "receber" ou incorporar, futuramente, comunicantes sofredores de tais gravames.

A finalidade dessa benemerente solidariedade é clara: com aquelas dores todas, o comunicante não teria condições nem de coordenar seus pensamentos, ou, sequer, ouvir o que se lhe iria dizer na doutrinação; e o médium, por sua vez, poderia até nem suportar as incorporações de tais espíritos.

Entretanto, com mais amplas e recentes disposições dos médiuns para suas atividades, aquelas dores e outros padecimentos passaram a se manifestar com mais frequência, às vezes até com dois ou três dias antes das suas datas de comparecimento ao centro. Daí a volta das reclamações, aparentemente com razão, pois é pacífica entre os espíritas a consciência de que todas as pessoas devem sair dos centros "sentindo-se muito bem."

Com a paciência de sempre, voltou um Mentor a explicar que aquilo fora solicitado pelos próprios médiuns, porque, repartindo padecimentos com os sofredores comunicantes, quais dores localizadas, angústias, incertezas, remorsos, — estariam não apenas ajudando ou aliviando esses sofredores, mas, ao mesmo tempo, — resgatando contas de vidas passadas. E que *todos os médiuns*

deste centro escolheram a "moeda forte" da Caridade, através da mediunidade sacrificial.

Depois destas explicações, ninguém mais reclamou, assimilando a sabedoria evangélica de que — uma coisa é dar do que temos, e outra, muito mais nobre, é darmos do que somos, o que, quase sempre, implica sacrifícios pessoais.

Por estes rápidos informes, lembramos antigas (e muitas vezes esquecidas) informações de que médiuns não são unicamente os que, "à mesa", vêem e recebem entidades. Um local reservado às reuniões espíritas é, pois, algo muito mais complexo e importante do que se pensa. E os trabalhos ali realizados não se restringem apenas ao que os encarnados conseguem perceber.

Atlântida e os Espíritos verdes

Platão, um dos maiores e mais prestigiosos espíritos filósofos que o mundo já conheceu, foi quem pela primeira vez falou sobre a Atlântida, fabuloso continente tragado pelas águas, em um cataclismo no Oceano Atlântico, nove mil anos antes. Situava-se a oeste das Colunas de Hércules, atual Estreito de Gibraltar.

Os gregos haviam derrotado o povo atlante, que desejava dominar o Mediterrâneo. Em face do imenso prestígio do sábio grego, sobre o que ele afirmou em dois dos seus "diálogos", o "Timeus" e o "Crítias", a respeito da Atlântida, — mais de dois mil livros e vinte e cinco mil artigos foram escritos, gerando dogmas de cultos e seitas que existem até hoje, embora modernas pesquisas científicas, antropológicas e oceanográficas neguem tudo isso.

Com todo respeito à Ciência e aos cientistas, não olvidemos que suas marchas e contramarchas ao longo da História têm sido curiosas, demonstrando que verdades absolutas têm, várias vezes, terminado em verdades relativas. Assim, somando-se aos mais de vinte e cinco mil artigos e folhetos sobre a Atlântida, apresentamos ao leitor, para que ele também ajude a pensar, — mais estes subsídios.

Em uma das nossas sessões de regressão a vidas passadas, a vidência começou a falar de "naves verdes", só que "pareciam mais submarinos do que naves espaciais, porque se moviam embaixo d'água..."

Outros informes se seguiram, ante nosso espanto, tais como "estamos vendo uma cidade submarina... Seus habitantes são verdes... Têm muitos aparelhos complicados... Peço que os outros videntes confirmem, mas entre nós está encarnado um desses espíritos verdes... "E fulana!..." - exclamou outro vidente meio apavorado. "É sim!... Eu já havia visto, mas fiquei com receio de falar alguma bobagem!..."

Esta moça, referida pelos videntes, faz parte da nossa concentração de apoio. Sua convivência, aliás muito agradável, sempre revelou "alguma coisa" que a tornava um tanto especial.

Alegre, bem humorada, plenamente responsável em tudo o que faz, nunca se interessou por namorados nem pelas coisas da vida comum. Dá, mesmo, a impressão de que é apenas uma "hóspede" educada, no convívio humano.

Depois de muitos dias falando-se em Atlântida e atlantes, a mãe, que é médium incorporadora, nos informou, qual se fosse uma confidência, que houve uma época em que a filha, toda vez que entrava na piscina, onde sempre nadou com espantosa facilidade, tornava a água verde, à sua volta. E o maio, sistematicamente, tinha que ser lavado e esfregado com sabão, porque também ficava completamente verde.

xxXxx

Estes fatos vieram nos desacomodar quanto ao errôneo entendimento de que só existem na Terra espíritos encarnados e desencarnados, os primeiros com os pés na crosta planetária e os segundos agrupados pela imensidão dos planos espirituais, reunindo-se pelas semelhanças evolutivas.

A descoberta de que milhares de espíritos levam vida subaquática, conservando suas conquistas culturais e desenvolvendo-as cada vez mais, e ainda interessando-se em resgatar para seu estranho "habitat" os companheiros desgarrados, em verdade foi algo para nós muito mais surpreendente do que a descoberta dos "espíritos azuis". Evidentemente, se este livro, como falamos acima, está sendo escrito para contar VERDADES DA VIDA, esta, dos "irmãos verdes" vivendo sob as águas do Atlântico — não poderia ficar de fora.

Na ocasião, convidamos o "atlante" a conviver conosco, reencarnar, entrosar-se com os aeróbios da terra firme, mas ele delicadamente ficou de falar aos seus superiores... E nunca nos deu qualquer resposta, embora de tempos em tempos apareça um "verde" pelo salão, que identifica algum seu conhecido, mas não incorpora e não perturba os trabalhos.

Tipos e cores de ectoplasma

Só podemos, pessoalmente, ver e falar a partir da nossa própria ignorância relativamente ao que Kardec chamou de "laboratório do mundo invisível",.

Sempre soubemos que ectoplasma é a substância branca que os espíritos usam para se revestir e, assim, tornarem densos ou visíveis os seus corpos em geral transparentes. Fazem isso a fim de que olhos humanos comuns os vejam e as máquinas fotográficas possam documentar-lhes a existência. Isto é conhecido como *materialização*.

São incontáveis as fotografias de materializações, mostrando os médiuns doadores de ectoplasma, em transe, deitados ou recostados, e uma substância de cor branca, tipo espuma, saindo-lhes da boca, dos ouvidos e do nariz, sendo atraída para alguns pontos no espaço e que, em poucos minutos, mostram uma ou mais pessoas até ali invisíveis.

As sessões e os médiuns de materializações, entretanto, foram ficando cada

vez mais raros, porque a questão de provar a existência das almas foi perdendo o "sensacional" e caindo de interesse na medida em que as "dúvidas" foram desaparecendo. Além do mais, Emmanuel deu inequívoco basta ao assunto quando terminou longa e sábia explanação sobre materializações, dizendo que, *à vista de tanto esforço* e material despendido, as materializações só terão razão de ser tendo-se em vista a saúde humana.

Quem trabalha com desobsessões fatal mente terá que trabalhar também com curas físicas, porque toda doença espiritual (obsessão) tende a acarretar uma doença material (somatização).

Entretanto, várias decepções já tivemos, visto que médiuns de notável potencial para curas físicas acabaram se perdendo pela vaidade ou pela comercialização dos seus serviços. Por isso, premidos pela necessidade das curas físicas, pedimo-las aos Mentores, mas enfatizamos que gostaríamos de trabalhos feitos *por um grupo* e não por um único médium apenas. Fomos fraternalmente atendidos e eles mesmos se incumbiram de escalar os componentes do grupo de curas físicas, predominando entre eles expressiva maioria de videntes.

Ao lado do nosso pequeno local de trabalhos o Plano Espiritual construiu um enorme hospital, de vários andares, com tudo o que se poderia desejar, o que inclui não apenas instalações e recursos técnicos, como também vasto parque arborizado, de repouso, com piscinas abastecidas de líquidos de cores diferentes, onde os videntes constatarem pessoas em tratamento serem mergulhadas, por atenciosos assistentes de enfermagem.

Não podem ficar sem referência as várias alas para psiquiatria, problemas de sexo (cor alaranjada) e contenção de espíritos rebeldes; outros, mais ponderados, pedem um prazo "para pensar", antes de decidirem livremente se abandonam ou não suas vidas de rebeldia. Há também recursos para contenção de encarnados, que perdem temporariamente sua liberdade noturna de ir e vir.

Ao iniciarmos os relatos abaixo, sobre curas espirituais, parece-nos, em respeito aos que ainda não conhecem os ensinamentos espíritas, ser necessária pelo menos esta informação: a alma tem dois corpos, *operispírito* e o *soma* (ou *corpo-de-carne*). Os dois corpos têm os mesmos órgãos, só que o corpo espiritual é estruturado em matéria sutil, detectada apenas pelos médiuns videntes. Mais: corpo espiritual e corpo de carne se interpenetram de tal forma que tudo o que fizermos a um, refletir-se-á no outro. (Este é um dos maiores erros dos suicidas: além de constatarem que a morte não é fim de nada, pois continuam vivos da mesma forma, terão que arcar com os problemas que os levaram ao gesto louco, e também com todos os padecimentos do tiro que se deram, do veneno que beberam, da fragmentação a que sujeitaram o próprio corpo. Suicídio é um blefe, porque não existe morte, como fim da pessoa.)

A primeira surpresa que tivemos nas curas físicas, foi a existência de ectoplasma cor-de-rosa, apresentado não como os tradicionais flocos de espuma,

mas em "lajotas" grossas, as quais iam sendo depositadas em uma "caixa" como se fosse um grande tabuleiro, onde os médicos colocaram o esqueleto (só o esqueleto) de uma paciente, e que ali ficou totalmente submerso por alguns segundos, despreendendo pequenas bolhas de ar que vinham à tona e desapareciam. Recolocado o esqueleto na paciente, contou-nos ela, ao final da sessão, que ficou muito emocionada porque, além do problema específico que a fez procurar o grupo, — sofria também de osteoporose. Ficou curada.

Em determinada reunião desobsessiva, um vidente nos informou que certa jovem, presente aos trabalhos, estava soltando um interminável fio azul, que os espíritos iam enrolando num grande carretel. E que lhe estava sendo informado tratar-se de um ectoplasma especial para microcirurgias, como em globo ocular, alvéolos pulmonares, neurônios, etc.

O ectoplasma "convencional" é largamente usado nas curas, para reconstituição de tecidos. Um caso que nos chamou particularmente a atenção foi de um jovem obsidiado que simplesmente tinha uma entidade enraizada no seu estômago. Por isso os médicos encarnados nunca conseguiram curá-lo. Só que o "enraizamento" era tão intenso, antigo e profundo, que o recurso usado foi construir uma prótese, substituta temporária do estômago espiritual do paciente, usando-se ectoplasma comum. Assim, com recursos que desconhecemos, levaram o estômago para o hospital e conseguiram remover do órgão a entidade vampirizadora. Informaram ainda os Espíritos que o rapaz deveria voltar à noite, em espírito, para que lhe fosse recolocado o órgão restaurado. Em menos de uma semana acalmaram-se não apenas as dores, mas também outras perturbações do jovem.

Para encerrarmos estas mostras ilustrativas dos inimagináveis recursos de que dispõem os Espíritos na generosa porfia de socorrer encarnados e desencarnados no campo da saúde, restringindo-nos apenas ao uso de ectoplasmas, — vejam este outro caso.

Uma senhora, idade em torno de **60** anos, procurou a medicina espiritual por causa de um câncer, cujas manifestações mais perversas se configuravam na pele, região da cintura, com coceiras e irritações que a desesperavam.

Submeteu-se disciplinadamente aos tratamentos da desobsessão, melhorando sensivelmente, até chegar às sessões de cura propriamente ditas. Entre os recursos usados foi vista a aplicação de "células sadias", na região afetada. Essas células, informaram os videntes, vinham embaladas como se fossem minúsculos confetes grudados em uma peça de tecido, dessas que nas lojas os vendedores com perícia vão desdobrando...

Os médicos recortavam com tesoura pedaços do "tecido" desdobrado e os aplicavam na cintura da paciente, onde grudavam como se fossem emplastros. Indagados pelos videntes, os médicos espirituais informaram que aquelas placas de células em pouco tempo seriam absorvidas pela epiderme da paciente... O Plano Espiritual informou também que à noite seria feito um transplante de medula,

sendo doadora a filha, acompanhante da paciente.

Ao terminar este capítulo vale lembrar, em termos de curas espirituais, que médiuns de boa vontade existem muitos; espíritos médicos competentes não faltam; recursos e equipamentos técnicos estão aí, à disposição de todos nós... Tais curas são, a rigor, verdadeiras graças do céu aos homens. Mas, como diz André Luiz, *a graça do céu não desce a esmo; tem que ser merecida.*

E *merecimento*, no caso, é medido pelo esforço e dedicação pessoalmente desenvolvidos pelos pacientes no sentido de "destruirmos a criatura velha e construir uma nova em seu lugar."

Emmanuel também explica na mensagem No Campo do Espírito, do seu livro "Justiça Divina": *as penas podem ser diminuídas e até extintas, desde que o aprendiz do Evangelho esteja disputando o favor de servir ao próximo*. Repete-se por outras palavras o conhecido "O amor cobre uma multidão de pecados". O caminho do "servir" é o Amor. A fonte do Amor é o Evangelho entendido, sentido e ativado.

Quanto a outros tipos de ectoplasma, sentimos que existem e que, com persistência nos trabalhos, eles vão sendo também mostrados.

Cromoterapia

É natural e até indispensável estejamos todos nós, espíritas, atentos à preservação dos postulados fundamentais do Kardecismo contra a ação dos novidadeiros de todas as épocas e de todas as tendências. E simples: o Espiritismo é uma revelação, vinda do Mundo dos Espíritos. Ou a aceitamos através do uso da Razão, e com seguro beneplácito dela, ou a rejeitamos. O que se não pode é modificar-lhe os fundamentos.

Seu primeiro livro — "O Livro dos Espíritos" — consta de **1.018** perguntas formuladas por um professor da Universidade de Paris e seu grupo de pesquisadores, e de **1.018** respostas *dadas pelos Espíritos*. Mais quatro outros livros surgiram das mesmas fontes espirituais (revelações): O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno e A Gênese, completando a codificação de princípios coerentes entre si, constitutivos da Doutrina Espírita, que se caracteriza fundamentalmente por continuar oferecendo-nos os canais mediúnicos de comunicação entre os mundos visível e invisível, a fim de recebermos novas e generosas revelações e aprofundarmos as atividades nos seus três principais campos de estudos — Filosófico, Científico e Religioso. O Espiritismo não é, pois, um campo fechado. Ao contrário, Kardec diz que devemos estar sempre abertos a todas as descobertas científicas e incorporar as novas verdades que surgirem. Foi além, ao dizer que se alguma descoberta científica fizer contradita a qualquer afirmação do Espiritismo, devemos atender a essa nova realidade, e voltar atrás em nossos possíveis erros. Esta, como se vê, é uma

postura honesta, constituindo-se indeclinável dever preservar e honrar um legado maravilhoso que nos veio do Mais Alto, e aprofundando-o cada vez mais na sua destinação de reviver, em toda sua transparência, os ensinamentos de Jesus.

Abordando agora o ponto principal que dá origem a estes comentários, temos visto frequentemente companheiros respeitáveis e bem intencionados combatendo por sistema "novidades" que aparecem nos centros espíritas. Só que alguns o fazem como os gansos do Capitólio, alarmando-se histericamente a qualquer aproximação de pessoas e ideias, sem contudo saberem distinguir amigos de inimigos, por isso que trescalando sectarismos que o Espiritismo combate sem tréguas. Entre as mais combatidas aproximações que fazem a gritaria dos gansos estão o uso de cristais, pirâmides e cromoterapia.

Com relação às duas primeiras "novidades", o que podemos dizer é que nunca vimos nas obras básicas da Doutrina nada que as autorize. Idem nas obras psicografadas por médiuns de firme credibilidade. Isto posto, enquanto o Plano Espiritual não falar nada, cristais e pirâmides para nós não fazem parte do espiritismo e, por consequência, não devem constar destes nossos trabalhos. O mesmo, porém, não ocorre com a Cromoterapia, que significa tratamento de enfermidades com o uso das cores, o que tem embasamento de inegável valor científico. Luz é energia ativa, e as cores dizem dos comprimentos e das frequências das ondas que as emitem, e respectivas intensidades. Quem não acredita nas emissões de energias das cores não pode acreditar no passe, no magnetismo, etc.

Há cerca de dez anos, quando tínhamos a honra de integrar o quadro de professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo, travamos conhecimento, entre outros, com uma ilustre colega, professora Tamira Pereira Nicácio, titulada em Sociologia, de inegável valor como mestra, como pessoa, como espírita, e como médium de incorporação e vidência.

Contou-nos ela, então, que no grupo onde emprestava seu concurso mediúnico, havia cerca de um ano um Mentor começou a selecionar e preparar um grupo de médiuns para realização de curas através das cores. O assunto nos era desconhecido, mas por se tratar da pessoa responsável e culta que era, afastamos fantasmas subjacentes de gansos mentais, e interessamo-nos pelo caso. Obtivemos ótimas informações!

O trabalho consistia em treinar os componentes do grupo de curas para que produzissem, eles mesmos, as cores que lhes fossem solicitadas. Mas fazê-lo com determinação, firmeza e sem pressa. Foi difícil no começo; entretanto, após alguns meses de exercícios com firme determinação, já dominavam bem a nova atividade. E durante esse curioso aprendizado, na medida em que o pessoal ia se tornando capaz de gerar cores pelo seu poder mental, determinados pacientes com enfermidades específicas iam sendo atendidos pelo grupo. Comprovaram que os resultados das curas eram surpreendentes! Mediante a simples presença física do

paciente no ambiente inundado de luzes coloridas — cada qual com indicações específicas — as pessoas saravam.

Um ou dois anos depois, no Grupo Valerium, fomos despertados para as informações espontâneas dos videntes, dando conta de que os Mentores estavam tratando determinados pacientes com "luzes coloridas". Lembramo-nos então das experiências de São José do Rio Pardo... E uma voz interior falou nitidamente que tudo tem sua razão de ser, mas a seu tempo *e até sua hora!*

Ficamos naturalmente preocupados, atropelados por persistentes questionamentos. Contudo, bem no íntimo, pessoalmente nos sentíamos felizes. Afinal, sabemos que as cores são energia. São ondas de energias características, cada qual com seu comprimento, e, por isso, com sua capacidade ativa. E interessando-nos mais pelas questões ligadas ao uso medicinal das cores, descobrimos que em Ribeirão Preto a cromoterapia estava sendo usada largamente não só por criaturas vocadas em tais assuntos, como, também, pela medicina mais aberta. Nas livrarias, dezenas de livros a respeito existem e dezenas e dezenas de pessoas se dedicam à prática da cromoterapia, muitas delas, idealisticamente, como uma forma de ajudar o próximo. Quem se interessar pelo assunto, leia por exemplo "Cromoterapia# Técnica", de Renê Nunes, Ed. Linha Gráfica. Ou "Cromoterapia - a Cura Através da Cor", em que o mesmo autor Renê Nunes informa que no Grupo Espírita Fraternidade, em Brasília, existe o *Instituto de Cromoterapia Irmã Luiza*, que inclusive dá cursos a respeito, a quem se interessar. Existem médicos naqueles trabalhos. Lá, também, como aconteceu em São José do Rio Pardo, registram-se manifestações do Mundo Maior, com a insubstituível "vivência no trabalho" respaldando a validade desta forma de ajuda e alívio "aos irmãos que tentam minorar seus padecimentos encamatórios."

Isto posto, precisamos insistir na vigilância e preservação da pureza doutrinária, não nos esquecendo da nossa própria pureza espiritual, eximindo-nos de exageros e agressões insensatas ao trabalho alheio. Pelo estudo, procuremos conhecer e aplicar cada vez com mais eficiência esse manancial maravilhoso de terapia através da manipulação consciente e assistida das energias luminosas. Quem não acredita em cromoterapia não pode acreditar também em passes. Não são a mesma coisa, mas repousam nos mesmos fundamentos, — o uso consciente e seletivo das inumeráveis formas de energia que o Pai colocou à nossa disposição, a fim de nos ajudarmos uns aos outros. A cromoterapia é um divino leque colorido refrigerando nossas vidas.

Nossas Incríveis "Porções"

Quando "descobrimos" que temos várias "pessoas" dentro de nós mesmos, às quais posteriormente, neste grupo, demos o nome de "porções", a surpresa foi grande e nos demoramos bastante não apenas em aceitar, mas em conviver com

essas "outras" nossas personalidades. Surpresa maior aconteceu e continua acontecendo quando elas tomam um médium de incorporação e falam conosco, à revelia do que diz e pensa o espírito do paciente, que denominamos "matriz". Tudo devidamente acompanhado pelos videntes.

O Plano Espiritual explicou que costumamos guardar no subconsciente, com maior ou menor intensidade, ao longo das encarnações, certos blocos de emoções ou de fases emocionais que mais nos marcaram a mente e os sentimentos.

Sempre que nas trepidações comuns do cotidiano, em posteriores encarnações, surjam símiles de situações- emoções que excitem aquelas lembranças, elas afloram compulsivamente como "pessoas" em nosso consciente e passamos a ter atitudes insólitas, preocupando e às vezes até assustando quem convive conosco. Pode ser o que popularmente se diz "me deu os cinco minutos", etc. Aos olhos dos videntes, essas "personalidades intrusas" aparecem, interpenetrando-nos o espírito, quais verdadeiras "outras pessoas" convivendo no mesmo corpo.

É fácil compreender que grande número de atritos e desavenças, crises de tristezas ou de euforias que muitas vezes assaltam as pessoas são, simplesmente, afloramentos das porções que temos guardadas conosco. Exemplos: a porção general... a porção nazista... a porção operária... a porção bispo... a porção comerciante... a porção médico, etc.

Em sessões de desobsessão, são incontáveis os casos de "curas" que beneficiam as pessoas ditas obsidiadas, só que os "obsessores" muitas vezes são apenas suas próprias "porções", guardadas nos insondáveis escaninhos da alma. Será que muitos casos de animismo (comunicação do próprio espírito do médium) não são artes das "porções"?...

Ainda chegaremos a essa questão, sem dúvida.

Pela prática de lidar com "porções", adquirida ao longo dos tempos, os videntes aprenderam a distinguir entre elas e o próprio espírito do paciente, pois são idênticos.

A distinção se faz porque, quando se trata de uma "porção", não existe o conhecido "fio prateado", espécie de cordão umbilical que liga o espírito ao corpo, e que, sendo de natureza fluídica, possui grande ductibilidade (propriedade que permite a certos materiais serem facilmente transformados em fio). Contudo, resta ainda outra questão: como distinguir entre uma porção e uma entidade desencarnada, mistificadora, que deseja se passar pelo paciente?... Ainda aqui a resposta veio com o exercício da atividade mediúnica, porque os Mentores não dão nenhuma informação "de graça", sabendo, pedagogicamente, que a "descoberta" em serviço vale mais que a informação gratuita.

Os videntes sentiram que a diferença entre um desencarnado e uma porção está na "energia" que o desencarnado transmite — boa ou má —, enquanto a porção, por ser uma "casca", não irradia nada. Aí então sim, — os Mentores confirmaram.

Muitas vezes os Mentores fazem a "porção" incorporar- se em algum médium, a

fim de possibilitar à "matriz" (que é o *espírito* do paciente) — conhecer melhor o que vai pelo seu interior, e *procurar corrigir-se*. (Eis aí o famoso conhece-te a ti mesmo, da luminosa colocação de Sócrates.) Pelas palavras da "porção", suas atitudes, conceitos, etc. — o paciente tem condições de decidir se quer conservá-la ou não. Em geral a afirmativa é de que "não quer".

Cabem aqui alguns esclarecimentos sobre este aspecto da decisão. Depois de nos deixar por longo tempo fazendo interpretações próprias e testando-nos a capacidade e o entendimento sobre qual seria o destino das "porções", quando rejeitadas pela matriz (o espírito do paciente) — os amigos espirituais explicaram que tudo depende da *profundidade de convicção* com que o paciente recuse o seu hóspede. E que, em função da intensidade desse impulso de rejeição, a porção se desintegra *na hora*. Mas isto não acontece sempre. Na maioria dos casos, o paciente, pelas condições do momento, diz "não quero", mas, na realidade, esse "não quero" não está suficientemente carregado dessa energia magnífica que caracteriza *as decisões profundas* do espírito humano, que dá força ao empuxo inicial, para troca imediata de paradigmas. Nestes casos, a porção fica "congelada", pela ajuda dos Mentores, visando prestigiar o esforço do paciente. Mas tão logo a falta de convicção mais profunda vá se acentuando, a porção vai se "descongelando..." e na vida do paciente tudo volta aos antigos problemas.

As "porções", pela sua origem no próprio campo emocional das pessoas, de tal modo ficam enraizadas em nós que a libertação constitui para muitos irmãos uma luta complexa e sofrida. Quase todos passam a se queixar de um horrível vazio interno. Outros ficam como o deficiente físico de longo curso que, repentinamente, tem alta médica e precisa aprender de novo a andar... sem muletas e aparelhos. Na verdade, repetindo: se não conseguir vencer essa troca de paradigmas, *o paciente com certeza voltará aos problemas iniciais que o fizeram buscar o socorro do Kardecismo*. A regra é esta, constantemente confirmada no campo dos socorros espirituais: sem reforma interior do paciente, desacomodando-se e expungindo o espírito de hábitos arraigados, — não existirá socorro duradouro. Por isso a expressão "doutrina da reforma íntima", que designa o Espiritismo. Sem uma nova pessoa, não existirá nova vida.

Manter "porções", sob todos os títulos, é mais que um problema: é uma problemática. Um dos prejuízos silenciosos das criaturas e por isso mais graves, *além da insegurança pessoal*, e insistentes questionamentos internos ante situações de menor importância, — é o enorme dispêndio de energias psíquicas para alimentar as porções.

Visando maior compreensão desse estranho fenômeno das nossas "porções" internas, lembremo-nos de que todos nós as temos. Algumas personalidades famosas não só as tiveram e cultivaram, como até as explicitaram. Um dos casos mais conhecidos é o de Fernando Pessoa, escritor e poeta português, com seus heterônimos. Conforme o assunto de que iria tratar ele assinava Alberto Caeiro, o

naturalista; ou Ricardo Reis, o pagão, epicurista e estóico; ou Álvaro de Campos, discípulo de Caetano de Almeida; e há ainda Fernando Pessoa "ele mesmo"—o poeta original e moderno dentro do convencional... Nestas insólitas "fragmentações de um poeta em vários outros", essa criação consciente de várias pessoas numa só constitui um dos pontos mais marcantes da literatura portuguesa.

Entretanto, não devemos repetir Fernando Pessoa...

Todos nós, imperfeitos e ainda não unificados em Cristo, não só mantemos "porções", como ainda estamos a criá-las sempre que não temos estatura espiritual para enfrentar lances específicos do ramerrão diário... Se estivéssemos falando de Química, diríamos que, quando conseguirmos substituir o "homem velho pelo homem novo", e estivermos na entrega total a Cristo, seremos uma personalidade definida, estruturada e una. Sem isômeros.

Entrevistas e "Manual de Entendimento"

Os centros espíritas estão sendo muito procurados, nos tempos atuais, por razões que todos conhecemos: o medo respeitoso dos "poderes" de padres e bispos virou folclore; os sectarismos, em todos os segmentos sociais do planeta, perderam espaço para a liberdade de pensamento e de crença, e os radicais, hoje, são encarados até com mal velada antipatia.

Por outro lado, dado que "os tempos estão chegados", os fenômenos mediúnicos continuam explodindo como nunca, em todas as partes do planeta, e "a Parapsicologia resgatou o lugar do Espiritismo na cultura do Século XX", como bem colocou o saudoso Prof. Herculano Pires.

Bem por isto, precisamos acolher com bondade os que procuram os socorros dos Espíritos de Luz. Mas bondade que não dispense elementares cautelas.

A primeira delas consiste no respeito ao ensinamento dos Mentores, segundo o qual "a graça do céu não desce a esmo, tem que ser merecida". E o que vem a ser esse "merecimento"?...

Merecimento é uma função do esforço que a criatura está fazendo para se enquadrar nos parâmetros do Evangelho e, assim, crescer em espírito e verdade. Foi por isso que surgiram neste grupo as primeiras necessidades de entrevistas pessoais, com os pacientes, objetivando orientá-los e ajudá-los nas difíceis tarefas de agilizar sua busca de maturidade como almas imperecíveis, a fim de que, quando tais pacientes forem admitidos aos socorros dos Espíritos de Luz, já possuam pré-requisitos para entender e confiar nos trabalhos, tornando-se aptos para receber as ajudas de que tanto necessitam.

Não se trata, aqui, de invenções fantasiosas ou arbitrárias. Ninguém barra o poder convincente dos fatos. Depois que instituímos as entrevistas de admissão,

quando os pacientes recebem instruções verbais e as tarefas específicas constantes do nosso MANUAL DE ENTENDIMENTO, — os que não as cumprem corretamente são informados pelos videntes, nas sessões, de que suas fichas pessoais em poder dos Mentores estão em branco. E ser-lhes-á então dado um novo prazo... Mas os que se esforçaram e cresceram espiritualmente, recebem benefícios que a muitos parecerão "milagres". (Os atendimentos de emergência, é claro, estão dispensados das entrevistas e tarefas, num primeiro tempo de tratamento.)

As tarefas do "Manual" são pedagogicamente elaboradas, simples mas específicas, tais como tomar determinado número de passes, fazer o "sono útil" (ver Manual de Entendimento), estudar (não apenas ler) determinados capítulos de "O Evangelho Segundo o Espiritismo"; ler, pelo menos, o livro inicial da série André Luiz-Chico Xavier — "Nosso Lar", e realizar o "Culto Cristão no Lar", etc. (Sobre a leitura de "Nosso Lar", ver neste livro o capítulo "Por que André Luiz").

Em resumo, sempre que o paciente é admitido à primeira sessão de desobsessão, os Mentores pedem que ele faça uma auto-avaliação, atribuindo a si mesmo uma nota de zero a dez. — não sobre possíveis melhoras pessoais que obteve quanto aos problemas que tinha ao nos procurar, — mas "nota" indicativa do quanto ele acha que cresceu espiritualmente, por causa das leituras, dos passes, do culto em casa, etc.

Nem sempre as auto-avaliações coincidem com as dos Mentores. Mas isto é natural. Só que cada qual vai recebendo de acordo com o seu esforço e proveito da autocorreção. As vezes são dados prazos de até trinta dias, para que o paciente se enquadre, refazendo e completando as tarefas. (Emergências, nunca é demais repetir — são atendidas sem nada disso, mas após o socorro urgente inicial o paciente terá que se enquadrar nos procedimentos gerais).

Explicação Complementar e Necessária - Por estar o planeta Terra em fase ativa de seleções com vistas aos reencarnantes do Terceiro Milênio, a misericórdia do Senhor está não só concedendo "as últimas oportunidades aos recalcitrantes", mas, como ensina também o iluminado mentor Bittencourt Sampaio, os Assessores do Mestre Jesus estão puxando pedagogicamente o freio de mão dos que ainda estão brincando de viver, esquecidos de que esta, para todos nós, poderá ser a última chance reencarnatória antes da seleção que está a pleno vapor. ("Bem-aventurados os mansos e pacificadores, porque só eles herdarão a Terra..." — Jesus).

Assim, todos nós estamos experimentando objetivamente as conseqüências das trevas em que ainda nos demoramos, e que vêm se manifestando sob várias formas: prejuízos materiais, acidentes, desentendimentos no lar e no trabalho, enfermidades não diagnosticadas, em si ou na família, sonhos desagradáveis e pesadelos, etc. Adaptando o velho brocardo: "quando a água começa a bater na cintura, as pessoas param de brincar na piscina e voltam aos exercícios de

natação..."). Isto posto, os "problemas" que estão trazendo avalanches de pessoas aos centros espíritas são pedagógicos, porque a maioria de nós ainda está brincando de viver... "esquecidos de que hoje mesmo poderão nos pedir a alma" — como frisou Jesus.

As tarefas para admissão de pacientes aos trabalhos mediúnicos, pois, têm a finalidade de fazer as pessoas pelo menos ENTENDER o que é a vida espiritual, o valor das encarnações e, principalmente, a necessidade de nos tomarmos mansos e pacificadores, condição inarredável para permanecermos na Terra *em franca e séria fase seletiva de reencarnantes*.

Por que a "Série André Luiz"...

Temos sugerido insistentemente a leitura da chamada "Série André Luiz", uma das mais importantes obras da mediunidade de Chico Xavier. Nossa insistência na recomendação daquelas leituras tem sólidas razões de ser, não somente junto aos espíritas em andamento mas, principalmente, aos pacientes que procuram esta Instituição.

Quase todas as pessoas que nos procuram são completamente leigas; algumas, até, antes de vencer a natural ignorância em que vivem sobre as coisas espirituais, necessitam vencer primeiro os perversos condicionamentos antiespíritas, implantados em suas mentes por padres e pastores protestantes. Por isso fazemos indicações seguidas e insistentes para que as pessoas leiam André Luiz. Tais leituras constituem o melhor e mais seguro caminho para que todos possamos conhecer, por abençoada antecipação, os mecanismos da Divina Sabedoria que regem nossas vidas de almas eternas, e compreender o quanto vivemos, sem perceber, em contatos permanentes com os chamados "mortos", ou "espíritos desencarnados".

Os livros que compõem essa "Série André Luiz", a começar do primeiro volume intitulado "Nosso Lar", além de confirmar, ampliam e aprofundam, volume a volume, de forma didática e gradual, as informações iniciais de Allan Kardec quando ele diz que os espíritos desencarnados, em número muito maior do que os encarnados, circulam o dia inteiro entre nós, vão e vêm como querem e nada os detém porque atravessam portas, paredes, muros e grades, influenciando muito mais em nossas vidas do que poderíamos supor, pois lêem nossos pensamentos e sabem das nossas menores intenções.

Alguém já colocou, com muita felicidade, que "Jesus é a porta e Kardec é a chave." Aos espíritas cumpre, entretanto, acionar essa chave, e não ficar apenas polindo-a, admirando-a, nem deixando-a pendurada em chaveiro brilhante, sem apreciáveis resultados práticos. Kardec não apenas nos ofereceu a chave, como escreveu um livro maravilhoso ensinando-nos como usá-la objetivamente — que é "O Livro dos Médiuns". Para que serve "O Livro dos Médiuns", se não usamos a

mediunidade para abrir as portas que nos levam a Jesus?...

Nos livros de André Luiz, obra que foi recebida através da mediunidade de Chico Xavier, conheceremos, com largueza de explicações, várias e reais ocorrências nas vidas das criaturas que moram nos planos espirituais. Os fatos ali narrados permitem-nos *viver por antecipação* tudo o que encontraremos, mais dia menos dia, tão logo chegue a nossa vez de para lá regressarmos pela "morte".

Isto posto, no mínimo será inteligente de nossa parte procurarmos, desde já, conhecer para entender ao máximo os possíveis lugares para onde iremos, quando das inapeláveis desencarnações de cada um. Os livros de André Luiz têm, entre muitos outros, o poder de nos permitir conhecer "antes" os até então fantasiados usos e costumes dos lugares para onde iremos.

Ora, sendo o trabalho deste grupo essencialmente mediúnico é, por isso, centrado na libertação dos encarnados quanto à influência dos seus obsessores (espíritos que os perseguem). E como é fundamental a confiança e a fé dos pacientes, a primeira coisa a fazer é informá-los correta e amplamente sobre o que são espíritos, como vivem, o que eles têm condições de fazer e como podemos nos precatar de perseguições, ou usufruir das boas companhias. (*"Árvore má não dá bons frutos."*)

Conhecendo à plenitude o quanto os desencarnados interferem em nossas vidas, o Plano Espiritual, na época oportuna, enviou-nos Allan Kardec — "o bom senso encarnado", como definiu Léon Denis — com a missão de iniciar todo esse gigantesco processo de revelações que constitui o Espiritismo. Professor dos mais brilhantes da Universidade de Paris, então capital mundial da Cultura, soube Kardec cercar-se de colaboradores capazes E QUE ESTIVESSEM ACIMA DOS PRECONCEITOS DO SEU TEMPO. Os resultados aí estão nos cinco livros básicos que estruturam o Espiritismo.

Mas esses livros não são um fim, um produto pronto e acabado. São intocáveis nos fundamentos que nos passam, mas o Espiritismo não é uma obra monolítica, bloqueada, pronta e acabada, congelada. E muito menos é propriedade de quem quer que seja. Os livros de Allan Kardec são meios. estímulos e caminhos onde Jesus espera pelos nossos passos.

O Kardecismo grita convites a constantes meditações e pesquisas no mundo fascinante onde vivem os que a ignorância chama de "mortos", mundo que fica além das portas que essa "chave" maravilhosa abriu para nós rompermos e adentrarmos de vez o muro obscurantista com que as religiões retrógradas insistem em separar encarnados de desencarnados, qual fôssemos criaturas adversas, e não irmãos que precisam se entender, se ajudar e se amar, revivendo assim, em toda a sua pureza, os ensinamentos de Jesus e os exemplos de seus apóstolos.

Depois da incontornável revolução cultural nos campos da Filosofia, Ciência e Religião, provocada pelos livros que uma plêiade de Espíritos de Luz, assinando O Espírito da Verdade, forneceu mediunicamente à humanidade terrena, através do

grupo de Kardec, o Divino Comando da Terra começou a dar um tempo" para que se completasse a metabolização dos ensinamentos ali contidos.

Os bispos queimaram livros de Kardec em praça pública, os intelectuais receberam o recado como coisa séria e quando um período de acomodação começou a se instalar entre nós, o Alto soprou um vento novo, experimentando o Espiritismo com estórias. E a respeitável médium Ivonne Pereira recebeu do escritor Camilo Castelo Branco o seu "Memórias de um Suicida", que alcançou enorme repercussão entre nós e provocou novo e valente surto de divulgação espírita. "Memórias de um Suicida", rigorosamente nos parâmetros de Kardec, configura verdadeiro curso superior de Espiritismo. E demonstra que Espiritismo com estórias é muito mais atraente e palatável. Por isto, mais fecundante na mente de todos nós.

E foi assim, com esse comprovado recurso pedagógico de narrar fatos, que novamente a sabedoria dos Mentores se fez presente, lançando a "Série André Luiz", devidamente recheada de revelações nunca sequer imaginadas, revelações muito mais avançadas que as de Camilo Castelo Branco, sempre com indiscutível fidelidade a Kardec, mas com a vantagem de desdobrar o entendimento espírita, sem perda da qualidade literária, a nível bem mais acessível, ganhando assim um novo universo de leitores que hoje se contam no mundo inteiro por milhões e milhões de pessoas. Quem ler a "Série André Luiz", começando pelo "Nosso Lar" e seguindo gradualmente a ordem de publicações dos novos volumes, fica de fato conhecendo os mecanismos que regem a vida humana, no corpo e fora dele, recebendo de permeio sobejas lições do Evangelho em linguagem mais inteligível, embora muitos de nós esbarremos em alguns termos que nos remetem às luzes dos dicionários.

Dizemos mais: depois das sedutoras leituras de André Luiz, então sim! — os livros de Kardec *ficam mais compreensíveis para milhares e milhares de pessoas*.

Quando citamos experiências que recolhemos às vezes sofridamente em mais de trinta anos de sessões mediúnicas, não o fazemos por "vanglória, vingança ou cobiça", como alertou Paulo de Tarso. Contando suas experiências, André Luiz propiciou a que milhões e milhões de pessoas, em todo planeta Terra, alcançassem a prontidão mental que lhes permitisse entender, respeitar, amar e reverenciar Kardec, cumbido por Jesus de instalar em bases lógicas e sólidas "paracleto, o Espírito da Verdade". (Promessa bíblica > próprio Mestre, quando esteve entre nós.)

Quando contamos as nossas experiências, lembramo-nos da delicada estória do Elefante e do Beija-Flor, narrada no título "Explicações e Apelos Necessários".

Que Jesus nos abençoe e ilumine o entendimento.

Mensagem de Emmanuel

PARECE-NOS QUE ESTA MENSAGEM DE EMMANUEL RESPALDA AS

NOSSAS INTENÇÕES, NAS TAREFAS MEDIÚNICAS: SABER E FAZER

("Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes"- Jesus - João, 13:17)

Entre saber e fazer existe singular diferença.

Quase todos sabem, poucos fazem.

Todas as seitas religiosas, de modo geral, somente ensinam o que constitui o bem. Todas possuem voluntários, crentes e propagandistas, mas os apóstolos de cada uma escasseiam cada vez mais.

Há sempre vozes habilitadas a indicar os caminhos. E a palavra dos que sabem. Raras criaturas penetram valorosamente a vereda, muita vez em silêncio, abandonadas e incompreendidas. E o esforço supremo dos que fazem.

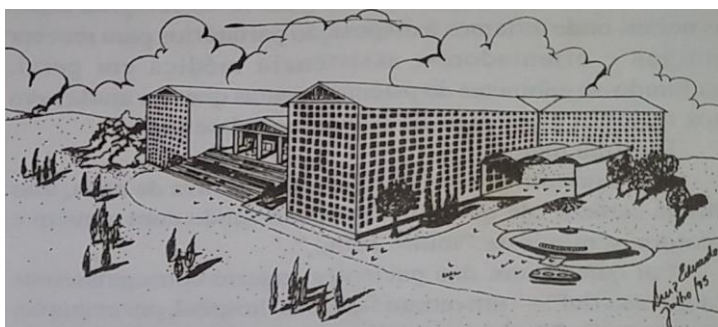
Jesus compreendeu a indecisão dos filhos da Terra e, transmitindo-lhes a palavra da verdade e da vida, fez a exemplificação máxima, através de sacrifícios culminantes.

A existência de uma teoria elevada envolve a necessidade de experiência e trabalho. Se a ação edificante fosse desnecessária, a mais humilde tese do bem deixaria de existir por inútil.

João assinalou a lição do Mestre com sabedoria. Demonstra o versículo que somente os que concretizam os ensinamentos do Senhor podem ser bem-aventurados. Aí reside, no campo do serviço cristão, a diferença entre a cultura e a prática, entre saber e fazer.

Emmanuel

A dádiva do nosso hospital



DESENHO MEDIÚNICO, FEITO POR LUIZ EDUARDO,
COM ACESSORIA DOS OUTROS VIDENTES:
ELIANA, MÍRIAN, CRISTINA, CARLOS, E MARZOLA.

Poucos dias depois da inauguração do nosso atual recinto de reuniões, soubemos pelos videntes que a poucos metros dali surgira enorme construção espiritual com o nome *Instituição Hospitalar Grupo Valerium* inscrito no frontispício. Ao final da reunião, sem havermos entendido o que se passava, comunicou-se um dos

Mentores, e, delicadamente, sugeriu acrescentássemos ao tradicional nome Grupo Valerium as palavras Instituição Hospitalar.

Muita coisa mudou nos trabalhos. Uma delas foi sugerir às pessoas que aproveitassem bem as horas de sono (batizamos de "sono útil"), solicitando cada qual a Jesus, insistentemente, durante a vigília, lhe fosse enviado um espírito de boa vontade, a fim de guiá-lo ao Hospital todas as noites, onde teríamos à disposição parlatórios para receber amigos e orientadores, assistência médica em geral, incluindo-se gabinetes de psicoterapeutas que nos ajudassem nos reajustes espirituais de que necessitássemos.

Foi uma maravilha!

A maioria informava que não se lembrava de nada, mas "tinha certeza" de que estivera conversando com alguém e acordou sentindo-se "muito bem..."

Foi quando um dos pacientes sugeriu conseguíssemos "algo material"—um retrato falado do hospital, por exemplo, que muito facilitaria a mentalização dos interessados quando orassem pedindo para vir a ele.

A ideia foi imediatamente aceita e a transmitimos a um companheiro vidente e bom de desenho. Com sua boa vontade de sempre, em menos de uma semana o desenho nos foi apresentado e "retocado" por outros videntes.

Muita coisa começou a se "encaixar" no funcionamento do grupo. Raras vezes passa uma sessão sem que algum paciente seja convidado a vir à noite ao hospital, onde terá tratamentos especiais, geral mente cirurgias no perispírito, não só curando-se de enfermidades já existentes como evitando futuras somatizações.